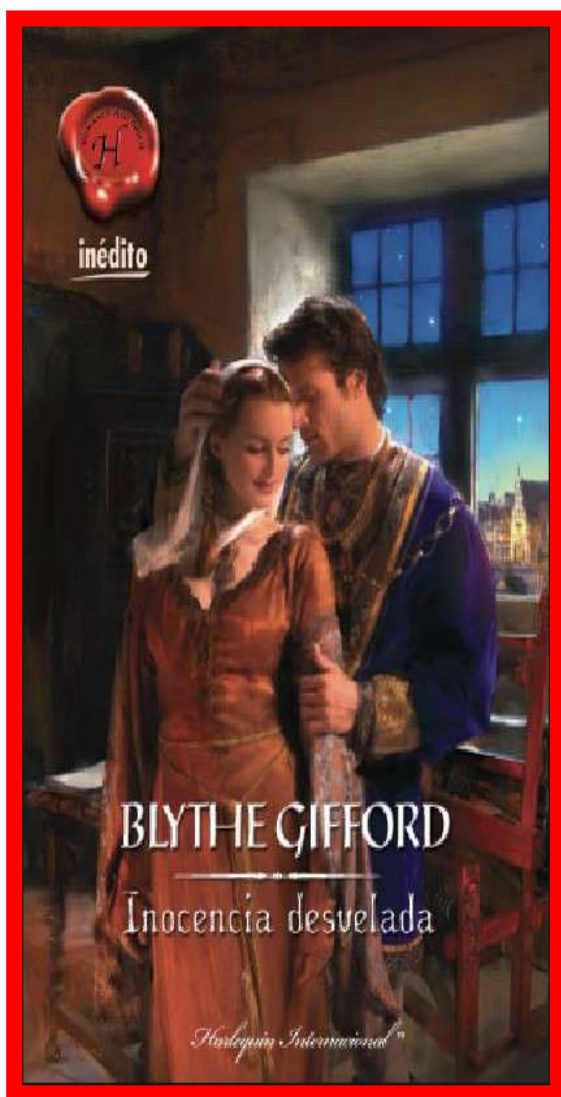




Blythe Gifford

Inocência Revelada





Sinopse:

Ele era um homem com segredos. Ela, uma mulher cheia de mentiras.

Lady Katrine de Gravere aceitou, a seu pesar, dar proteção àquele misterioso e sedutor comerciante. Em troca receberia lã suficiente para encher seus teares.

Dormindo sob o mesmo teto, sempre com a tentação de acariciar seu cabelo vermelho como o fogo, Renard se perguntava se aquela inocente tecelã suspeitaria quais eram os verdadeiros motivos pelos quais ele estava ali. Em uma cidade em que ninguém parecia ser quem era em realidade, Katrine o fazia desejar coisas proibidas para ele.

Mas, podia confiar que ela não o traísse?

Revisão Inicial: Edith
Revisão Final: Rafaela Regis
Visto Final: Heloisa
Projeto Revisoras Traduções

Nota da autora:

No século XIV, antes da grande guerra que enfrentou a Inglaterra e a França durante cem anos, Inglaterra enviou uma embaixada aos Países Baixos com o propósito de ganhar aliados para o rei inglês. As crônicas da época contam que a delegação incluía um grupo de cavaleiros que levavam um tampão no olho e que se negavam a falar até que tivessem levado a cabo algum ato de valentia contra os franceses.

Eu imaginava a esses cinquenta cavaleiros desembarcando na praia a lombo de seus cavalos, para logo fazer uma solene entrada na cidade. Mas, em minha fantasia, um desses cavaleiros tirava o tampão e partia só.

Esta é sua história.

Capítulo 1

Flandres, Países Baixos. Primavera de 1337

As sombras ocultavam o rosto do desconhecido, mas apesar dos fortes batimentos de seu coração, Katrine ouviu a ameaça que havia em sua voz.

—Você decide — disse ele. —Posso lhe conseguir a lã que necessitam, mas se deixar passar a oportunidade... — o ligeiro movimento de seus ombros tampou os raios de sol matutinos que penetravam na estadia. —Há muitos outros compradores que estarão dispostos.

—Todos os tecelões de Gante estarão dispostos. Katrine tratou de ocultar o tremor de sua voz.

Não era nenhum segredo. Privada da lã que era seu sustento, aquela cidade, que se dedicava à fabricação de tecidos e roupa, morreria de fome. Por isso, de um modo temerário, Katrine aceitou escutar aquele desconhecido que afirmava poder achar lã para seus teares. Ele não a necessitava, mas ela sim necessitava de sua lã. Desesperadamente.

Com os braços cruzados, o contrabandista se apoiou contra a parede, invadindo o espaço como se lhe pertencesse.

—Decida senhora. Faça um trato comigo ou morra de fome.

Contra o tear, Katrine sentiu a madeira lhe apertando a coluna como as estacas da fogueira de um mártir. Acariciou os fios em busca de um pouco de força, estes estremeceram sob seus dedos. Ao levantar o olhar, tentou interpretar o que via em seus olhos, mas o sol deixava o rosto dele na escuridão. Não devia ceder muito cedo ou não poderia negociar com ele.

—Sua voz não tem acento de Gante — não sabia nada daquele homem, nem sequer como se chamava. —De onde você é?

Um raio de sol iluminou uma mecha de seu cabelo avermelhado. A princípio não disse nada e Katrine começava a perguntar-se se a teria ouvido quando por fim respondeu:

—Nasci em Brabante.

A resposta parecia confiável. O ducado vizinho era um dos seis feudos que se agrupavam junto ao canal que afastava a Inglaterra da França. Ao menos assim poderia descobrir que produtos ele oferecia.

Com os dedos escondidos entre as dobras da saia, Katrine beliscou o tecido, o qual lhe deu certo consolo.

—Minha marca aparece só em materiais de primeira qualidade. Compro com muito cuidado. Esse seu tecido é inglês ou espanhol?

—Inglês.

—Muito bem — com as mãos entrelaçadas no colo, Katrine começou a caminhar de um lado para outro, enquanto considerava as diferentes opções que tinha ante si. Era melhor não perguntar como tinha caído em suas mãos aquele tecido. O rei inglês tinha requisitado todos os

carregamentos que chegaram a Flandres nos últimos nove meses. De onde são as ovelhas? Prefiro os rebanhos cistercienses aos de Tintern Abbey, embora aceitaria lã de Yorkshire.

—Aceitaria?— Perguntou ele, com um irônico sorriso desenhado nos lábios. — Aceitaria algo que eu lhes ofereça. Não têm outra escolha.

"Santa Catalina, o que devo fazer?"

Tinha pedido a todos os comerciantes de tecido, algo que pudessem lhe vender, brigou pela lã de ínfima qualidade que crescia no lombo das ovelhas flamengas, inclusive tinha dado instruções a seus tecelões para que tecessem tecidos mais soltos, com a esperança de que logo ficassem mais firmes ao limpá-los e sacudi-los.

Não restava nada mais a fazer.

Tinha suplicado ajuda a seu incompreensivo tio, mas muito temia que, a menos que confiasse naquele misterioso desconhecido, não teria negócio algum que continuar se retornasse... não, quando seu pai retornasse.

O certo era que as mãos grandes e fortes do desconhecido lhe pareciam confiáveis, inclusive lhe eram familiares.

—Quanto pode conseguir?— Perguntou-lhe.

—Pode ser um saco.

—Isso um único tecelão gastaria em menos de uma semana — disse ela, em tom zombador para ocultar a decepção.

Ele não mudou de postura.

—Um saco é muito mais do que têm neste momento.

Ela apertou os dedos como se estivesse rezando.

—Qual é seu preço? No caso de aceitar a oferta.

—Vinte e cinco libras de ouro por saco. Adiantado.

—Quinze — se negociasse bem, possivelmente poderia pagar três sacos com o ouro que seu pai lhe deixou. —Ao receber a mercadoria — apertou os dentes por trás de um sorriso de Santa.

—Vinte e oito.

O sorriso se apagou de repente.

—Mas você acabou de dizer vinte e cinco.

—Amanhã direi trinta se desejar muito. Não tente me regatear, senhora. Não têm nada com o que negociar.

A luz do sol iluminou de repente seus olhos pela primeira vez, o azul índigo tingia o fundo cinza de seu olhar. Parecia estar a ponto de piscar um olho.

—Ou talvez sim tenha algo — acrescentou suavemente.

Algo mais do que o medo fez com que lhe ardessem as faces e lhe gelou os dedos. Algo que tinha muito que ver com ele.

Mudou a postura para reprimir a traição de seu corpo, cruzou os braços sobre o peito.

—Eu só negocio com ouro. Quero a lâ, mas tenho outro fornecedor — confiava em seu tio só um pouco mais do que confiava naquele desconhecido, mas não ia deixar que ele soubesse, já tinha muita vantagem sobre ela. —Se sua oferta for melhor, comprar-lhe-ei três sacos e nota promissória vinte por cada um: dez adiantados e o resto na entrega. Se quiser mais... titubeou uns segundos. — Se quiser mais dinheiro, peça a outro desses compradores que estão esperando.

—Não importa o que diga, é seu marido quem tem de tomar a decisão.

Katrine levou a mão ao véu de freira que ocultava seu cabelo vermelho. O toucado de mulher casada era uma das pequenas mentiras de sua vida, uma que tinha chegado a fazer parte dela, até tal ponto, que esquecera que ele significava ter um marido que controlava tudo o que ela fizesse.

—Tenho permissão para decidir neste assunto com total liberdade.

Na ausência de seu pai, a associação de tecelões tinha lhe dado permissão para dirigir os negócios, mas corria o risco de ultrapassar os limites das normas da associação. E de sua paciência.

Esperava que ele desse meia volta, como fizeram muitos outros que se negavam a fazer negócios com uma mulher. Entretanto, quando o contrabandista falou por fim, fez isso com grande respeito.

—Negocia como um homem, senhora, assim suponho que dirige bem seu negócio.

—Assim é — se limitou a dizer e logo guardou silêncio, à espera de sua resposta. Fora, o vento moveu o pôster com a margarida de quatro pétalas.

Ele mal moveu a cabeça para assentir.

—De acordo.

De seus lábios escapou um sincero suspiro de alívio.

—Desde que o outro fornecedor não melhore sua oferta — agora tinha uma opção em caso de que lhe falhasse seu tio. —Terá uma resposta ao final do dia de hoje.

—Assegure-se de que assim seja — se alguma vez houve respeito em sua voz, agora desapareceu. —Não vou esperar seu desejo tendo outros compradores dispostos.

—Se lhe disser que sim, quando poderei ver minha lâ?

Ele encolheu os ombros.

—Me alojarei aqui enquanto faço todos os preparativos.

—Aqui?— Foi uma loucura negociar com um desconhecido, que já estava mudando as condições do trato.

—A menos que queira que nosso negócio apareça na ordem do dia do conselho. Qualquer hospedeiro estará encantado de ganhar umas moedas por informar todos meus movimentos.

Não tinha escapatória. Inglaterra e França se achavam à beira da guerra. Todo mundo desconfiava de todo mundo. Qualquer um se fixaria em um homem alto e de olhos azuis com sotaque estrangeiro.

—Eu vou lhe pagar vinte libras pela lâ. O que me pagará você pelo alojamento?

—Quer reabrir a negociação?

—Foi você quem o fez — aquela resposta fez que Katrine voltasse a sentir-se dona da situação. —Se ficar aqui, o quarto lhe custará cinco pennies por semana e não lhe servirei nenhuma comida. Pode ocupar uma cama no terceiro andar — disse um pouco inquieta ante a ideia de que aquele homem dormisse sob seu teto.

Ele franziu o cenho.

—Com os aprendizes?

—Faz meses que partiram — não tinha motivo para mentir, cedo ou tarde ele teria se informado.

—Não têm aprendizes? Como um negocio de tecido pode funcionar assim?— Falou como se já soubesse a resposta a sua pergunta.

Ela suspirou com tristeza.

—Sem lã há pouco negócio.

Em lugar de estarem repletas de tecidos de lã vermelha, verde e azul com a marca da margarida, as estantes de Katrine estavam vazias.

O desconhecido jogou o saco no ombro sem o menor esforço, o que queria dizer que tinha os braços fortes e levava pouca carga.

—O que fará então com a lã?

Naquele momento poderia vender algo, mas uma cor azul intensa alcançaria um bom preço. Um azul índigo sobre cinza...

Ele a olhou com um meio sorriso nos lábios, como se pudesse adivinhar seus pensamentos, sem revelar os seus.

—Um fio de lã de cor índigo — respondeu resolutamente. —Não o houve no mercado desde antes do Natal, pelo que alcançaria pelo menos uns cinquenta florins. Desde que, claro, que me traga uma lã em boas condições.

—Traga-lhe o que trouxer, pagará.

—É claro. Sou uma mulher honrada.

—Isso as pessoas dizem — disse ao passar junto a ela em direção à escada, mas se deteve junto ao tear e tocou os fios com certa estupidez, era o primeiro movimento inseguro que fez desde que chegou ali. —É, é importante para você, não é?— Perguntou-lhe sem olhá-la.

"Deixo-o tudo em suas mãos, filha. Cuide bem de tudo".

—É toda minha vida.

Observou-a atentamente sem dizer nada, como se tratasse de elucidar que tipo de vida era essa. Katrine fez um esforço por manter-se imóvel, com a esperança de que visse nela à honesta esposa de um membro da associação. Não devia suspeitar quem era ela realmente.

O bater do sino do meio-dia rompeu o silêncio.

—Devo ir — seu tio não demoraria a chegar para comer. Se ele tinha falado com o conde sobre a lã, possivelmente pudesse se despedir daquele contrabandista. —Voltarei antes do meio da tarde, esteja aqui quando retornar.

O homem arqueou ambas as sobrancelhas e pôs-se a rir.

—Também dá ordens aos tecedores, senhora?

—Quando é necessário — o olhou uma vez mais enquanto abria a porta, sem saber se era boa ideia deixá-lo ali sozinho. —Como sei que posso confiar em você?

Ele esboçou uma espécie de sorriso.

—Não sabe.

"Santa Catalina, me ajude a não cometer nenhuma insensatez. Não sei nada sobre ele, entretanto ele me chamou por meu nome ao entrar na loja".

—Ao menos, me diga como se chama.

—Renard.

—Como a raposa?— Todo mundo conhecia as histórias do irreverente enganador Renard a Raposa, que se contavam pelas noites a modo de entretenimento.

Ao responder, o desconhecido piscou um olho.

—Exato.

Enquanto fechava a porta, as palavras do conto ressoaram na mente de Katrine:

"Renard conhece muitos truques e artimanhas. Sempre que deseja muito, engana".

A rua principal estava mais tranquila que de costume, aqueles dias muitos evitavam sair à rua. Sem lâ, não havia trabalho. Os trabalhadores, inclusive os orgulhosos tecedores, escondiam-se em cada esquina, imploravam ou ameaçavam para conseguir alguma moeda ou um pedaço de pão.

Com o cabelo escondido e o olhar baixo, Katrine caminhou para a casa com passos controlados.

"Negocia como um homem".

Inclusive um desconhecido via seus defeitos.

Não se comportava como deveria fazer uma mulher. Desde que seu pai partira, seu tio não deixava de repetir que a mulher nascia débil e pecadora, só com a obediência e a submissão podia alcançar a perfeição: o que queria dizer que só devia sair de casa para ir à missa e devia manter-se afastada de todos aqueles homens que não pertencessem a sua família.

Katrine suspirou e, de repente, deu-se conta de que seus passos se converteram em passadas e de que olhou o ferreiro nos olhos ao lhe dar o bom dia.

Controlou de novo o passo e cravou os olhos no chão para não encontrar-se com o olhar de nenhum outro homem. O mundo que havia fora da loja fazia com que se sentisse prisioneira. Entre as paredes da sala de tecer, era completamente livre. Mas agora um homem invadiu seu refúgio e levou a dúvida ao único lugar no qual podia sentir-se segura.

Entretanto, rezou para que seguisse ali a sua volta.

Vinte libras de ouro, pensou Renard enquanto via Katrine caminhando para a praça do mercado de peixe. Deveria tê-la obrigado a pagar trinta.

Começou a andar com passos pequenos, mas antes que ele a perdesse de vista, seus passos converteram-se em passadas tão firmes, que Renard começou a pensar que ela poderia ter realmente algum outro fornecedor de lâ. Massageou um pouco os músculos do pescoço e os ombros e tratou de distendê-los, esquecendo-se do mau trato ao qual tinha chegado. Que

importava o preço que acertasse para uma lã que nunca entregaria? Poderia havê-la vencido sem nenhum problema se assim quisesse.

Ele era o grande negociador. Sempre controlava esse tipo de situação, percebia até a dúvida mais indiscernível na voz de seu oponente e assim sabia que o levou ao limite, que encontrou seu ponto fraco, identificou o que mais temia perder. Com tal poder, Renard sempre fechava qualquer trato com suas próprias condições.

Possuía um talento que foi de grande utilidade para o rei durante muitos anos.

Aquela mulher não era nenhuma provocação. Uns seios e uns quadris ocultos debaixo de uma espécie de mortalha de lã. Não era absolutamente o tipo de mulher que tentaria um homem. Nem ele era o tipo de homem que se deixava tentar.

Depois de dar-se conta, com surpresa, de que seguia observando uma rua em que ela já não estava, Renard se afastou da janela e subiu a escada: observou que o terceiro degrau rangia, pelo que teria de evitá-lo no futuro. A casa era tão tranquila como imaginou, depois de observá-la durante dias. De fato, dava a sensação de que não vivia ninguém ali.

Apareceu um dormitório do primeiro andar, estava cheio de pó pela falta de uso, e se perguntou onde ela dormiria. Não ficaria ali tempo suficiente para averiguá-lo.

Já no terceiro andar, teve que agachar-se um pouco para não golpear o teto abobadado e deixou a bolsa no chão. Não levava muitas coisas dentro da bolsa: uma túnica limpa, uma capa, um pouco de seda vermelha e um pouco de lã gasta, oculta no fundo da bolsa.

Lã cisterciense. Qual era a diferença?

Com muito cuidado para que ninguém o visse, foi até à pequena janela que dava para o jardim traseiro e calculou a distância que havia até uma árvore próxima. Não era a via de escapamento ideal, mas ao menos ninguém poderia vê-lo. Recolheu a bolsa, pegou um ramo e desceu ao chão sem dificuldade.

"Esteja aqui quando retornar", ordenou ela, como se ele fosse esperar só porque assim ela desejava.

Para ela parecia ser muito importante. A necessidade fazia com que lhe brilhassem aqueles olhos castanhos e o medo a que ele rechaçasse o trato tinha esticado seu corpo, agia como se sua vida dependesse de uns sacos de lã.

Esse tipo de sentimentos dava lugar a enganos muito perigosos. Renard deveria ter controlado a situação, deveria ter conseguido cinquenta libras. Em lugar disso, deixou-a ganhar com esse invento de que tinha outro fornecedor. Bom, conseguiu o que queria, não importava que ela acreditasse que logo receberia lã a vinte libras o saco.

Quando retornasse ele já teria ido e a pequena tecelã ficaria esperando sua lã durante muito tempo.

A primeira coisa que Katrine notou ao abrir a porta da acolhedora casa foi o aroma de peixe guisado. Antes quando seu tio ainda não era dono da casa de seu pai e dos ganhos com os que sempre a pagaram, Katrine sempre se encantou com as paredes caiadas e as enormes lareiras. Agora, entretanto, como o barão preferia aquele lugar as escuras, os corredores de pedra de seu castelo, a casa já não parecia sua casa.

Merkin, a criada, levantou o olhar dos pratos que estava colocando na mesa e a saudou com a mão.

—A senhora soube, milady? Vai vir um bispo inglês para assinar a paz com o conde Paz. Só ouvindo a palavra, lhe encheu o peito de esperança.

O rei da Inglaterra e o da França estava há tempos brigando pelo trono como dois cães que brigavam por um osso. Os dois passaram meses e meses tentando conseguir o apoio de Flandres através da força. Primeiro, o rei inglês bloqueou os carregamentos de lã. O conde de Flandres respondeu encarcerando todos os ingleses que se achavam em chão flamengo, depois o rei Eduardo prendeu todos aqueles que tiveram a má sorte de achar-se em Londres.

Entre esses desafortunados estava seu pai.

Agora, o conde e os plebeus estavam em um ponto morto. O conde seguia sendo leal ao monarca francês. O povo, que necessitava da lã inglesa, preferia Eduardo acima de Felipe.

Um acordo com a Inglaterra acabaria com a luta e devolveria seu pai.

—Quando ele chega?

—Não sei — respondeu Merkin. —Mas ouvi que o acompanham quarenta e nove cavalheiros ingleses.

—Quarenta e nove?— Um número estranho. —Por que não cinquenta?

—Não sei milady, mas todos eles usam um tapa olho de seda vermelha noite e dia.

Katrine moveu a cabeça com incompreensão.

—Como se pode lutar com um só olho?

—Não só veem com um só olho, mas tampouco podem falar.— Merkin desceu a voz e adotou um tom de conspiração. —Ouvi que todos eles prometeram a suas damas que usariam um tapa olho e que não falariam com ninguém até que levem a cabo alguma proeza contra os franceses— de seus lábios saiu um suspiro. —Não lhe parece romântico?

—Romântico?— Katrine sentou no banco e levou a mão à cabeça. Em seus dezesseis anos, Merkin ainda se deixava levar pelas fantasias de vez em quando, embora normalmente fosse uma moça muito sensata. —Meu pai se encontra na prisão, meus cofres estão vazios, Inglaterra e França estão à beira da guerra e os ingleses não têm nada melhor que fazer que galopar por nossos campos com tapa olhos — soltou uma triste gargalhada. —E meu tio não deixa de dizer que são as mulheres que estão loucas!

—Há, aqui está — sua tia Matilda olhou para o lugar de onde procedia a risada de Katrine ao entrar pela porta. Os fracos olhos de Matilda mal conseguiam ver o que tinham na sua frente. Anos e anos tratando de ver mais à frente lhe deixou a testa cheia de rugas. —Estávamos preocupados. Quantas vezes lhe dissemos que não saia à rua sozinha?

"Todos os dias durante os últimos nove meses", pensou Katrine, ao mesmo tempo em que pedia uma vez mais a Santa Catalina que a perdoasse. Ao menos a Santa sempre tinha escutado aquela menina órfã de mãe.

—Sem aprendizes, eu tenho que fazer tudo.

Era melhor que sua tia pensasse que saía de casa só por necessidade.

—Bom, me alegro de que já esteja aqui, Catherine — sua tia falava o francês dos nobres, pelo que sempre a chamava "Catherine" em lugar de "Katrine", que era o nome flamengo. — Necessito que diga à moça que o barão não gostou do vinho que ela comprou ontem e no futuro compre sempre vinho gascão.

—A moça se chama Merkin — disse Katrine, antes de traduzir a mensagem em um tom menos brusco que o que utilizou sua tia. Matilda utilizava o flamengo que falavam os trabalhadores o menos possível, o que era uma sorte porque não o fazia nada bem.

Merkin levantou o olhar para o céu e balbuciou algo parecido a "*Sem lã não há vinho*".

Katrine esboçou um sorriso. De repente a porta se abriu com um golpe e o sorriso se esfumou de seus lábios. Charles, barão de Gravere, estava em casa.

—Esses estúpidos ingleses acreditam que a lealdade pode ser comprada — gritou seu tio, enquanto seus homens entravam atrás dele e foram direto ao vinho diluído em água que estava já servido para a comida.

Sua tia saiu disparada para ajudar o escudeiro que estava tirando a espada do barão. Ao ver a lentidão com a que Matilda desfazia o nó da capa, o barão a afastou com impaciência e rasgou o tecido, que sua esposa teria que voltar a costurar. Matilda se agachou a recolher a capa quando ele jogou ao chão.

—Amanhã partimos para Gravere — anunciou, ao mesmo tempo em que se sentava à mesa. —O castelo deve estar preparado, se por acaso os ingleses tiverem a ousadia de atacar.

Katrine sentiu que lhe encolhia o estômago.

—Achei que deviam falar de paz.

—Tolices! Esse rei Eduardo se comporta como um mercador, não como um monarca — seu tio bebeu a taça de vinho com um gole e a deixou sobre a mesa com um golpe para que sua mulher voltasse a enchê-la. O vinho do barão jamais levava uma gota de água. —Acredita que o ouro inglês fará com que o conde rompa o juramento de lealdade que fez ao rei Felipe.

"*Se ele tivesse o estômago tão vazio como seus súditos, sem dúvida o faria*". Ouviu milhares de vezes, como seu tio elogiava a lealdade do conde pela flor de lis francesa e sempre pensou que lhe importava mais a lealdade do que o bem estar de seu povo.

Sem dúvida era necessário que houvesse um rei. Em troca de lealdade, ele dava amparo, mas a tal lealdade era um luxo que só podiam permitir aos nobres, um luxo que para Katrine parecia absurdo. Enquanto os senhores brigavam, o povo sofria. O que importava aos tecedores quem ocupasse o trono da França? Por que teria que preocupar aos tintureiros se a coroa passava ao filho ou à filha? A lã era necessária reinasse quem reinasse.

Seu tio levantou sua taça.

—Por Felipe de Valois, agora e sempre, rei da França.

Os homens fizeram coro com a boca cheia sem sequer levantar o olhar.

Katrine apoiou o rosto sobre as mãos. Os ingleses prometeram realizar proezas contra os franceses. O chão de Flandres se encheria de sangue, um sangue tão vermelho como seus tapas olhos.

E talvez ela nunca mais voltasse a ver seu pai.

—Sabe algo de meu pai? Pediram resgate?

—Isso não preocupa a ninguém neste momento.

"E muito menos a você".

—E sobre a minha lã? Não poderia o conde conseguir um pouco de lã da França? Não seria tão boa, mas ao menos teria algo que tecer.

—Não perguntei — respondeu seu tio, carregando a colher de peixe e verdura.

—Prometeu-me isso! — Explodiu sem poder evitar. Os homens que ocupavam a mesa mais próxima a olharam. Continuou falando em voz mais baixa. —Não posso fazer tecido sem lã — disse furiosa com o conde, com os franceses, com os ingleses e com todos aqueles para quem importava mais os assuntos de estado que a vida do povo. —O conde é mau para os negócios.

—Cale-se, Catherine. Se alguém a ouvisse, poderia acabar na prisão.— Matilda olhou com nervosismo os cavalheiros que seguiam comendo. —Todos nós poderíamos acabar na prisão.

—Não importa a ninguém o que ela pensa — disse seu tio, dando de ombros. —Leva no cabelo a marca do demônio, fala francês com sotaque flamengo e tem calos nas mãos. Nenhum homem de sangue nobre sujaria seu nome com ela.

Katrine fechou os olhos uns segundos ao ouvir aquelas palavras que tanta dor lhe causava. Seu tio fazia que sentisse vergonha de si mesma. Em seguida afastou a dor de sua mente.

—Mais uma razão para que me dedique por inteiro a tecer — ao menos assim podia fazer algo de valor.

—Já temos suficiente desgraça por meu irmão ir contra os desejos de Deus e brandir as tesouras em lugar da espada para a qual nasceu. A princípio a família tinha aceitado a afeição de seu pai ao negócio do tecido. Era o filho mais novo e o ouro que ganhava nunca vinha mal, mas agora que não estava e tampouco havia ouro, seu tio mostrava seus verdadeiros sentimentos. — Deixou que crescesse como se fosse filha desse tecedor em lugar de descendente de um nobre.

—Esse tecelão tinha um nome — Giles de Vos, o sócio de seu pai, morreu sem filhos dois anos antes e deixou para ela sua parte do negócio. Katrine sentia falta dele quase tanto quanto de seu pai. —Sempre abriram as portas de sua casa ao tio Giles quando os teares convertiam a lã em ouro.

Aquilo desatou a fúria de seu tio até o ponto de lhe fazer ficar em pé de um salto.

—Não o chame assim! Não era mais que um burguês vulgar. Seu tio sou eu.

Katrine também ficou em pé e falou sem se preocupar com quem mais pudesse ouvi-la.

—Tomara que eu tivesse seu sangue e não o seu.

—Basta!— Exclamou ao mesmo tempo em que levantava o punho.

A mão de sua tia o deteve.

—Cuidado com o que diz Catherine. Peça desculpas.

Fez-se um silêncio ensurdecedor.

—Sinto tê-lo ofendido — disse para ganhar tempo. Lamentou não ser como o contrabandista de tecido, que não deixava que saísse uma palavra de seus lábios sem antes pensar bem no que ia dizer. —Falei sem pensar.

—Agora vá arrumar suas coisas — disse Matilda. —Ouvii seu tio, partimos esta tarde.

Katrine baixou a cabeça e mordeu a língua, aliviada de poder escapar para o seu quarto. Tinha que sair da casa sem que ninguém a visse e voltar para a loja para ver aquele misterioso desconhecido que era sua última esperança.

Rezou para a Santa para que ele ainda estivesse ali.

Capítulo 2

Renard caminhava depressa pelo caminho de sirga, adiantou-se a um asno ao passar debaixo de uma das inumeráveis pontes da cidade. Tudo era diferente naquele lugar de telhados escalonados e canais de água. Sentia saudades do ar da Inglaterra.

O ourives que lhe abriu a porta da casa de pedra, na frente do canal, olhou para ambos os lados antes de deixá-lo entrar.

—Parte hoje?— Perguntou-lhe.

—Amanhã — respondeu Renard, enquanto subia as escadas que conduziam ao piso superior.

Compreendia o nervosismo daquele homem, era preciso muita coragem para dar refúgio a um mercador inglês disfarçado.

Teria necessitado muito mais de coragem se soubesse que na realidade estava cobrindo um rei.

Ao olhar para o rei Eduardo, em pé junto à janela, Renard se perguntou como era possível que o ourives não se desse conta. O sol iluminava seu cabelo e fazia com que brilhasse como o halo dourado de um santo. Eduardo Plantagenet nunca necessitou procurar a luz, pois o sol sempre o seguiu. Alto, forte, vigoroso... nenhum homem poderia ter tanto aspecto de rei.

Eram muitos os que diziam que Eduardo e Renard poderiam passar por irmãos, ambos eram guerreiros altos, enérgicos, jovens e de olhos azuis. Mas o cabelo loiro e a inquieta energia de Eduardo brilhavam como o sol, enquanto que o cabelo castanho de Renard, sua atitude controlada e seu misterioso passado recordavam mais às sombras do ocaso.

Renard inclinou a cabeça em uma leve reverencia.

—Alteza.

—Aqui está. O que encontrou?— Eduardo parecia necessitar de boas notícias.

Com a permissão do rei, Renard se serviu de um pouco de vinho.

—Não há lã em toda a cidade, Alteza. Todos os tecedores escutaram minha oferta. Poderia esvaziar o armazém de Bruxelas — poderia havê-lo feito se tivesse recebido alguma moeda por suas promessas. —O povo o apoia, só resistem os nobres.

Renard havia se oposto à viagem de Eduardo desde o começo, mas o rei insistiu em entrar nas terras com a delegação oficial para avaliar a situação pessoalmente.

Renard se adiantou incógnito para pôr em prática o oxidado manejo do flamengo em nome de seu rei.

Eduardo apertou com força a taça que tinha na mão.

—Possivelmente deveria me reunir eu mesmo com o conde.

Renard negou com a cabeça.

—É melhor que ninguém saiba que está aqui.

—Com certeza o bispo pode convencê-lo assim como fez com outros três. Só restam Brabante e Flandres.

Renard teria apostado que os outros ducados tinham prestado seu apoio ao rei porque eram família da rainha Philippa e não graças aos dotes de persuasão do bispo, mas preferiu não dizê-lo.

—Partirei para Brabante amanhã mesmo.— Renard tinha solicitado tal missão, que ia obrigá-lo a enfrentar seu passado.

Eduardo perambulava pelo aposento com a taça na mão.

—Eu tenho que partir de Flandres. Caso não se reate o comércio rápido, meus produtores de lã acabarão tão desgostosos como os tecedores do conde — ficou olhando para Renard uns segundos. —Brabante pode esperar. Fique aqui.

—Mas também necessita do apoio do duque.— Renard falou com voz tranquila, mas o certo era que estava cansado de viver ao desejo do rei. Eduardo sabia perfeitamente que a viagem de Renard a Brabante era algo mais que uma missão diplomática.

—Sim, e confio plenamente que você o consiga, mas se o bispo fracassar aqui, vou necessitar de uma alternativa. Se o conde recusar-se a criar uma aliança com a Inglaterra, terá que conseguir que os trabalhadores se rebelem e lhe obriguem a ficar ao meu lado.

Renard engoliu o ressentimento que sentia. O rei jamais controlava o forte temperamento que ambos tinham em comum. Renard, entretanto, devia fazê-lo.

—Não sei se poderei passar por mais um, nem se serei capaz de levantar a multidão — claro que passar inadvertido entre os artesãos não poderia ser mais complicado que introduzir um rei em Flandres sem que ninguém soubesse.

Eduardo se sentou em uma cadeira junto ao fogo e de repente parecia que estava em um trono.

—Não espero que provoque a revolta pessoalmente. Encontre alguém que o faça.

Renard assentiu e ocupou a cadeira que havia em frente a seu senhor, tratando de ocultar sua frustração. O rei lhe pedia que provocasse uma rebelião como se estivesse pedindo um traje de cota de malha.

—Como ordena Alteza.

—Só tem que se assegurar de que o embargo continua. Quanto mais tempo ficarem sem lã, melhor para meus propósitos. Isto não lhe levará mais que umas semanas, depois poderá ir a Brabante e logo voltar para casa.

Isso era algo que Renard desejava, mas o certo era que não tinha nenhum lugar ao qual retornar: não tinha família, nem terra, nem nada que não lhe tivesse conseguido o rei. Chegou a

considerar a possibilidade de casar-se, mas como filho ilegítimo, teria muito pouco que passar a um filho legítimo.

Eduardo lhe pôs a mão no ombro.

—Necessito de Flandres seja como for; seja graças a você ou ao bispo. Se você o conseguir, recompensá-lo-ei com algo tão importante como o que fez. Algo como... — de repente lhe iluminou o rosto. —Já sei!— Golpeou o braço da cadeira. —Me consiga Flandres e o farei bispo.

Bispo.

Renard sentiu que lhe acelerava o coração como se acabassem de chamá-lo à batalha, mas pôs em prática todos os anos que levava contendo suas emoções. Aquela recompensa era tão grande como poderia ter esperado. Uma posição de poder afastada das tentações da carne. Algo que nem sequer o próprio rei poderia lhe arrebatara uma vez que fosse sua.

—Honra-me, Alteza.

O rei sorriu.

—É claro. Não posso dirigir o país sem o dinheiro da igreja. Há muitos que acreditam que seu Papa é mais importante que seu rei. Assim necessito de bispos em que possa confiar.

Mas como bispo, o poder e a posição de Renard já não dependeriam do rei.

—Não será fácil. Alteza — o rei podia propor a alguém como transforma-lo em bispo, mas o Papa devia confirmar sua nomeação. —Ainda não tenho idade para ser bispo.

Eduardo desprezou imediatamente tal ideia.

—Isso é ridículo. Eu subi ao trono aos quinze anos, você pode ser bispo antes dos trinta.

—Não levei uma vida de celibato e contemplação.

Eduardo ficou em pé com impaciência e voltou a caminhar de um lado a outro da estadia.

—Tampouco o têm feito qualquer um dos bispos que eu conheço, exceto possivelmente o de Stoningham, mas nunca confiei muito nele.

Renard se levantou também, embora mais devagar e se apoiou na parede. Nem sequer quando se achavam a sós, atrevia-se a permanecer sentado se o rei ficava de pé.

—Não é nenhum libidinoso, Renard. De fato, não me viria nada mal um pouco de seu autocontrole.

—Eu respeitarei os votos que fizer.— Não como outros que rompiam mais dos que cumpriam.

A luxúria e a insensatez o haviam trazido para este mundo sem nome nem posição e se negava rotundamente a cometer o mesmo engano. Durante toda sua vida tinha lutado contra a paixão como se fosse seu pior inimigo. Embora não tivesse podido derrotá-la sempre, normalmente conseguia obrigá-lo a abandonar o campo de batalha.

Se ele se convertesse em bispo, afastar-se-ia para sempre da tentação.

—Mas...— seguiu dizendo Renard — ainda fica o assunto de minha posição social.

O rei deixou de andar e voltou a olhar para Renard fixamente.

—Sou consciente de que um bastardo precisa de uma dispensa do Papa, mas pode conseguir-se com uma carta de recomendação do bispo de Clare.

Fez um esforço para não rechaçar o apoio de um hipócrita pomposo como Henry Billesch, bispo de Clare. Depois de negar-se a apoiar a ascensão ao trono do jovem Eduardo, aquele homem mudou de posição quando se deu conta de que se converteria em rei de qualquer modo.

—Pode ser que não queira me ajudar.

O rei tomou o vinho que restava na taça.

—Conhece bem os pecados humanos, compreenderá o seu.

Dessa vez não pôde conter-se.

—Mas Alteza, o pecado não foi meu.

O temperamento que ambos tinham explodiu. Eduardo lançou ao fogo a melhor taça do ourives.

—Fala do sangue que compartilhamos! Acaso esqueceu que não tem mais do que eu lhe dei?

—É claro que não, Alteza.

Se Renard tivesse sido o filho ilegítimo de um príncipe, teria tido um lugar à sombra do trono, mas era o filho de uma princesa, pelo que a verdade de sua origem, e da vergonha da tal princesa, era um segredo que só o rei conhecia.

Com a rapidez com a qual as nuvens passavam diante do sol, uma gargalhada fez desaparecer a ira de Eduardo, que passou um braço pelos ombros de Renard.

Sua risada queria dizer que perdoava a ofensa de Renard e o gesto significava que perdoava a si mesmo por insultar seu primo.

Com um sorriso nos lábios, o rei foi pegar sua taça e surpreendeu-o não encontrá-la sobre a mesa. Renard lhe ofereceu a sua.

—É muito duro com os que não são mais que simples mortais, meu amigo — um incomum momento de reflexão fez que a energia do rei se detivesse por um instante. —Por uma vez, eu gostaria de vê-lo ceder humildemente ante a paixão. Pode ser que encontrasse a alegria que encontrei com minha rainha.

Renard negou com a cabeça. Por algum motivo a luxúria era um dos sete pecados capitais. A paixão era uma força capaz de fazer com que uma pessoa ficasse completamente impotente, como foi com sua mãe ao não poder resistir a quem? Esse era um segredo que nenhum dos dois conhecia.

—Estarei encantado de fazer os votos.

—Pode estar certo, amigo meu — Eduardo lhe pegou o ombro. —É a maior honra que posso lhe conceder, mas uma vez que seja outorgada, não voltará a ser Renard, nunca mais.

De repente se deu conta, com grande vergonha, de que pôs tanto empenho em controlar a alegria, que nem sequer agradeceu a seu amigo de infância. Poder. Posição. Teria tudo o que lhe negou o segredo de sua origem.

—Me perdoe Alteza. Não há nada que deseje tanto.

Ao menos nada que pudesse lhe dar o rei. Eduardo poderia lhe conceder muitas coisas, mas nunca poderia reconhecer publicamente que era membro da realeza. O rei inclinou a cabeça e voltou junto à janela, de onde olhou ao outro lado do canal como se pudesse ver todo o caminho que conduzia a Paris.

—Há algo que desejo com todas minhas forças, Renard, e você vai assegurar-se de que o consiga.

Renard não se deixou levar pelo ciúme que sentia. Eduardo já tinha uma coroa, por que necessitava outra?

Na realidade sabia bem a resposta. Desejava algo que lhe correspondia por direito de nascimento e que lhe foi negado porque o herdou da filha de um rei, em lugar do filho.

Isso era algo que Renard compreendia bem.

—Pensa-o um momento, Renard, terá um anel de bispo tão grande como o de Clare — lhe disse rindo. —E não terá que se inclinar nunca mais ante mim.

Renard sorriu pela primeira vez.

—Um bispo só se inclina ante o Papa e ante Deus.

Agora que não podia partir da cidade, sabia que não poderia continuar impondo sua presença ao ourives. Necessitava de um lugar seguro e discreto onde ficar.

Possivelmente a casa da tecelã pudesse lhe servir. Em uma cidade cheia de pessoas, uma casa vazia era o lugar perfeito onde esconder-se. Mas se tinha que ficar ali, devia averiguar algo mais sobre aquela mulher de língua afiada a quem tinha seguido desde o mercado de tecidos. Sua casa poderia ser o refúgio ideal.

Mas também poderia converter-se em uma armadilha.

Ao voltar para a loja, Katrine não achou ali nenhum desconhecido de olhos azul índigo. Buscou-o no andar de baixo e depois, já frenética, subiu as escadas.

—Renard?

Não obteve resposta alguma aos seus indecorosos gritos.

Aquele homem ameaçou encontrar outro comprador. E se não a tivesse esperado? No piso superior não achou mais que as camas vazias, abandonadas há tempos pelos aprendizes. Teria deixado ali sua bolsa? Em tal caso, saberia que ia voltar.

Mas não achou nada.

Procurou debaixo de todas e cada uma das camas enquanto tentava conter o pranto. Moveu as débeis estruturas de madeira, a palha que continham caiu sobre o chão até que a desordem do aposento refletiu seu estado de ânimo.

Ele era sua última esperança. O que diria a seu pai, se ela era incapaz de cumprir a promessa que lhe fez?

Depois de uns segundos, com o olhar cravado ao outro lado da janela, respirou fundo e pensou em como deixou o quarto. *"Santa Catalina, conseguirei alguma vez controlar meu gênio?"*

Quando deu meia volta para ordenar aquele caos, encontrou-se com o desconhecido com uma adaga na mão.

Parecia mais alto do que recordava e o azul de seus olhos era ainda mais intenso.

Tinha acreditado que sua volta faria com que sentisse alívio, mas a incerteza que lhe encolheu o estômago se parecia mais ao medo. Ou à excitação.

—Ah — disse levantando bem o rosto — o filho pródigo voltou.

Renard deixou sua bolsa no chão e embainhou a adaga, cujo punho de prata brilhou com o sol da tarde que entrava pela janela.

—Disseram que devia vigiar a casa. Pensei que era um ladrão.

Katrine soprou ao olhar ao chão, sentia-se estúpida. Teria presenciado seu ataque de ira? Não havia desculpa para tal comportamento, assim o melhor era fazer como se nada tivesse acontecido e ameaçá-lo como se fosse um aprendiz extraviado.

—Disse-lhe que estivesse aqui na minha volta. Onde estava?

A palha rangeu sob seus pés quando se aproximou dela.

—Não recordo que o trato ao qual chegamos incluía dar-lhe conta de minhas idas e vindas, senhora — lhe disse, em um tom tão duro como o fio de sua adaga. —De fato, ainda não resolvemos o trato.

—Não, está certo — concordou ela.

Agarrou-lhe o queixo com dedos frios e firmes que lhe viraram o rosto para a janela, como se quisesse observá-la à luz do sol. Katrine teve que fazer um esforço para continuar respirando.

—Seu outro fornecedor fez uma oferta melhor?

Uma ligeira piscada a delatou.

—Então deduzo que o trato fica resolvido.

—Sim — afastou o rosto de sua mão e começou a ordenar o aposento.

Ele se ajoelhou a seu lado e começou a encher um colchão com a palha que havia no chão. Katrine se surpreendeu que se dignasse a ajudá-la, mas continuou enchendo os colchões sem dizer nada. Tentou analisar seu rosto, mas seu gesto parecia imperturbável. Que tipo de homem era o que ajudava a ordenar um caos que ela mesma provocou? Merecia seu agradecimento por isso.

—Agradeço-lhe por isso — disse quando terminaram. —Por que me ajudou?

—Se vou dormir aqui, devo manter um pouco de ordem.

Katrine engoliu a saliva. Dormir de repente pareceu um ato muito íntimo.

—Mudei de opinião. Não é seguro alojar-se aqui, deve procurar outro lugar.

Ele negou com a cabeça. Seu olhar era implacável.

—Agora não pode mudar o acordo. Quer a lâ, não é verdade?

O ar que os rodeava parecia arder de repente. Katrine começou a temer que aquela lâ fosse lhe custar muito mais do que tinha dado por ela.

—Sim, é claro.

—Então compartilhemos a mesa para selar o acordo.

—Já lhe disse que não lhe oferecia comida alguma — as despensas estavam completamente vazias.

A seus lábios apareceu um sorriso.

—Trago minha própria comida. Parece-me justo compartilhá-la. Fez uma pausa durante a qual manteve os olhos cravados no olhar dela. —Por favor.

Com desconfiança, Katrine se dispôs a dizer que não, mas o certo era que lhe rugia o estômago. Da comida não tinha provado nada. Possivelmente o que havia sentido antes não foi nem medo nem excitação, senão fome.

Assentiu em silêncio.

Ele a seguiu ao andar de baixo, onde se sentou frente ao fogo e tirou uma baguete de pão, um pedaço de queijo e cerveja.

—Sente-se comigo — disse, como se aquele fosse seu lar.

Katrine se sentou no chão. Devia pôr em seu lugar aquele homem se não quisesse que tomasse o controle da situação.

—Têm laranjas?— Perguntou-lhe com um sorriso, à espera de sua resposta.

A laranja era uma fruta muito apreciada nos momentos bons; nos maus se convertia em um luxo.

—Suponho que sabe que há um embargo — respondeu enquanto cortava um pedaço de queijo, que pôs sobre a casca do pão com enorme cuidado.

Nem sequer esse movimento era casual.

—Defrauda-me. Pensava que um bom contrabandista poderia me proporcionar tudo o que desejasse, por custoso que fora.

—Terá que se conformar com o pão e o queijo.

Katrine foi pegar o pão, mas o que tocou foram seus dedos. Ao levantar o olhar encontrou seus olhos. Nenhum dos dois se moveu. Nenhum falou. Sentiu como o calor de sua mão lhe subia pelo ombro e parecia uni-los de algum modo. Algo doce e delicado invadiu seu interior.

Com o rosto ruborizado pela vergonha, afastou a mão e levou o pão com queijo à boca. Ele tomou um gole de cerveja e depois a passou. Katrine bebeu também para poder engolir o pão e teve que esconder a surpresa. Possivelmente fosse forasteiro, mas soube achar o melhor cervejeiro do lugar.

A quem tinha dado proteção sob seu teto? Se não tomasse cuidado, poderia perder seu dinheiro e muito mais.

—Conte-me algo de você, Renard. A julgar pelo trabalho que teve para esquivar-se do embargo dos ingleses, suponho que está de acordo com a aliança que existe entre o conde e o rei Felipe.

—Os reis não têm nenhuma importância para mim — disse, depois de um silêncio e logo a olhou com uma sobrancelha arqueada. —Que importância tem para você, senhora?

Katrine olhou a seu redor. Em uma das cestas ficava tão somente um solitário e diminuto novelo de lã flamenga. As rocas estavam vazias em lugar de carregadas de linho, como as estantes que deveriam ter estado cheias de cilindros de tecido preparados para levar ao mercado.

De repente, desejou que aquele homem pudesse ver o lugar como deveria ter estado: cheio de atividade e de material.

—Como pode comprovar — disse por fim — esta loja foi um de seus campos de batalha.

—De que lado luta? Com os Valois ou com os Plantagenet? Com Felipe ou com Eduardo?

Katrine fez caso omisso a sua pergunta, assim como fez ele com a dela, e se preparou para confrontar o silêncio sem medo. Quanto mais falasse, mais mentiras teria que dizer, assim se limitou a responder:

—Não posso lutar. Só sou uma mulher, não um Chevalier.

—Há muitas maneiras de lutar — disse.

Suas palavras deram o que pensar. Como lutava ele? E para quem?

—Esse seu marido, por exemplo — continuou dizendo. —Onde está?

"Meu marido. Onde está meu marido?".

Tomou um pedaço de pão, tentando pensar. Sua tia Matilda tinha razão: tinha que ter mais cuidado com o que dizia. Estava dizendo muitas mentiras. Jamais deveria ter deixado aquele homem ali só. Se tivesse percorrido a casa em sua ausência, teria se dado conta de que ali não vivia nenhum homem.

Tomou outro gole de cerveja.

—Já lhe disse que agora sou eu a responsável pelo negócio. Ele está fora.

—Fora... puxou aquela palavra como se fosse o fio com o qual poderia desfazer todo o tecido. —E o que está fazendo fora?

Tinha que achar uma mentira que se parecesse com a verdade.

—Comprando, vendendo.

—Comprando e vendendo o que?

Ele se inclinou para Katrine. Estava muito perto. Um raio de sol vespertino iluminou suas maçãs do rosto fortes.

O silêncio se fez tão intenso que Katrine sentiu que devia dizer algo.

—Está tentando achar mais lã — ao menos isso era verdade, embora fosse seu pai e não seu marido quem tinha viajado a Inglaterra em busca de lã.

—Alegrar-se-á muito quando retornar e ver que o conseguiu.

—Alegrar-se-á de que tenha conseguido você.

Seu interlocutor esboçou um sorriso e pareceu dar-se por satisfeito. Não haveria mais perguntas sobre seu marido.

—Há quanto tempo está fora?

Relaxara muito cedo.

—Algun tempo.

—Deve sentir muito sua falta.

Sentiu que lhe abrandava a expressão e se perguntou se aquele seria o gesto de uma esposa.

—Sim.

—E onde seu marido está procurando lá?

Lançou mão da cerveja uma vez mais. Qualquer resposta que desse seria perigosa. Se dissesse que estava na Inglaterra, Renard saberia que ou estava preso ou era um traidor do conde de Flandres.

Se confessasse que não havia marido algum, ficaria completamente exposta e vulnerável, a mercê da piedade daquele desconhecido.

Se admitisse que se achava sob o amparo de seu tio, Renard exigiria negociar com ele.

—A verdade é que não sei onde se encontra esta semana, monsieur Renard.

—Então não há ninguém que a proteja?

Mordeu aquela língua indiscreta que havia revelado mais do que necessário. Uma vez mais suas palavras a deixaram à beira do desastre.

Aquele homem não devia saber mais dela. O problema era que não afastava o olhar dela, seus olhos não deixavam que ela o fizesse tampouco. Faziam que pensasse nas coisas que faziam os homens e as mulheres quando estavam a sós. O que poderia fazer se tentasse tocá-la?

Se a beijasse?

Nenhuma mulher honrada deveria pensar semelhantes coisas.

—Não — respondeu. —Você será meu protetor.

Era imaginação sua ou realmente seus olhos adquiriram de repente um tom mais intenso?

—Mais exigências? Se nem sequer pagou a lá.

—Disse-lhe que teria uma resposta esta tarde, não o ouro — as moedas de seu pai estavam a salvo, escondidas em um baú. —Não tenho tais somas de dinheiro por aí.

Seu sorriso se converteu em um gesto de poucos amigos.

—Primeiro não se decide e agora não paga — ficou a guardar a comida que restava como se dispusesse a partir. —Não posso perder mais tempo com você.

—Não, por favor. Espere!— Ao ver que ficaria em pé, pegou-o pelo braço. Não podia perdê-lo.

—Quanto tempo?

Quanto demoraria para ir à casa de seu tio e voltar?

—Até o toque de recolher.

O sorriso desapareceu por completo e em seus olhos não havia nem rastro de compaixão. Mas algo mudou de repente em seu interior.

—Até o toque de recolher. Nem um momento mais.

Katrine assentiu e saiu da loja. Ainda seguia tremendo quando cruzou a ponte e passou a toda pressa pelo castelo de seu tio. Não tinha tempo para parar e pensar nos olhos de Renard nem nos incômodos sentimentos que despertavam nela.

Devia entrar e sair da casa sem que ninguém a visse ou não poderia voltar antes do toque de recolher. Se seu tio a obrigasse a ir com ele a Gravere, não voltaria nunca.

Capítulo 3

Katrine subiu nas pontas dos pés as escadas para seu dormitório, sem que a visse sua tia, que estava examinando cuidadosamente cada cobertor antes de empacotá-los para a viagem. Mas justo quando acabava de abrir o baú para tirar a bolsa de moedas que escondia entre as roupas, ouviu os fortes passos de seu tio.

Abriu a porta com um golpe e Katrine teve que deixar as moedas no fundo do baú, logo dobrou seu segundo melhor vestido, estirando as dobras do cálido tecido com as mãos úmidas de suor frio.

—Não me dê às costas — seu tio a pegou pelo braço e lhe virou bruscamente.

O vestido caiu ao chão.

Katrine sentiu um sabor agri-doce na boca.

—Já não lhe dou as costas — disse com a cabeça bem alta e olhando-o diretamente nos olhos. Viu algo neles que a fez estremecer. —O que quer?

—Apreste-se em fazer a bagagem. Temos que estar em caminho antes que escureça.

“Pensa antes de falar”. Mas só havia uma coisa que pudesse dizer.

—Eu não vou. Tenho que cuidar dos negócios.

Seu tio apertou a mão com a qual a pegava e a sacudiu.

—Você deve fazer o que digo. Seu pai consentiu com isso. A loja está fechada desde hoje e você vai vir conosco.

—Não — conseguiu afastar-se dele e esfregou o lugar onde esteve sua mão e onde certamente deixou um bom hematoma. Era muito tarde para tentar apaziguá-lo, além disso nunca se deram muito bem.

—Moça obstinada. É uma desonra para a família Gravere.

Havia-lhe dito aquilo tantas vezes que Katrine só desejava poder se esconder de uma desonra que nem sequer compreendia.

—Se for isso o que pensa, o libero de ter que se preocupar comigo. Mudo-me e vou viver na loja.

A simples ideia de poder fazê-lo fez com que sentisse um profundo alívio. Seria maravilhoso estar fora do alcance de suas mãos.

—Acha que vai viver sozinha como uma rameira?— Seu olhar se tornou selvagem, violento.

Katrine deixou de tentar olhá-lo nos olhos. Ele olhou para o véu de freira, depois à capa que levava sobre o vestido e depois às saias do mesmo, como se procurasse um lugar pelo qual penetrar sob as capas de tecido que cobriam todo seu corpo, à exceção do rosto e das mãos.

—É má, esse cabelo vermelho é a prova de que é filha da Eva e do demônio — grunhiu por fim. —Uma tentação para o homem.

"Santa Catalina, o que eu fiz para fazê-lo pensar semelhantes coisas?"

—Sou a filha de lady Mary e sir Denys de Gravere — disse ela, lamentando uma vez mais não haver contado a seu pai o que acontecia quando ele não estava em casa. Não havia parecido importante quando se ausentava durante poucos dias. —Seu irmão não é nenhum demônio.

Sentiu como acelerava a respiração de seu tio. Apertou os punhos como se seus dedos desejassem mover-se sobre seu corpo e a olhou diretamente nos lábios.

—É filha de sua mãe. Tem seu rosto, seu corpo. Seus pecados.

—Minha mãe nunca cometeu nenhum pecado — Katrine mal a recordava, mas sabia disso com certeza.

—Já está bem — colocou as mãos em cima dela e a empurrou com tal força que a fez cair ao chão de joelhos. —Vai me obedecer de uma vez por todas.

"Santa Catalina, me dê forças". Katrine engoliu o medo e depois o olhou nos olhos, agarrando-as saias do vestido com tal força que ficou a marca da malha nos dedos.

—Não.

Seu tio colocou a mão em sua garganta e apertou até lhe impedir de respirar, só pôde agarrar-se a seus enormes braços e empurrá-lo com a esperança de que a soltasse. De repente se afastou rápido, como se as mãos de Katrine o tivessem queimado.

—É exatamente igual a ela — cuspiu aquelas palavras e logo saiu do aposento.

Katrine ficou ali, ajoelhada, tossindo e tratando de acalmar as náuseas. Já não estava a salvo naquela casa. Partir não era uma opção, era uma necessidade.

Levantou o olhar ao ouvir o tinido de uma espada no corredor e encontrou seu tio na soleira da porta, acompanhado por um de seus homens.

—Se quer tanto ficar, fá-lo-á aqui mesmo, neste aposento — disse enquanto tirava uma chave e punha a mão no trinco da porta. —Vigia-a até que eu volte — disse a seu homem.

A porta se fechou e ouviu a chave girar no ferrolho.

— Não!— Katrine ficou em pé e correu à porta.

Golpeou a madeira até que lhe doeram as mãos.

Quando se ouviram os sinos da tarde fazia já muito tempo que partiram os ocupantes da casa. Katrine tinha ido incessantemente da cama à porta e da porta à janela.

Meteu algumas coisas em uma bolsa que pudesse levar. Um pouco de roupa, um pente, um pequeno espelho de prata alemã que lhe deu o tio Giles e que tinha uma margarida gravada de quatro pétalas, e o quadro de marfim de sua mãe, benzido no santuário de Santa Catalina.

Muito poucas coisas. O que mais lhe importava estava na loja.

Agarrou a bolsa que seu pai lhe deu antes de partir. Aquelas libras de ouro não tinham o valor sentimental do espelho ou do quadro, mas serviriam para pagar ao contrabandista e algo mais. Devia manter-se com elas até que pudesse voltar a vender tecido.

Se é que pudesse escapar dali.

Voltou junto à janela. Os últimos raios de sol iluminavam os telhados e os tingiam de uma cor alaranjada. Katrine deu um murro de frustração ao batente. Havia lhe dito que voltaria antes do toque de recolher. Faltava pouco para esse momento.

Ouviu-se a voz alegre de Merkin do outro lado da porta.

—Boa tarde. Trouxe-lhe o jantar.

O guarda balbuciou algo e em seguida se ouviu o ferrolho. Ao abrir a porta apareceu Merkin com um enorme sorriso no rosto.

—Vá comer Ranf — disse ao guarda. —Eu a vigiarei.

Ele fechou a porta e logo se ouviram seus passos descendo a escada.

Merkin moveu a cabeça.

—Esse homem é tão idiota quanto feio — deixou a bandeja e colocou o pão e o queijo na bolsa que tinha preparado Katrine. —Depressa, milady.

Katrine pegou com mãos trêmulas a capa e a escassa bagagem que continha seus maiores tesouros.

—Como poderei lhe agradecer isso? Dará-lhe uma boa surra quando descobrir que me fui.

—Primeiro terá que me achar, parto com você.

Não havia tempo para falar. Katrine deu um abraço à criada e juntas saíram da casa tão rápida e sigilosamente como puderam.

As sombras pareciam persegui-las pelas ruas da cidade, igual ao aroma da pesca do dia. Em uma esquina se escondia um homem esfarrapado que murmurou algo, possivelmente uma súplica ou talvez uma ameaça. Katrine pegou Merkin pela mão e pôs-se a correr.

Ao cruzar por debaixo da ponte do canal começou a rezar para que os preparativos da guerra tivessem afastado seu tio por muito tempo. Ranf não saberia o que fazer sem suas instruções.

Katrine não respirou com normalidade até que fechou atrás de si a porta da loja.

—Renard?— Disse, mas, uma vez mais, não obteve resposta.

Subiu as escadas e sentiu certo alívio ao ver ali sua bolsa.

—Por que chama uma raposa?— Perguntou-lhe Merkin, ao vê-la descer de novo.

Katrine se apressou em procurar uma boa resposta para lhe dar.

—Contratei um guarda. Como a loja estava fechada, pensei que era conveniente que alguém a vigiasse.

Merkin moveu a cabeça e disse algo sobre uma raposa cuidando das galinhas, mas Katrine preferiu fazer caso omisso ao comentário.

—Então suponho que estará vigiando da torre do sino, milady.

Katrine sorriu embora soubesse que não devia fazê-lo. Merkin era tão direta como ela.

—Me chame de "senhora". Merkin, não "milady". Se quisermos estar seguras aqui, será melhor que ele pense que sou uma simples comerciante — se descobrisse que escapou de uma família nobre, poderia entregá-la com a intenção de cobrar alguma recompensa.

Merkin bufou sem o menor pudor.

—Sim, senhora.

—Com certeza não demorará a voltar — disse, enquanto Merkin preparava uma cama na cozinha.

Pelo que estava completamente certa era de que agora estava em casa.

Ao despertar, Katrine viu uma sombra alongada e imóvel sobre a parede da sala de tecer, tinha uma adaga na mão.

Renard havia voltado.

Katrine não levantou a cabeça, tinha-a apoiada no braço, sobre o livro de inventário que esteve repassando até ficar adormecida.

Já era completamente de noite e do fogo não ficavam mais que carvões vermelhos como o próprio inferno.

Katrine se esticou lentamente e bocejou, levantando os braços para o teto com os olhos fechados, fingindo não havê-lo visto. Fingindo que não lhe importava se o visse ou não. Entretanto, com a presença daquele homem, a loja lhe parecia tão perigosa como as ruas.

O vestido de lã largo que levava lhe acariciou os seios através da regata e teve que conter-se para não cruzar os braços para proteger os seios de seu olhar. Por uma vez se alegrou de ter seios pequenos.

Era impossível que ele pudesse vê-los.

Enquanto embainhava a adaga, sua sombra caiu sobre ela como uma carícia.

—Não esperava vê-la agora que todo mundo está na cama.

—E eu esperava vê-lo muito antes.

—Encontrou seu financiador?

Katrine contou as moedas e as deu em lugar de responder sua pergunta. Preferia não acrescentar uma mentira mais à longa lista.

—Aqui têm. Embora ainda tenha que ganhar. Contratei-o para que guardasse a casa, mas nunca está aqui. Além disso, não deixa de me mostrar sua adaga.

Em silêncio, guardou o dinheiro na bolsa que tinha atada ao cinturão sem contá-lo. Umas moedas que ela tinha contado dez vezes. Como podia ser tão descuidado sendo contrabandista?

—Diga-me, monsieur Renard, como acabou levando esta vida? Acaso é um tecelão que tenta dar trabalho a seus colegas?

A ideia lhe pareceu absurda desde o primeiro momento. Embora tivesse os braços e o tórax fortes, necessários para golpear a trama com o junco, era evidente que suas longas pernas tinham cavalgado muito, não estavam atrofiadas de estar sob o tear.

Enquanto Katrine esperava uma resposta, ele jogou um ramo de palha entre as brasas ainda acesas. Não demorou a aparecer uma chama que a devorou em um instante. Parecia que nenhum dos dois temia já o silêncio.

—Monsieur Renard, seu xará, a raposa, jamais fica sem palavras — disse com certa sensação de triunfo. —Acaso o gato lhe comeu a língua?

Ele a olhou, mas as sombras ocultavam a expressão de seu rosto.

—Pode ser que Renard, a raposa, sempre tenha uma palavra inteligente que dizer, mas normalmente é alguma mentira.

—Quer isso dizer que suas palavras são mentira?

—São verdade as suas?

Katrine voltou a trair-se com uma piscada.

—Qual é a sua verdade. Renard? O que diz à sua esposa que guarda sua ausência?

Acreditou ver uma sombra de fúria cobrir seu rosto, mas seus olhos misteriosos ocultavam seus segredos com a mesma eficácia com a que a cota de malha protegia o corpo dos guerreiros. Embora uma flecha certa pudesse atravessar inclusive a malha mais grossa.

Apontou bem.

—Ou possivelmente as damas se negam a casar-se com um contrabandista?

Titubeou ligeiramente antes de responder.

—Não vejo necessidade alguma de casar.

Katrine esboçou um sorriso antes inclusive de dar-se conta de que lhe importava qual fosse sua resposta. Animada pelo pequeno triunfo, continuou falando de maneira temerária.

—E seus pais? Estão orgulhosos de seu filho?

Apesar da distância que os afastava. Katrine sentiu como esticavam seus músculos e viu como a ponte que o unia ao mundo se fechava fortemente.

—Quanto menos saibamos um do outro, menos perigo correremos. É tarde — com um rápido movimento, estendeu-lhe uma mão para ajudá-la a levantar-se da cadeira. —Já que sou seu protetor, irei protegê-la daqui até seu dormitório.

Katrine aceitou a mão.

Com uma atitude que só poderia haver-se descrito como humilde, puxou-a com tal energia que Katrine teve que agarrar-se a seus braços para não perder o equilíbrio. Estando tão perto de seu peito pôde sentir a doce fragrância dos líquenes com os que tinham tingido sua túnica. Notou seu queixo apoiado no véu de freira que lhe escondia o cabelo.

Sentiu-se segura em seus braços e era estranho sentir algo assim junto a um homem tão ameaçador. Não eram apenas seus braços os que a rodeavam, também a envolvia seu aroma. Um aroma rico e misterioso.

Todos os homens cheirariam assim?

Sua respiração não era de todo estável, claro que possivelmente era sua própria agitação que fazia com que se sentisse assim. Então desapareceu a sensação de segurança e a substituiu algo completamente diferente. Algo perigoso.

Levantou o olhar e encontrou uns olhos intensamente azuis, mas nada frios. O coração deu um tombo ao sentir seu dedo sobre os lábios. Depois traçou o perfil de seu rosto, provocando um pequeno comichão onde a roçava com a suavidade de uma pena, na têmpora e nas faces. Finalmente tocou o laço do véu e o seguiu até o pescoço. Passou-lhe a mão pela garganta e a pele começou a arder sob o tecido.

Poderia havê-la acariciado ou machucá-la, mas, de algum modo, Katrine soube que não faria nenhuma das duas coisas.

Por muito que ela desejasse essa carícia.

—E quem me protegerá de você, pequena tecelã?

Afastou-se de seus braços, envergonhada. Tinha adivinhado seus pecaminosos pensamentos, viu o desejo em seus olhos. Como lhe havia dito seu tio, os homens sempre sabiam essas coisas.

—Não necessitará de ninguém que o proteja de mim. Só há uma coisa que quero de você.— Dirigiu-se à escada, sem esperar que ele acendesse uma vela com as brasas e a seguisse.

No alto da escada, Katrine abriu a porta da estadia principal. O quadro de marfim de sua mãe descansava junto à cama.

Ele estava justo atrás.

—É este o seu quarto senhora?

Não. Era o quarto de Giles. Na ausência de Renard, tinha desfeito sua escassa bagagem e trocou os lençóis da cama.

—Claro.

—É estranho. Antes me pareceu diferente.

Não esperou para receber uma resposta antes de continuar subindo até o terceiro andar. Comportava-se como se fosse o senhor e ela a criada.

Katrine fechou a porta e se apoiou sobre ela com os olhos fechados. Sentiu seus passos no piso superior, ouviu o ranger de sua túnica e o da palha ao esmagar-se sob seu corpo. O imaginou deitado na cama, a brisa lhe acariciando o peito nu.

"Quem me protegerá de você?". Renard tinha descoberto seus sentimentos mais secretos, sentimentos de pecadora, embora ela não conseguisse compreender bem por que.

Porque ela não sentia que estivesse pecando. Supunha-se que alguém devia se sentir mal ao pecar. Suja. Devia ser pior que uma dor de dente, uma de estômago e a do período todos juntos.

Entretanto, Katrine se sentia como se fosse o primeiro dos doze dias de Natal.

"Realmente devo ser uma pecadora se nem sequer me sinto culpada".

Abriu os olhos e se afastou da porta, envergonhada de seus pensamentos. Uns pensamentos que demonstravam que seu tio tinha razão. Tirou o vestido de lã e se alegrou de não ter levantado Merkin para que a ajudasse a despir-se. Estava certa de que os olhos de Renard não lhe teriam parecido tão azuis a plena luz do dia.

Acalorou-se desse modo ao sentir suas mãos só porque estava cansada e precisava dormir. Mostrou-se tão fraca só porque mal havia comido em todo o dia.

Certamente, depois de dormir bem, aquele homem lhe pareceria muito diferente e não sentiria o mesmo. Aproximou-se da janela, para fechar as portinhas, e então viu um homem do outro lado da rua. Piscou várias vezes. Quem se escondia entre as sombras a essas horas da noite?

Ao reconhecê-lo, sentiu um calafrio.

Era Ranf, o criado de seu tio.

Com as mãos empapadas em suor e a garganta seca, fechou a portinha e o observou por uma fresta até que desapareceu. Não se atreveria a tirá-la dali, à força, sem uma ordem de seu tio.

Sentiu outro calafrio. Possivelmente necessitava de um guarda mais do que acreditava.

Capítulo 4

Renard deu meia volta na cama, procurando um lugar no qual a palha não lhe incomodasse. Ouviam-se vozes no meio da noite. Possivelmente um vizinho e sua esposa discutindo na cama, ou possivelmente fossem os homens do conde, buscando-o. Tinha visto alguém rondando em frente da casa. Seria um inocente soldado ou alguém perigoso?

Deus, que mau espião era.

Cada frase era uma armadilha, cada palavra poderia lhe custar à vida. Mas devia interpretar seu papel e convencer aquela mulher de que era um contrabandista a quem só interessava seu dinheiro.

Com os olhos fechados, tratou de concentrar-se na missão. Pensou em como ficaria o anel de bispo, na mão direita, quando tudo tivesse acabado.

Mas sem se dar conta, voltou a sentir o corpo pequeno e delicado de Katrine de novo entre seus braços. Segurou-a ali mais do que necessário, muito mais do que seria devido: o tempo suficiente para sentir seu aroma suave e quente. Sob o tecido que cobria todo seu corpo, exceto as mãos e o rosto, havia sentido os batimentos de seu coração, tão acelerados como os dele.

Com a prática acumulada durante toda uma vida, rechaçou o poder da paixão, antes de dar-se conta de que essa vez não desejava fazê-lo.

Era uma sorte que fosse algo instintivo que fazia de maneira inconsciente.

"Quem me protegerá de você?"

Aquelas palavras transpassaram uma barreira até então impenetrável. Uma mulher mais experiente teria se dado conta da arma que acabava de lhe dar, mas aquela tecelã parecia ter um pouco menos de experiência. Não só não conhecia o corpo de um homem, mas também nem sequer se sentia a vontade com o seu.

Respondia a ele com estupidez, como um escudeiro que agarrasse uma espada pela primeira vez e não tivesse a força necessária para controlar a arma. A folha cambaleava, mas era afiada e possivelmente, inclusive, mais perigosa porque seu golpe não seria hábil, mas acidental.

Doloroso. Letal.

Quando o céu começava a clarear, Renard se levantou disposto a escapar da casa sem ser visto.

O perigo inundava as ruas da cidade, mas o interior da casa tampouco lhe oferecia alguma segurança. Sob seus pés havia uma tecelã que não desejava nada mais que romper o embargo imposto por Eduardo.

O tremor de sua voz lhe dizia que ocultava algo. Era evidente que esse marido seu não estava procurando lá.

E estava há muito tempo fora.

Estavam tocando as badaladas do meio da tarde, quando Renard voltou para a cidade, depois de ter deixado Eduardo com os soldados que o deixariam a salvo em seu navio.

Agora, em lugar de partir a caminho de Brabante, achava-se preso ali.

Já havia chegado alguns cavalheiros ingleses que esperavam a chegada do bispo para começar as negociações. Renard devia arriscar-se e ficar em contato com eles para poder avaliar a situação.

Entrou em uma casa, próxima à praça do mercado, onde Jack de Beauchance tinha alugado uns aposentos.

—Renard!— Saudou-o Jack, lhe pondo a mão no ombro.

—Baixe a voz — lhe disse, apesar do muito que se alegrava de ver seu amigo. Foram nomeados cavalheiros na mesma época, em terras escocesas.

—Onde estive desde que desembarcamos raposa? Outra vez está resolvendo algum assunto do rei?

—E se assim fosse, acredita que diria isso?

—Seja onde for que anda metido, não tem aspecto de que esteja indo bem — disse Jack.

Renard se obrigou a sorrir, aborrecido ante a ideia de que a preocupação se notasse em seu rosto.

—Sempre fica com esse estúpido tapa-olho até estando a sós — disse para mudar de assunto. —Tampouco tira isso para dormir?

Jack cruzou os braços e sorriu.

—Você gosta, não é? Posso lhe assegurar que às damas adoram.

—Às damas gostam de você, com ou sem remendo — Jack era do agrado de todo o mundo, era algo inevitável. Como filho mais novo de uma família, tinha se assegurado do que lhe correspondia por nascimento, mas não às suas expectativas. —Por que o enviaram antes da chegada do bispo?

Jack levantou o olhar ao céu, com fingido sofrimento.

—Descobriu-me com uma dama em um canto muito escuro do jardim.

—E suponho que seria uma dama que o bispo queria para si.

—Mas não acredito que ela o aceite embora eu tenha ido embora — Jack suspirou com frustração, mas em seguida recuperou sua habitual alegria. —Olhe isto — disse, lhe mostrando três bolas de tecido.

Atirou as três ao ar e apanhou a primeira e a segunda, mas teve que estirar-se tanto para recuperar a terceira, que tropeçou em uma cadeira e caiu ao chão.

As três bolas caíram sobre ele.

Renard pôs-se a rir, pela primeira vez em toda uma semana, e logo o ajudou a levantar-se.

— Isto faz parte das estratégias de negociação? Pretende fazer o conde rir até que troque de aliados?

— O conde nem sequer aceitou reunir-se conosco. Essa pode ser outra razão, além de minha dama, para que o bispo siga protegido com os parentes da rainha. A esposa do rei Eduardo era aparentada com a nobreza dos Países Baixos. — Não quer ser culpado do fracasso.

Renard franziu o cenho.

— É mau sinal — se as negociações fracassassem, o trono de Eduardo dependeria de que Renard conseguisse provocar uma revolta.

— Enviaram alguns para preparar seu alojamento — lhe disse Jack com uma piscada. — E para que façam amizade com o povo.

— Como? Repartindo ouro e conseguindo um ou outro beijo? As táticas dos cavaleiros ingleses já faziam parte da lenda.

— As mulheres daqui têm o cabelo mais claro e os olhos mais azuis que jamais vi.

Os olhos de Katrine eram castanhos, pensou Renard de repente, e se perguntou de que cor seria o cabelo que ela escondia sob o véu. Suas sobrancelhas tinham um tom avermelhado.

Dessa vez conseguiu responder, sem que seu gesto nem suas palavras delatassem seus pensamentos.

— Não percebi.

— Antes você gostava das mulheres tanto como eu.

— Era mais jovem — e muito idiota para compreender que a luxúria podia fazer com que trouxesse para o mundo um filho bastardo, que passaria as mesmas penalidades que ele. Isso era algo que não desejava a ninguém.

— É uma lástima que possa resistir aos prazeres femininos com tanta facilidade!

— Quem disse que é fácil? — zombou. — Em qualquer caso, não estou nos Países Baixos por prazer.

— Tampouco estamos, entretanto o bispo de Clare não deixa que os assuntos de estado, nem os votos, privem-no do prazer.

— O bispo é um hipócrita — Renard cuspiu as palavras, como se não pudesse aguentar na boca, mas logo se pôs a rir para que Jack não desse muita importância.

— Não viria nada mal que uma dama lhe mudasse o humor. Conheci uma encantadora na casa de banhos.

— Se a conheceu ali, não será uma dama.

Jack levou uma mão ao peito, fingindo estar indignado.

— É um lugar muito sério. Deveria vir comigo.

—Não posso me arriscar que nos vejam juntos — disse, dispondo-se a partir. —Esqueça que me viu aqui.

—Se mudar de opinião, a casa de banhos está na bifurcação do rio. Passado o castelo do conde.

Depois de deixar Jack, Renard considerou a ideia. Ocorreu-lhe que uma casa de banhos era sempre um formigueiro de fofocas, talvez pudesse averiguar quem simpatizava com o rei Eduardo na cidade.

Mas em lugar do respeitável lugar que Jack indicou, iria a um que se escondia entre as tavernas, perto da Praça das Atrações Proibidas.

Ali ninguém faria perguntas.

Renard voltou para a loja depois das badaladas da noite. Estava tão cansado que até um colchão de palha lhe parecia boa ideia.

Pudera comprovar que instigar uma revolta não seria tão difícil como havia temido. As pessoas estavam tão furiosas porque a disputa lhes arrebatou o fio dos teares e o pão da mesa, que eram como lascas secas. Ao menor sinal de faísca faria com que se acendesse o fogo da rebelião que necessitava o rei Eduardo.

O homem, que tinha visto rondando a noite anterior, não parecia estar por ali, mas não podia permitir que o vissem os guardas e ter que responder a suas perguntas.

Arriscou-se a ficar na rua, depois do toque de recolher, com a esperança de encontrá-la adormecida quando retornasse à loja. Queria fugir de suas perguntas.

E da tentação.

O brilho das brasas o atraiu até o aposento principal. Katrine havia voltado a ficar adormecida sobre os livros de contas. O véu se moveu e dele escapara uma mecha de cabelo que descansava sobre sua face, uma mecha que refletia a cor vermelha do rescaldo do fogo.

Empunhou a adaga e entrou no aposento sigilosamente para não despertá-la. O lugar era muito pequeno e, entretanto, era tudo o que tinha. Nem campos, nem grandes propriedades, nem servos trabalhando para ela. A cerejeira do pátio e um cilindro de tecido eram as únicas coisas que a salvavam de morrer de fome.

"Não é de estranhar que necessite da lã. Seu marido não podia cuidar dela como devia?"

Ajoelhou-se junto a ela e, antes de dar-se conta, sua mão se moveu por vontade própria e foi tocar aquela mecha de cabelo. Quando tentou colocá-lo de novo sob o véu, o cabelo escorreu entre os dedos como um fio de seda.

Então ela abriu os olhos, uns lindos olhos castanhos, que apareceram debaixo dos cílios compridos, ao mesmo tempo em que seus lábios se curvavam em um ténue sorriso.

Ele também sorriu.

—Fica adormecida sobre os livros todas as noites? Perguntou-lhe suavemente.

Ela piscou e, ao despertar completamente, afastou-se dele, lhe deixando a mão vazia.

—Este negócio é tudo o que tenho e vou fazer algo para cuidar dele.

Renard ficou em pé e se perguntou o que sentia por seu marido. Se é que ainda sentia algo.

De repente precisava saber. Havia negociado com reis, assim não podia ser tão difícil conseguir que uma simples tecelã lhe dissesse a verdade.

—E seu marido, também estaria disposto a fazer algo?

Sobre o pálido rosto, seus olhos pareciam enormes.

—É claro — disse, depois de uma leve hesitação.

Nesse momento Renard teve a absoluta certeza de que não havia nenhum marido.

O coração acelerou e o sangue começou a arder nas veias.

"Não pertence a nenhum homem".

O senso comum lutou, notavelmente, com o desejo mais ardente.

Apertou o maxilar e piscou, mas não afastou os olhos dela. Resistiria à atração, mas ela não devia saber.

—Se estiver disposta a fazer algo, senhora, faria o que lhe pedisse? Queria desestabilizá-la, fazer com que ela se perguntasse quais eram suas intenções.

Um rubor, de fúria ou de vergonha?, invadiu suas faces, mas o olhou com olhos desafiantes.

—E o que é que me pede?

O desejo lhe corria pelas veias como um veneno. O que desejava lhe pedir não podia ser expresso com palavras, só em uma união selvagem. Lutou contra aquela imagem porque, embora de vez em quando se permitisse desfrutar dos prazeres da carne, encontrava-se em um país que talvez logo entraria em guerra com o seu.

Qualquer palavra pronunciada, no ardor da paixão, poderia lhe custar a vida.

—Peço-lhe a verdade.

Ela ficou em pé e se escondeu entre as sombras do aposento, mas ele não ia deixá-la escapar.

—E a verdade é que não têm marido.

Virou-se para olhá-lo.

—Não, não tenho marido — confessou com ira. —Teria negociado comigo se soubesse?

Sim, mas não ia dizer. Simplesmente deu de ombros.

—Então por que usa esse véu?

—Hoje em dia as ruas da cidade são muito perigosas e as pessoas mostram mais respeito pelas mulheres casadas.

—Agora não está na rua.

—Mas continuo necessitando de amparo.

—Achava que eu a protegeria.

Ela sorriu.

—E quem me protegerá de você?

Sua intenção era desestabilizá-la, entretanto era ele quem estava aturdido. Optou por fingir desdém para ocultar a atração que sentia. Não podia permitir que ela soubesse quão fraco ele era ante ela.

—O que a faz pensar que necessita que alguém a proteja de mim?

Arregalou os olhos e logo os entrecerrou rapidamente, mas Renard pôde ver que acertou no alvo com aquele insulto. Por um momento se arrependeu por tê-lo feito.

—Alegra-me saber que não é assim — disse, enquanto sacudia as saias, voltava a ser uma mulher de negócios. —Quando poderei ver minha lã?

Renard se sentiu incomodado. Recuperou-se mais rápido do que teria imaginado. Pensava que era uma simples tecelã, mas estava descobrindo que aquela mulher não era absolutamente como ele tinha esperado.

—Se fosse tão simples, não precisaria de mim.

—Quanto terei que esperar?

—O tempo que seja necessário — o tempo que levasse para que Flandres ficasse do lado de Eduardo. —Semanas mais que dias, senhora.

—Já levo meses esperando — disse, com voz agitada.

—A paciência é uma virtude da qual carece.

—A paciência não é nenhuma virtude quando se trata com tecedores e tecelões. Se for paciente com o negócio, não terei nada de qualidade que vender.

Suas palavras o intrigaram. O que sentiria estando tão orgulhoso das pessoas mesmo e do que se fazia?

—Está muito orgulhosa de seu trabalho, não é assim?

O sorriso que iluminou seu rosto era a que teriam mostrado a maioria das mulheres ao ouvir falar de seu amado.

—A marca da margarida é conhecida em todos os Países Baixos.

Falava como uma apaixonada pensou Renard com raiva.

—E o que é que faz seu tecido tão especial?

—Reconheço a melhor lã em apenas tocá-la. Minhas tecelãs fazem sete meadas ao dia, em lugar de cinco, e as cores que conseguem meus tintureiros jamais se desgastam. Minhas malhas são tão firmes, que raras vezes precisam ser passadas pela máquina de bater.

—A máquina? Conhecia a maioria das palavras flamencas, mas às vezes esquecia algum significado. —Para que serve?

Ela o olhou arqueando uma sobrancelha com desconfiança.

—Como pode negociar com lã sabendo tão pouco de como se trabalha?

—Acaso é necessário saber como se compila o trigo para vendê-lo? Ou como se extrai o sal para comercializá-lo?

—Bom, se soubessem algo mais sobre a lã, conheceria nossa marca. Antes que eu fosse nascida fazíamos um tecido especial para a duquesa de Brabante.

Renard sentiu que lhe intumescia o corpo, como se tivesse recebido o golpe de um sabre. O tecido de uma duquesa. Um pedaço de lã tinta de azul índigo que envolvia uma adaga de prata alemã. O único legado que tinha recebido o filho bastardo da princesa que se casara com um duque.

Que brincadeira cruel do destino o levou até a própria oficina na qual se fabricara o tecido que sua mãe tinha lhe dado?

—Fazem o tecido da duquesa?

—Conhece-a?

Renard apertou o punho.

—Ouvi falar dela.

—Surpreende-me. Faz muito tempo isso.

—Eu nasci em Brabante — sentiu um nó na garganta ao pronunciar aquelas palavras. —Os que a viram asseguram que só um milagre de Deus ou do demônio poderia criar semelhante desenho.

Ela se pôs a rir.

—Nem Deus nem o demônio, só Giles de Vos.

Respirou fundo e engoliu a saliva antes de voltar a falar. Devia fazer aquela pergunta como se não tivesse a menor importância para ele.

—Então esse Giles conhecia a duquesa?

De repente sentia a necessidade de saber algo dela. Ninguém lhe havia falado de sua mãe desde sua morte.

—A duquesa era uma grande cliente sua — respondeu Katrine. —Esteve tecendo especialmente para ela até que morreu faz vinte anos.

—Dezenove.

Olhou-o com gesto perplexo, mas não lhe perguntou por que sabia que eram dezenove e não vinte anos.

—Não voltou a fazer esse tecido nunca mais.

—Por quê?

—Dizia que tecer é uma arte e que a arte deve sair do coração. Acredito que depois da morte da duquesa, perdeu o coração.

Uma ideia muito romântica, própria de uma mulher. Certamente a verdade era muito mais prosaica. O dinheiro deixou de chegar e Vos era um comerciante.

—Nem sequer o fazia para sua mãe?

—Minha... minha mãe?

—Dizem que seu pai só fazia esse tecido para a duquesa. Sem dúvida o faria também para sua esposa.

Ela negou com a cabeça, como se aquilo lhe doesse.

—Minha mãe não...

Voltou a lhe tremer a voz e Renard se perguntou se ela também teria perdido a sua mãe.

Capítulo 5

"Santa Catalina, obrigado por não ter me deixado continuar falando".

Renard pensava que Giles era seu pai. Quando havia dito "sua mãe" se referira à esposa de Giles. Katrine esteve a ponto de lhe dizer que sua mãe estava morta e que seu pai era um nobre flamengo.

Que se achava em um cárcere inglês.

Melhor que acreditasse que Giles era seu pai. A um morto não importaria aquela mentira e nunca houve nenhuma esposa que pudesse ver-se prejudicada.

—Não, nem sequer para minha mãe — respondeu, ao mesmo tempo em que pedia perdão à Santa e ocultava seu olhar cravando-o no fogo. — Houve muitos que pediram, mas o tecido da duquesa era só para a duquesa.

Quando o olhou, viu um brilho estranho em seus olhos azuis, como se acabasse de ir ao inferno. Katrine piscou e ao voltar a olhá-lo, a dor havia desaparecido. Meneou a cabeça e disse a si mesma que, sem dúvida, foi imaginação sua.

Aquele homem não tinha sentimentos. E não havia razão alguma para que lamentasse a morte de uma duquesa.

—Me fale de seu pai — lhe pediu com expressão séria.

Katrine respirou aliviada. Não lhe era nenhum esforço fingir sentir o amor de uma filha por Giles.

—Ele me ensinou tudo o que pôde e me deixou tudo o que tinha.

—Quando morreu?

—Faz dois anos.

—Sente muito sua falta? Sua voz era como um braço que tivessem jogado ao redor dos ombros.

—Sim, muito.

—Não deve ser fácil levar o negócio sendo mulher.

Katrine resistiu à tentação de refugiar-se em sua compreensão. Era preferível que não soubesse quão difícil era e continuasse vendo-a como uma comerciante e não como uma mulher vulnerável.

—Os trabalhadores me respeitam e conheço bem o negócio — disse, com o tom de voz que utilizava sempre com os desconhecidos.

—Quantas vezes ao dia têm que demonstrá-lo?

—Todas as que sejam necessárias. Esse homem era muito perceptivo, pensou enquanto o via aproximar-se de um dos teares. —Esse tear era seu — ela também se aproximou e tocou aquela

estrutura de madeira que tinha mais de cinquenta anos. —E foi aqui onde me ensinou a tecer. Dizia que alguém devia saber tecer para fiscalizar o trabalho de seus empregados.

—Me ensine.

Katrine o olhou no rosto, mas não pôde adivinhar o que pretendia com tão estranho pedido.

—Possivelmente amanhã — à luz do dia, quando o momento não fosse tão íntimo.

—Não, agora.

—Na escuridão?

Seu intenso silêncio a tocou como seus dedos haviam tocado o fio.

—Foi você que me disse que devia conhecer o ofício — disse, por fim.

Não havia nada de mal em lhe ensinar, pensou Katrine. Os bons tecedores trabalhavam sem necessidade de olhar, assim não importava que estivessem às escuras. Além disso, assim poderia demonstrar a si mesma que não sentia nada estranho quando estava junto a ele.

Ocupou um extremo do banco e pediu que se sentasse a seu lado. Tinha as pernas tão longas que quase ultrapassavam os pedais aos quais ela só chegava estirando-se muito. Através das camadas de tecido da vestimenta, sentiu os músculos de sua perna.

—Esses são os pedais — disse, tratando de manter a voz firme. —Pense neles como se fossem os estribos, são os que o ajudam a controlar o tear.

—Todos os tecedores são tão baixos?

—É que você é muito alto e este é um tear antigo que adaptei a meu tamanho. São necessários dois homens para dirigir um novo.

—E Giles de Vos era alto?

Fez-lhe a pergunta sem olhá-la, sem afastar os olhos do tear. O ver seus dedos acariciando o fio e a madeira lhe provocou um estranho comichão.

—Era mais baixo que você, ao menos uma cabeça.

Então se moveu e Katrine sentiu um ligeiro aroma de sabão em sua pele, devia ter ido à casa de banhos. O aroma que desprendia e o roçar de sua perna fizeram com que acelerasse o coração.

"Santa Catalina, é a isto que se referem quando falam da tentação?"

Se era assim, era maravilhoso, doce, excitante e perigoso. Algo que fazia com que se sentisse viva.

Ele, entretanto, parecia tranquilo, completamente concentrado no tear e na lã.

"Disse que não necessitava que ninguém me protegesse dele. Devo ser uma mulher muito indecente por sentir o que sinto enquanto ele não sente nada".

Levantou-se do banco e se colocou no extremo do tear, onde não pudesse sentir seu aroma e fosse mais fácil resistir aquela vergonhosa tentação.

—Daqui me será mais simples ensiná-lo a mover a lançadeira — disse, agarrando a peça de madeira, com forma de navio, em que não havia nenhum fio. —Será melhor que pratique primeiro com ela vazia para que não me danifique o tecido — podia sentir seus olhos sobre ela enquanto

explicava como agarrar a lançadeira. —Coloca a ponta entre os fios, gira-se o pulso e logo agarra pelo outro extremo. Deixe-me fazer primeiro.

A lançadeira atravessou o vigamento de fios com facilidade e ao sair pelo outro extremo caiu ao chão.

—Por que não a pegou? Protestou Katrine, enquanto se agachava para procurá-la sob o tear.

—Não me disse que o fizesse senhora — respondeu ele, com arrogância. —Disse, "deixe-me que faça primeiro".

Por fim achou a lançadeira e pôde comprovar que ambas as pontas estavam intactas.

—Poderia ter quebrado — terminou de perder a pouca dignidade que restava com um espirro. —O menor estilhaço teria feito com que se enganchasse com os fios. Prove agora, primeiro para um lado e depois na direção contrária, mas não deve tocar o fio em nenhum momento.

Agarrou a lançadeira como se fosse uma espada.

—Não, assim — pegou a mão para colocá-la e, por apenas lhe roçar a pele, sentiu uma onda de calor em todo o corpo, mas não o soltou.

Com a mão sobre a sua, passaram a lançadeira de um lado a outro. Então lhe pegou o pulso com a outra mão e disse:

—Acredito que já entendi.

Katrine afastou o braço, mas não deixou de sentir uma espécie de bracelete de fogo no pulso.

Tentou-o uma vez, mas a lançadeira se enredou ligeiramente entre os fios e lhe custou tirá-la. Entretanto não protestou nem amaldiçoou como seu tio fazia, cada vez que algo saía mal, mas sim seguiu tentando-o uma e outra vez.

Pouco depois conseguiu que saísse limpamente por um e outro lado. Levantou a peça de madeira com gesto triunfal e Katrine aplaudiu sem dar conta de que poderia despertar Merkin.

—Qualquer um diria que leva sangue de tecedor nas veias.

Ao ouvir isso, Renard lhe lançou um frio olhar de advertência e ficou em pé. A lição tinha terminado.

—O sangue que corre por minhas veias não é assunto seu.

—Só pretendia lhe fazer um elogio — defendeu-se Katrine, enquanto acendia uma vela com as brasas. —Sobre tudo tendo em conta o pouco que sabe do negócio da lã.

—É mais importante conhecer bem meus clientes.

—Pensei que havia dito que quanto menos soubéssemos um do outro, melhor seria para ambos — lhe recordou.

Viu-o piscar, ocultando de novo o que sentia.

—Deveria ter dito quanto menos saiba você de mim. É minha cliente, devo saber o que deseja.

Suas palavras eram tão tentadoras como seu corpo. Katrine estava cansada de mentir, tão cansada que, por um momento, desejou contar-lhe tudo.

Em seguida se deu conta de que não podia contar e mordeu a língua. Devia temer aquele homem, não confiar nele.

—Já sabe o que desejo. Três sacos de sua melhor lã — lhe disse depois de lhe dar uma vela acesa.

Enquanto subia as escadas, recordou as palavras da raposinha do conto do Renard a Raposa: *"Não acredito em nenhuma de suas mentiras. Se o fizesse, acabaria ardendo no inferno"*.

Henry Billesch, bispo de Clare, chegou à cidade com grande solenidade e se alojou em uma casa de pedra próxima à praça do mercado. Renard se mesclou entre os vendedores de comida para chegar a casa sem chamar a atenção. Por Eduardo, estava disposto a esquecer o desprezo que sentia por aquele homem e cooperaria com ele.

Mas não seria fácil.

—Vá, é o menino dos recados do rei — disse Billesch ao vê-lo e lhe estendeu a mão para que lhe beijasse o anel.

Renard sentiu um sabor amargo nos lábios ao roçar a safira que o adornava.

Em meio daquela cidade que morria de fome, o bispo tirou uma preciosa laranja de uma cesta cheia delas e começou a cortá-la.

—Tenho algo para lhe informar, espero que também tenha algo para mim — disse Renard.

—Não me ocorre nada que possa me contar que seja de meu interesse.

—Não pode sabê-lo até que o ouça. É o interesse do rei com o que deveríamos nos preocupar.

—O interesse do rei é o meu também, Renard. Conforme entendi, é você que têm outro motivo para agir. Um bispado em troca de Flandres. Não é certo?

Era muito típico de Eduardo alimentar o ódio que sentiam o um pelo outro: ele sairia ganhando de todo modo.

—Teria servido a meu rei sem necessidade de tal recompensa.

—Pode ser que acabe defraudado. Quando conseguir o apoio do conde, não haverá necessidade de que ponham em prática suas táticas escuras.

—Espero que assim seja Excelência — respondeu Renard, com uma sutil reverência. —Mas o rei deve estar preparado para tudo, inclusive para seu fracasso.

O bispo enrugou o cenho ao ouvir aquele insulto.

—Recorde que nem sequer um rei pode converter em bispo a um bastardo sem ajuda — pegou um galho da laranja, observou-o atentamente e, ao não achar o de seu agrado, puxou a fruta inteira. —Sem minha ajuda.

Renard olhou a safira que brilhava na mão daquele homem e se perguntou se valia a pena o alto preço que teria que pagar por uma igual.

—Sou consciente disso.

—Bom — continuou dizendo o bispo — se algo saísse mal nas negociações, me seria... — pegou uma tâmara da cesta antes de voltar a olhar Renard — ...muito difícil escrever tal carta.

—Confio que possamos trabalhar juntos pelo bem do rei.

Esperou em silêncio enquanto aquele glutão mastigava lentamente a tâmara.

—Está bem — disse por fim. —Me Informe do que tenha, embora não vejo que importância podem ter os artesãos em tudo isto.

—Nesta cidade os artesãos têm muito poder. Além disso, lembro-o que o conde não é familiar do rei por matrimônio.

—Os múltiplos parentes da rainha dificultaram minha missão em lugar de fazê-la mais fácil.

—Pode ser, mas aqui o conde não tem a última palavra. As associações têm direitos que inclusive o conde deve respeitar.

Renard continuou resumindo tudo o que havia averiguado. Os trabalhadores da cidade não sentiam o menor apreço pelo conde, nem por seus costumes afrancesados. Ainda recordavam com orgulho que seus antepassados tinham derrotado aos cavaleiros franceses. Sua lealdade estava com a Inglaterra, com quem comercializavam, não com a França.

Além disso, tinha encontrado já alguém que poderia servir de aliado para conseguir o apoio de Flandres a Eduardo, mas não era tão idiota para revelar seu nome ao bispo.

—Continue jogando com os camponeses se desejar — disse o bispo com indiferença, quando terminou. —Eu me encarregarei da diplomacia.

—O conde já prestou seu apoio à causa de Eduardo? Renard sabia bem a resposta, só queria pinçar na ferida do bispo.

—Logo o fará. Não há obstáculo que não possa salvar-se com dinheiro. Quando for bispo tanto tempo como eu, saberá que não há homem que possa resistir ao ouro e a uma mulher.

“E muito menos você”, pensou Renard, enquanto se despedia daquele néscio.

Agora que tinha falado com ele, sabia que as negociações tinham mais possibilidades de fracassar que de ter êxito.

Não restava mais remédio que estabelecer contato com o homem que poderia levantar a revolta contra o conde. Tinha ouvido que frequentava a casa de banhos da qual lhe falou Jack.

A casa de banhos se achava na zona mais rica da cidade, ao oeste do castelo do conde, e realmente era um lugar sério. Enquanto estava ali, Renard tinha intenção de visitar uma das salas privadas com alguma das "damas" que trabalhavam ali: esperava assim esquecer certa tecelã que invadiu seus pensamentos.

A mulher da qual Jack havia falado era bonita de um modo convencional, possivelmente muito curvilínea, comparada com as formas delicadas de Katrine, mas Renard não sentiu o menor interesse por ela, assim a despediu com uma moeda e um sorriso.

Era estranho depois de levar toda a semana lutando contra o desejo.

Inspecionou a sala principal atentamente: havia pessoas suficientes para que ninguém se fixasse nele. Fechou os olhos para sentir o ar úmido, mas Katrine voltou a aparecer em sua mente.

Era como se, outra vez, voltasse a estar sentada ao seu lado, lhe ensinando a dirigir a lançadeira do tear. Recordou o roçar de sua perna e o aroma de seu corpo.

Tratou de afastar a lembrança de sua cabeça observando de novo a sala.

Reconheceu aquele homem logo ao vê-lo entrar. Tinha um ar aristocrático. Renard mergulhou na água e ao sair, sentou-se no banco junto a ele, de maneira casual.

Saudaram-se com uma leve inclinação de cabeça.

—Estou de visita procedente de Bruxelas — anunciou Renard.

—E o que o traz por Gante?

—O comércio de lã.

O homem afastou o olhar.

—Ultimamente não há muito. O embargo não afetou a sua cidade?

—Muito, por isso vim. Não havia ninguém perto, assim se dispôs a sondar a situação. —Mas ouvi que os ingleses vieram com ouro. Possivelmente acabem os problemas.

O homem o olhou fixamente.

—Aqui há muitos que apoiam Felipe de Valois, façam o que façam os ingleses.

Era aquele um olhar hostil ou acaso só tratava de adivinhar suas intenções? Renard tinha que arriscar-se.

—E muitos que não.

—Sim, é certo.

Renard soltou a respiração que esteve contendo e esperou. Aquele homem não partiu. Bom sinal.

Devia dar o passo seguinte.

—Em minha cidade há pessoas que asseguram que, aliar-se aos ingleses, seria mais benéfico que continuar sendo leal a Felipe.

Se reagisse com fúria, significaria que era leal a França e ao seu rei.

Não foi assim.

—Também aqui há quem opine assim — seus olhos não se afastaram em nenhum momento dos de Renard.

—Venho à casa de banhos todas as terças-feiras — conteve de novo a respiração à espera de uma resposta.

Olharam-se o um ao outro em silêncio durante um longo momento.

O outro homem por fim assentiu.

—Então pode ser que volte a vê-lo por aqui.

Capítulo 6

Com as costas ainda úmidas sob a túnica. Renard acelerou o passo enquanto soavam as últimas badaladas da tarde. Seu ânimo não tinha nada que invejar a altura do campanário, ainda sem terminar.

Ninguém o seguiu. A missão estava a salvo, no momento, mas devia manter-se alerta. Não obstante, sentia-se satisfeito. Sua preocupação sobre Katrine agora lhe parecia ridícula.

Se a exuberante beleza da casa de banhos não o tentou, não havia motivo para evitar uma mulher diminuta cujos seios eram pouco maiores que seu punho.

O homem que havia visto rondando pela casa voltara. Assim Renard passou pela porta da loja e rodeou o edifício para entrar por trás sem ser visto. Saudou Merkin, que saía para fazer algum recado. A moça parecia acreditar realmente que Katrine o contratou como guarda.

Encontrou Katrine sentada no banco que ambos compartilharam. Movia a lançadeira suavemente de lado a lado do tear. Estava tão absorta em seu trabalho que nem sequer o ouviu entrar.

Renard aproveitou o momento para observá-la atentamente. Era baixa, magra, tinha dedos fortes, impróprios de uma dama, e uns olhos castanhos que refletiam todos os seus pensamentos.

Levou as mãos ao pescoço e moveu a cabeça suavemente. Devia ter os ombros cansados. Embora ainda conhecesse pouco o trabalho no tear, Renard sabia que provocava uma grande tensão muscular.

—Deixe-me ver — disse ao mesmo tempo em que cruzava a sala. —Deixe que lhe tire a dor.

Tinha as mãos em seus ombros antes que ela pudesse protestar, antes que ele mesmo pudesse recordar quão perigoso era tocá-la.

Katrine espreguiçou, depois se apoiou sobre ele e fechou os olhos, como se estivesse esperando que ele chegasse a casa.

Renard disse a si mesmo que aquilo era algo impessoal, inclusive quando viu que suas mãos desejavam ficar mais e mais. A suave curva de seu peito estava muito perto.

Esfregou o arco que formava seu pescoço ao unir-se com os ombros, por cima do tecido e dos laços do véu que ocultava... o que ocultava?

Muito devagar, para não assustá-la, afastou a touca de sua cabeça e liberou as tranças que recolhiam sua cabeleira.

A primeira visão de seu cabelo causou um forte impacto em seu interior. Brilhava como o ouro vermelho e evocou, em sua mente, a imagem que tanto tinha tentado negar. A de uma mulher cálida, selvagem, uma mulher que o esperava.

Apertou a parte mole entre as mãos como se fossem suas sensações. Negação. Controle.

Katrine se voltou para olhá-lo, com os olhos totalmente abertos, assustada e pegou o véu.

—Por favor, devolva-me isso.

—Por quê? Já sei que não é casada e agora não está na rua.

Puxou o tecido com força.

—Eu não gosto que vejam meu cabelo — disse, com voz rasgada e olhar angustiado.

Mas Renard não o devolveu. O que aconteceu com a mulher de língua afiada? De repente se mostrava encolhida de medo.

—Por quê? Têm um cabelo muito formoso.

—Zomba de mim. Sem dúvida vê que é vermelho.

Era certo que a maioria das pessoas considerava que a beleza ideal era a das mulheres de cabelo claro e olhos azuis, mas, ao olhar a cabeleira de fogo de Katrine, mal pôde resistir a tentação de desfazer aquelas tranças e inundar os dedos em seu cabelo.

—Suponho que muitos o despreveriam assim — mas defini-lo como vermelho era muito pobre. Aquele cabelo era o fogo do entardecer. Era de uma beleza tão impressionante como havia temido.

Ela baixou o olhar e negou com a cabeça, passou a mão pelas saias uma e outra vez, como se pretendesse tirar uma mancha invisível. A mulher, ousada e fogosa, com a qual tanto custou negociar, convertera-se de repente em um ratinho assustado que não se atrevia a olhá-lo.

—É uma das marcas do diabo.

Renard tinha ouvido alguns padres falar sobre o cabelo vermelho e relacioná-lo com Satanás. Sabia melhor que ninguém que as mulheres eram seres luxuriosos, mas ver a angústia que lhe provocava o simples fato de ter o cabelo vermelho, despertava sua ira.

—Quem lhe disse isso?

Voltou a sacudir a cabeça e cravou o olhar no tear. Renard se ajoelhou junto a ela e a pegou pelos braços.

Ela o olhou com os olhos cheios de lágrimas.

—Todo mundo sabe. Maria Madalena, a prostituta, levava a mesma marca.

Renard sentiu uma profunda dor por ela, mais forte que seu próprio domínio de si. Uma dor que despertou nele um desejo de protegê-la, que nenhuma outra mulher da corte jamais despertou. Katrine necessitava algo mais que amparo físico.

Necessitava que a protegessem de seus próprios pensamentos.

Isso era algo que ele poderia lhe ensinar.

Passou-lhe a mão pelo queixo suavemente para tentar que o olhasse.

—Eu não sou todo mundo e nem sei isso, nem estou de acordo.

Um pequeno, embora gratificante, sorriso apareceu em seu rosto.

—Possivelmente seja porque é o demônio.

—Possivelmente quer dizer que é minha — as palavras saíram de sua boca e, por um momento, não importou se o dizia a sério ou não.

Esquecendo-se do véu, ela se inclinou para ele com os olhos fechados. Renard passou a mão pela suave trança, desejando poder desfazê-la em mechas e embriagar-se de seu aroma.

Secou uma lágrima da face e logo outra. Tinha os lábios tão perto dos dela que podia encher o peito com sua respiração. Tomou ar e se aproximou um pouco mais.

Ela ficou em pé de repente e rompeu a magia do momento.

Renard respirou aliviado. Esteve a ponto de perder-se. Esteve a ponto de beijá-la e algo mais. Não importavam quais fossem suas intenções, com aquela mulher, de nada servia seu autocontrole. Havia algo em sua paixão que despertava a dele, como se ambos compartilhassem a mesma fraqueza.

Fora já de seu alcance, ela limpou a garganta antes de falar.

— Não, não é um dos demônios de Satanás, mas certamente os imita bem. Deve ser um dom muito útil em sua profissão — pegou o véu do chão e voltou a colocá-lo na cabeça com dedos que tremiam tanto como a voz. Depois levantou o olhar e era de novo a mulher forte que ele conhecia. — Bom você trouxe minha lã?

— Já lhe disse que demoraria semanas. Renard ficou em pé, não sem esforço, e agradeceu que ela fosse mais forte. Seu corpo se voltara contra ele. Em um momento de insensatez tinha estado a ponto de sucumbir. Seus segredos se converteram em uma pesada carga e desejou dizer quem era na realidade e que o que se dispunha a fazer seria bom para ela. Esteve a ponto de fazê-lo.

Mas, fazer algo assim poria em perigo sua missão, seu rei e sua própria vida. Como pôde esquecer por culpa da paixão?

— Irei e virei como me agrada.

— Nada do que faça me agrada, exceto que me traga a lã e se afaste de mim.

— Mentirosa — disse desesperado por voltar a levantar o muro que havia entre eles. Não gostou de ver a dor em seu rosto, mas necessitava que se zangasse com ele, era a única coisa que podia salvá-lo de sua própria fraqueza. — Será um prazer me afastar de você.

Aí estava de novo a dor.

O mentiroso era ele, pensou enquanto subia as escadas. Mentiu para si mesmo ao acreditar que podia resistir a ela. Agora sabia que não podia.

Não devia voltar a ficar no caminho da tentação.

Os dias passaram e Katrine não voltou a ver Renard. Merkin, que sentia agora uma grande simpatia por ele, fazia perguntas, muito embaraçosas, as quais Katrine fazia ouvidos surdos. Todas as noites, o ouvia chegar depois do toque de recolher, mas nunca o via e, o que era mais importante para ela, ou queria acreditar que era assim, tampouco via a lã inglesa.

Ele mesmo havia dito que não podia confiar nele, mas chegou a esquecer por um momento: refugiou-se em sua força e acreditou em tudo o que lhe havia dito enquanto a acariciava. Chegou a acreditar que alguém poderia amá-la tal e como era.

Mas o certo era que ele soube assim que lhe viu o cabelo. Apesar de que assegurasse o contrário, desprezava-a tanto que, depois, nem sequer quis estar no mesmo aposento que ela.

Katrine já não era tão insensata para confiar nele. Deixou que o desejo a cegasse até não ver a verdade, foi tão idiota para acreditar, sem prova alguma, que entregaria a lã que já pagou.

Tinha que assegurar-se de que seria assim. Embora para isso tivesse que espíá-lo. Mas o faria, única e exclusivamente, porque estava preocupada com o negócio, não porque lhe importasse aonde ia ou que fazia. Só queria saber se cumpriria com sua parte do trato.

Ultimamente adquiriu o costume de sair da casa antes, inclusive, que ela se levantasse e voltava quando Katrine já estava na cama, assim aquela noite decidiu passar na sala de tear para saber quando sairia. Depois de tudo, não teria sido a primeira vez que dormia sobre os livros de contas, pelo que ele não suspeitaria.

Pouco depois que a primeira badalada do dia despertasse, sentiu seus passos descendo a escada. Katrine manteve os olhos fechados e seguiu respirando, profundamente, como se estivesse adormecida.

Ele se deteve na sala.

"Continue respirando. Que não lhe tremam as pálpebras".

Passou tão perto dela que lhe moveu a saia. Katrine continuou respirando profundamente. Fechou a porta, mas ela não se moveu.

Três respirações mais e se levantou de um salto, saiu correndo à rua e o seguiu a uma distância prudente.

Caminhar no ritmo de suas longas passadas foi mais difícil do que previra. Estavam já no mercado de peixe quando o viu lançar um olhar, casual, para trás.

Não. Não era casual. Aquele homem não fazia nada por acaso. Quase dava a sensação de que pensasse que alguém pudesse estar seguindo-o.

Felizmente era alto e fácil de divisar entre a multidão, enquanto que ela era baixa e difícil de descobrir entre as pessoas.

Katrine mordeu o lábio inferior ao ver que se dirigia para o castelo do conde e se perguntou se trabalharia para ele. Mas em lugar de entrar, seguiu ao largo e cruzou o canal, depois do qual tomou a rua em que se achava a casa de seu pai.

Katrine viu sua tia na porta dando ordens aos criados para que descarregassem os cavalos.

Seu tio havia voltado.

Escondeu-se tanto quanto pôde com o tecido do véu e enquanto olhava para outro lado, agradeceu à Santa pela má vista de sua tia. Não demorariam muito em dar-se conta de que se fora e, depois de castigar Ranf, o que seu tio faria? A tiraria da loja à força e a obrigaria a voltar para a casa?

Acelerou o passo para não perder Renard, mas não deixou de cobrir o rosto. A lã era mais urgente que nunca. Só o dinheiro poderia fazer o seu tio mudar de opinião. Necessitava lã para poder tecer tecidos novos.

Renard diminuiu o ritmo ao chegar ao final da rua e não demorou a deter-se frente à casa de banhos Vão Der Hoon, depois desapareceu em seu interior.

Katrine esperou do outro lado da rua, ardi-lhe as faces e não sabia bem o que fazer.

Nunca entrou em banheiros públicos, embora aquele fosse um lugar respeitável. Recordava ter notado que Renard cheirava a sabão uns dias atrás, então aquela visita aos os banhos devia ter algum propósito mais além da higiene.

Katrine respirou fundo e cruzou a rua para entrar.

Uma corpulenta matrona vigiava a porta.

—Amanhã é dia das mulheres.

Katrine sentiu que ruborizava.

—Sim, sei — tirou uma moeda que não podia permitir-se gastar. —Devo utilizar uma sala privada.

A senhora a olhou atentamente.

—Não é das garotas que vêm sempre. Aqui não pode exercer.

—Katrine levou a mão ao véu de freira e olhou a aquela cética mulher com a expressão que utilizava quando alguma tecelã não lhe entregava o trabalho na data combinada.

—Acaso pareço uma meretriz? Sou uma mulher casada e vim tomar um banho. Que eu saiba isto é uma casa de banhos, não é assim?

A mulher voltou atrás imediatamente.

—Me desculpe senhora, claro que é.

Katrine a seguiu por um corredor, de paredes de persiana, através das quais chegavam vozes de homens. Tentou distinguir a do Renard, mas a mulher não lhe deu tempo suficiente.

Conduziu-a para uma pequena sala com uma banheira, uma lareira e um banco. Uma vez ali, ficou esperando a que ela comesse despir-se.

—Não necessito ajuda, só água quente.

—Romero ou sálvia?

—Perdão?

—Para o banho. O que prefere folhas de romeiro ou de sálvia?

Katrine escolheu o romeiro e depois teve que esperar, pacientemente, que aquela mulher pusesse um tronco na lareira.

—Assim está bem, obrigada — lhe disse.

—Têm até os seguintes sinos. Se quiser mais tempo, custar-lhe-á mais dinheiro — e saiu da sala fechando a porta atrás de si, sem esperar uma resposta.

Depois de uns segundos e ainda completamente vestida, Katrine abriu a porta do corredor e comprovou que os restantes das salas privadas estavam abertas e, portanto, vazias.

Isso queria dizer que não era para isso que tinha ido Renard ali. Foi ao outro extremo do corredor com um sorriso nos lábios. Dali ouviu as vozes masculinas, mas a persiana, que afastava o corredor da piscina central, era muito alta para ela. Não conseguia ver nada.

A casa de banhos Vão Der Hoon merecia a reputação da qual desfrutava.

Katrine voltou para a sala, retirou os lençóis do banco de madeira e o arrastou até a porta. A madeira sobre o chão de pedra provocou um grande estrondo e por um momento temeu que a mulher pudesse voltar, alarmada pelo ruído. Não foi assim. O corredor seguia vazio.

Conseguiu levar o banco até a parede de persiana, pondo o pé debaixo para não fazer tanto ruído. Uma vez em cima do banco e nas pontas dos pés teve a altura justa para poder ver o que havia ao outro lado.

Ao vê-lo esteve a ponto de cair.

Estava tão concentrada em achar Renard que não lhe passou pela cabeça que o banho estaria cheio de homens.

E que estariam todos nus.

Altos e baixos, magros e gordos, peludos e calvos, havia homens de todos os tipos nas pequenas piscinas ou nos bancos daquele Jardim do Éden superlotado.

Mas entre aquela abundante coleção de Adãos, Katrine só viu um.

Embora só pudesse lhe ver as costas, reconheceu imediatamente aquele porte que já conhecia bem. Viu-o inundar-se na água e quando saiu, todo seu corpo brilhava com esplendor.

Jamais tinha visto um homem nu, mas, por algum motivo, nesse momento soube que nunca precisaria ver nenhum outro.

Percorreu com o olhar cada centímetro de seu corpo pelo qual caía a água.

O fogo com o que antes só havia brincado se acendeu em seus seios e foi baixando mais e mais.

Então ele deu meia volta e Katrine sentiu que lhe parava o coração.

O desejo invadiu todo seu corpo, concentrando-se no núcleo de seu ser. Morria de vontade de poder sentir sua pele molhada, de poder traçar os músculos de suas coxas. Fechou os olhos e teve que agarrar-se com força à persiana para não perder o equilíbrio.

Seu tio tinha razão: devia levar dentro de si o pecado da Eva. Sem dúvida era isso o que significava o ardor e o anseio que tomaram conta dela. Agora conseguia compreender o perigo que entranhava, porque sentia a tentação de confiar em um homem no qual não havia nem um ápice de sinceridade.

Apertou bem as pálpebras e desejou deixar de sentir aquilo. Disse a si mesma que aquele homem não era nada especial, que não havia motivo para sentir por ele outra coisa que não fosse desdém.

Quando voltou a abri-los, suspirou aliviada. Renard estava agora sentado em um dos bancos e se cobrira da cintura para baixo.

Mesmo assim, não pôde evitar seguir deleitando-se com a visão de seu torso nu, ligeiramente coberto por um pelo escuro, e de suas longas e musculosas pernas, que desapareciam sob o tecido para encontrar-se em um lugar que mal podia imaginar sem ruborizar-se.

Obrigou-se a olhar para outro lado e então viu o homem que sentava junto a ele. Era mais baixo e tinha o porte inconfundível de um soldado. Ao lhe ver o rosto, voltou a apertar a persiana de madeira e uma lasca se cravou em seu dedo.

Tratava-se do Sohier de Courtrai, senhor do Dronghen. O comandante da tropa da cidade.

E estava falando com Renard.

Capítulo 7

Coberto pelo tecido da casa de banhos Sohier de Courtrai ocupava a outra metade do banco no qual estava sentado também Renard. Nenhum dos dois olhava ao outro, mas Katrine, que os observava a ambos, sabia que o movimento de seus lábios formavam palavras, mas não conseguia escutá-las.

Teriam se encontrado ali por acaso? Não. Era evidente que o senhor de Dronghen se preocupava muito em passar inadvertido.

Sentava-se com o tronco rígido, como se estivesse reconhecendo as tropas em lugar de uma casa de banhos cheia de homens nus. A expressão de seu rosto era tranquila, como Katrine recordava tê-la visto já nos desfiles militares, mas todos os músculos estavam preparados para a batalha.

O comandante da tropa de Gante era um dos homens mais respeitados da cidade. Tinha a riqueza e o poder de qualquer nobre, embora seu dinheiro procedesse do comércio.

Era confidente do conde e recebia uma pensão do rei Felipe, entretanto também era muito apreciado pelo povo. Sua filha estava casada com um membro importante do conselho de burgueses da cidade. Aquele homem tinha tudo. Todo mundo confiava nele. O que poderia necessitar de um contrabandista?

Renard também observava a sala com extrema atenção, embora de maneira discreta, assim como tinha comprovado que ninguém o seguia na rua. Katrine se agachou com medo de que levantasse a vista e pudesse vê-la.

De repente se ouviram uns passos na escada e teve que descer do banco de um salto. Tropeçou com a saia do vestido e esteve a ponto de cair, uma vez recuperado o equilíbrio arrastou o banco de novo, com tal estrondo que não tinha a menor dúvida de que a mulher tinha que tê-lo ouvido.

Fechou a porta da sala de banho e começou a despir-se a toda pressa, tremiam-lhe as mãos e lhe ardia o lugar onde se cravara a lasca da persiana.

Os passos se aproximaram da porta.

Deixou cair ao chão o sobrevestido, a túnica e a combinação e, sem pensar duas vezes, mergulhou na água, cuja fria temperatura lhe cortou a respiração. As folhas de romeiro se agruparam sobre seu peito.

A encarregada da casa de banhos chamou à porta e depois a abriu de repente sem esperar para receber permissão para fazê-lo.

A mulher abriu a boca e voltou a fechá-la como um peixe. Olhou o banco que quase bloqueava a porta, depois a roupa espalhada pelo chão e finalmente para Katrine, sentada nua na banheira, mas ainda com o véu de freira lhe cobrindo a cabeça.

Katrine a olhou com indignação.

—Que desculpa pode ter para entrar desse modo em um banheiro privado?

—Achei ter ouvido... olhou o banco, depois para Katrine e meneou a cabeça. —Vejo que seus votos matrimoniais são verdadeiros — deu meia volta. —Até o próximo sino.

E bateu a porta ao sair.

Katrine apoiou a cabeça na borda da banheira e tentou pensar, mas a única coisa que aparecia em sua mente era a imagem de Renard saindo da água, as gotas caindo pelo peito e sobre umas pernas moldadas depois de dias e dias cavalgando.

Acelerou-lhe o pulso e endureceram os seios.

"Afasto-me da tentação", começou a dizer, mas já era muito tarde para isso. Santa Catalina já conhecia seu pecado. Provou com outra pregação. *"Não deixe que a tentação me leve a cometer o engano de confiar nele".*

Quando suas mãos a acariciaram e se sentiu rodeada por seu aroma, quis acreditar que, realmente, preocupava-se com ela. Desejou poder confiar nele plenamente.

A água do banho estava fria, mas muito mais fria era a realidade.

Renard estava mantendo reuniões clandestinas com o chefe militar da cidade. Não sabia quem ele era, o que sabia era que não podia ser um simples contrabandista.

Entretanto, agora que seu tio tinha voltado para a cidade, não podia jogá-lo para fora assim. Tinha seu dinheiro e, embora não fosse lhe levar a lã que lhe prometeu, possivelmente sua presença pudesse servir ao menos para que seu tio não a tirasse da loja à força.

Saiu da banheira tremendo, secou-se e vestiu a toda pressa e saiu da casa de banhos sem que ninguém a visse. Não ia admitir mais evasivas, tinha que fazer com que confessasse quem era realmente.

Deveria ter recordado o conto da raposa: *"A promessa do Renard era uma mera invenção. Disse aquelas palavras sem nenhuma intenção de cumpri-las".*

Nessa noite, Katrine enviou Merkin para dormir na cama que preparara na cozinha e ela se deitou em sua cama sem despir, atenta a escutar ranger o piso de cima e saber assim se Renard havia voltado.

Assim que ouviu o primeiro ruído, levantou-se da cama e subiu a escada.

—Renard — disse, tratando de que sua voz soasse mais forte que seu medo. —Devo falar com você.

Ao chegar ao terceiro piso o achou esperando-a, vestido tão somente com umas calças e o torso descoberto.

A força de suas palavras se evaporou de repente.

Se esticasse a mão poderia tocar o pelo que cobria seu peito.

Fechou os olhos, mas o único que conseguiu foi vê-lo saindo da água, justo antes de cobrir-se com a toalha.

—Parece que é certo que vou necessitar que alguém me proteja de você — disse ele com voz fria.

Katrine abriu os olhos e cruzou os braços sobre o peito, tentando acalmar o ritmo acelerado de seu coração. Não podia deixar que a dissuadisse.

—Aonde você vai todos os dias?

—Isso não é seu assunto.

Sentiu um ligeiro aroma a romeiro, mas não sabia se procedia de seu próprio corpo ou do dele.

—Cheira a casa de banhos, é aí aonde vai?

Ele arqueou ambas as sobrancelhas.

—Demonstra ter um desmedido interesse em mim, senhora.

—Não é em você — mentiu. —O que ocorre é que têm meu dinheiro e não recebi nada em troca. O modo como a olhava fazia que se sentisse inquieta. Queria liberar-se das sensações que ele despertava em seu interior. —Se não puder me entregar à lâ amanhã, quero que parta. Agora mesmo, esta noite.

—Com seu dinheiro? É uma oferta muito generosa — disse, com um sorriso.

Uma vez mais havia tornado a falar sem pensar. Sua simples presença a fazia perder o bom senso.

—Não, antes me devolva meu dinheiro.

—Já o investi, mas não se preocupe, com certeza haverá alguém que queira a lâ — ficou ali sem fazer nada, em silêncio, como se soubesse que ela mudaria de opinião e lhe pediria que ficasse.

—Diga-me — disse ela finalmente, disposta a arriscar tudo. —Realmente é um contrabandista?

Observou seu rosto à espera de descobrir algo, nele, que lhe confirmasse que tinha acertado o alvo.

—Pensava que — começou a dizer, com um sorriso que era pura tentação — já tinha decidido que era o demônio.

—Não sei o que ou quem é.

—Me pergunte tudo o que quiser, mas já têm todas as respostas que obterá.

Seu tom de voz era frio, mas seu olhar era quente: tanto que Katrine voltou a desejar poder acreditar nele. *"Possivelmente quer dizer que é minha"*, havia-lhe dito e logo a tinha olhado como se merecesse ser amada.

Katrine deixou de pensar por completo e estendeu a mão.

Pegou-lhe o pulso e a afastou antes que pudesse tocá-lo, mas isso não fez sem aproximá-la mais, até que se achou contra seu peito nu.

Incapaz de pensar ou falar, Katrine se inclinou sobre ele. Ele fez o mesmo. Só uns milímetros afastavam suas bocas. Quase podia sentir o sabor de seus lábios.

Um pouco mais e...

Apertou a boca contra a dele e, por um momento, não soube qual era sua respiração.

"Possivelmente seja minha".

De repente sentiu como se esticava e a afastava. Katrine teve que tomar ar. E ele também. Pela primeira vez, parecia estar tão alterado como ela.

—Parece que deseja algo mais de mim que a lâ. É por isso que me seguiu até a cama?

Katrine fechou os olhos e moveu a cabeça com vergonha. Envergonhava-se de haver se aventurado nos braços de um homem que deixou bem claro que a desprezava.

Nenhum homem poderia amar a uma mulher que tinha pensamentos tão luxuriosos.

—Volte para sua cama antes que façamos algo que os dois lamentaríamos.

Deu meia volta e ela saiu correndo.

Renard estava deitado na escuridão, tentando controlar sua respiração e seus pensamentos.

A luxúria acabaria lhe matando, se não tivesse mais cuidado.

"Realmente é um contrabandista?" Quanto Katrine sabia sobre ele, ou acaso era só uma suspeita? Em tal caso, contaria a alguém? Se o fizesse, no dia seguinte ele poderia encontrar a espada do conde cravada nas costas.

Deveria ir embora, deixar o dinheiro que ela lhe deu e desaparecer. E achar outro lugar seguro onde ficar.

Embora não houvesse sentido aquela atração por ela, Katrine continuaria sendo um duro oponente. Acreditou que poderia intimidá-la, mas ela não se assustava com nada, exceto pela intimidade que podia haver entre um homem e uma mulher. Mas tampouco isso era já seguro porque, essa noite, foi ela quem se aproximara se não a tivesse afastado, se tivesse se deixado levar...

Assim, devia dançar no fio da navalha, desestabilizá-la, mas sem perder seu próprio equilíbrio.

Um jogo muito perigoso.

Na manhã seguinte, Katrine se levantou e tomou o café da manhã como se nada tivesse acontecido.

Mas em realidade, muito havia acontecido.

Não podia olhá-lo no rosto. Aproximou-se dele, tinha pedido a gritos que a beijasse, fizera tudo àquilo que seu tio sempre lhe havia dito que faria, tinha feito pública a vergonha de sua natureza.

Deveria achar outra pessoa que lhe conseguisse a lâ porque, embora não soubesse a verdade, sabia que não podia confiar nele. Tinha que haver outros contrabandistas, certamente no porto acharia alguém que pudesse ajudá-la. Assim, fechou a loja e foi caminhando com a bolsa de moedas de seu pai bem atada sob a túnica. Muitos morreram por quantidades mais modestas. As ruas estavam cheias de peixeiros, que se reuniram para o desfile anual da associação. A procissão começaria depois do meio-dia e a festa se prolongaria até depois da meia-noite.

Embora fosse uma celebração, na rua se ouviam já protestos contra o conde. As pessoas já não se incomodavam em ocultar seu ódio. Sentiu que algo se movia a suas costas e acelerou o passo. Não sabia se era um cão, um mendigo ou possivelmente Ranf... o silêncio de seu tio não era um bom presságio.

Não viu nada estranho, o que a fez seguir caminhando, fazendo caso omissso do comichão que sentia na nuca.

Uma vez no porto foi de navio em navio, mas não recebeu mais que mostras de desconfiança, perplexidade e comentários em idiomas que se alegrou de não entender.

Renard tinha razão. Não era fácil conseguir lá.

Só ouviu uma sugestão. Black Pieter. Do outro lado das muralhas da cidade, onde viviam os leprosos.

Quando começou a caminhar para as muralhas, o sol se achava em seu ponto mais alto. O desfile tinha começado e era complicado atravessar as ruas.

Então ouviu, junto a ela, o grito de um escudeiro que anunciava o passo de seu senhor, um cavaleiro a cavalo.

Esquecendo-se por um momento de que uma dama jamais devia olhar a um desconhecido, Katrine o observou atentamente. O cavaleiro de cabelo encaracolado olhava à multidão com um sorriso nos lábios, como se tudo aquilo fosse organizado para ele. Levava um tapa-olho de seda vermelha em um olho.

Isso queria dizer que era inglês.

Abriu caminho entre a multidão como se fossem as águas do Mar Vermelho e depois lhe fez um gesto para que passasse. Seguiu-a até assegurar-se de que estava a salvo.

—Muito obrigado — lhe disse Katrine sorrindo pela primeira vez no dia. —Como devo chamá-lo, senhor?

O cavaleiro levou uma mão ao peito, negando com a cabeça. Logo olhou ao céu com o olho que ficava descoberto e traçou um "X" sobre seus lábios.

"Prometeram a suas damas que levariam o tapa-olho e que não falariam com ninguém até levar a cabo alguma proeza contra os franceses", tinha-lhe contado Merkin.

Katrine suspirou e lamentou ter sido tão ousada de falar com aquele desconhecido. Não teria sido tão cavalheiresco com ela se a tivesse visto a noite anterior.

A dama de um cavaleiro assim teria o cabelo claro e o olhar sempre baixo. E jamais perseguiria um homem até seu dormitório. Ainda com a mão no peito, o cavaleiro lançou um suspiro de agonia, logo levou a mão aos lábios e lhe lançou um beijo, antes de atirar umas moedas à rua.

Todo mundo se agachou para recolhê-las.

Ela continuou seu caminho. Ao menos os ingleses mostravam um pouco de compaixão pelos afetados pelo embargo que eles mesmos impuseram, algo que não fazia seu próprio conde.

Cruzou a última ponte a toda velocidade. Devia voltar antes que escurecesse. Ao atravessar as muralhas se perguntou quem escolheria viver do outro lado das muralhas defensivas.

Chegou à casa indicada, sentia-se o aroma de maçã podre procedente do interior. Katrine respirou fundo, pediu forças a Santa Catalina e bateu na porta.

—Adiante.

Katrine empurrou a porta e entrou tampando o nariz para proteger-se daquele fedor. Um homem de cabelo escuro ocupava a única cadeira da sala, olhou-a com os olhos totalmente abertos, mas lhe falou como se fosse um cão que passava por ali.

—O que quer?

—Lã — respondeu ela sem rodeios.

—Isso está difícil — disse o homem, meneando a cabeça.

—Se for Black Pieter, soube que pode consegui-la. É certo?

O homem a olhou um longo momento antes de responder.

—Pode ser. Quanto está disposta a pagar?

Katrine recordou a primeira conversa com o Renard. Aquele homem parecia ainda menos confiável que ele.

—Quinze libras de ouro por saco. À entrega.

—Vinte e cinco. Adiantado — disse e depois a olhou de cima abaixo. —E possivelmente algo mais.

Katrine fez um esforço para não sair correndo.

—Vinte, à entrega — disse apertando os dentes. —Nada mais.

Ele deu de ombros.

—Se não lhes convier, haverá outro que aceitará.

—Não acredito que alguém possa lhe pagar em ouro.

Aquilo fez que lhe iluminassem os olhos.

—Vou lhe dar cinco agora e as quinze restantes por saco quando os receber.

O tipo sorriu e a deixou ver uma boca sem dentes.

—Me mostre esses cinco.

Katrine se ruborizou.

—Dê a volta para que possa tirá-los.

—Não, prefiro olhar. Devo ter muito cuidado — assegurou com olhar luxurioso.

Katrine deu meia volta, com a esperança de que ele não se aproximasse. Levantou o vestido e a túnica e tratou de tirar as moedas sem que tilintassem as demais.

Se aquele homem soubesse que tinha cinquenta libras, poderia matá-la para roubá-la.

Mostrou-lhe a moeda assim como teria mostrado um pedaço de carne a um cão raivoso. Ele a pegou sem sequer lhe roçar a mão, felizmente para ela.

—Quando a terá? Perguntou-lhe.

—Eu lhe avisarei. Onde vive?

—Deixe a mensagem no posto das irmãs Gheilaert. No mercado de tecidos. Diga que é uma mensagem para Katrine.

O homem deu um gole da jarra de cerveja que tinha na mão e limpou a boca com a manga.

—Seu marido lhe deixou a cama tão vazia como o tear?

—Só preciso encher o tear — lhe lançou um olhar de desprezo e saiu dali tão rápido como pôde.

O sol, que logo se ocultaria no horizonte, banhava a cidade com sua luz dourada. O desfile havia terminado, mas as tavernas continuavam abarrotadas de pessoas rindo e brigando pela

cerveja. Nem sequer o véu a protegia dos gritos e assobios dos que seguiam festejando. Nenhuma mulher respeitável teria saído sozinha na rua àquela hora do dia.

Houve um homem que a pegou, mas Katrine conseguiu soltar-se, pois estava muito bêbado.

Para evitar mais problemas, abandonou as ruas mais concorridas e continuou caminhando por zonas mais tranquilas, embora isso supusesse alongar o caminho de volta para casa.

A luz do dia virtualmente tinha desaparecido quando chegou à Rua High Gate uma via que tinha percorrido um sem-fim de vezes com seu pai, com os olhos postos no céu para ver quem era o primeiro que via uma estrela.

Sorriu e levantou o olhar enquanto rezava para que seu pai voltasse logo são e salvo. De repente uma sombra a pegou por ambos os braços e a arrastou até o beco que havia perto da igreja. Katrine esperneou. Sem dúvida era algum bêbado tratando de beijá-la. Ou talvez com algo mais.

Tentou gritar, mas uma voz que conhecia lhe advertiu que não o fizesse, sentiu o frio metal de uma adaga no pescoço.

—Tenho uma mensagem de seu tio.

Katrine ficou imóvel, só pensava que Ranf não ouvisse o tinido das moedas.

—Estranha maneira de entregá-la — disse com o coração lhe pulsando na garganta. — Poderia ter vindo ver-me.

— Não quer que isto seja nada público — as palavras e o punho do Ranf a golpearam ao mesmo tempo. —Volte para sua casa — outro golpe, dessa vez nas costelas — ou o seguinte aviso lhe doerá mais.

Katrine se agachou com ambas as mãos no flanco direito.

Outro golpe a obrigou a jogar a cabeça para trás. A cabeça lhe dava voltas e só via escuridão.

Tratou de enfocar a vista em um volume redondo que pendia da mão daquele valentão. Era um saco com uma horrível mancha vermelha.

—Toda a ajuda que pedir acabará da mesma maneira.

Ranf abriu a bolsa e deixou cair algo que rolou pela rua salpicando sangue e barro.

Katrine o olhou incapaz de deixar de tremer nem de afastar o olhar até reconhecer o que era aquilo.

Era a cabeça do Black Pieter.

Seu último pensamento antes de tudo se tornar negro foi uma prece agradecendo porque não era Renard.

Capítulo 8

Renard entrou no jardim, contente de ter se afastado por fim dos desbocados peixeiros. A festa e o álcool, à luz da lua cheia, formavam uma perigosa combinação que, entretanto, era muito propícia para seu objetivo.

Os peixeiros não sentiam o menor apreço pelo conde, mas respeitavam enormemente Courtrai. Possivelmente o plano pudesse funcionar.

Ao fechar a porta olhou a suas costas, uma vez mais, para comprovar que ninguém o seguiu. Já não estava seguro de nada: no dia anterior acreditou inclusive ver Katrine atrás dele.

Mal abriu a porta quando sentiu um pontapé na tíbia que esteve a ponto de fazer com que caísse de joelhos antes que outro golpe lhe alcançasse o estômago, agarrou seu atacante e em seguida comprovou que era Merkin, que tratava de lhe bater com um pau de amassar macarrão como se disso dependesse sua vida.

—Merkin. Para. Sou eu, Renard — lhe tirou a improvisada arma das mãos, enquanto tentava comprovar se Katrine estava na casa.

Merkin deixou de espernear e se refugiou em seus braços choramingando.

—Por fim. Grande guarda você é.

Renard pegou a adaga antes mesmo de ser consciente do que estava fazendo. Em lugar dos passos de Katrine. Na casa havia um silêncio que não pressagiava nada de bom.

—O que ocorreu? Onde está Katrine?

Merkin estava mais pálida do que habitual.

—Atacaram-na a uns metros daqui. Alguém a trouxe e eu a meti na cama, mas agora não posso despertá-la.

Renard subiu os degraus de três em três e, ainda com a adaga na mão, abriu a porta de seu dormitório.

Jazia encolhida sob as mantas, em uma espécie de bolha de tecido, como se isso pudesse protegê-la de outro ataque. Os lençóis estavam manchados de sangue, seria dela?

Tinha um enorme hematoma no rosto. De seu véu, que evidentemente não tinha sido proteção suficiente na rua, escapou uma trança que se estendia sobre os lençóis sujos. Como Merkin pudera deixá-la assim?

—Katrine — sussurrou Renard. —Sou eu. Está bem?

Não se moveu.

Aproximou-se um pouco mais dela e voltou a empunhar a adaga. A luz da vela fazia com que fosse difícil distinguir os machucados das sombras. Que mais feridas teria que ele não podia ver? Sentiu vontade de rezar uma prece.

—Não passa nada. Já estou aqui — como se pudesse arrumar tudo só estando ali, assim como tinha quebrado partindo.

Não houve resposta.

Ajoelhou-se junto à cama e lhe pôs a mão no ombro. Sob as longas pestanas, os olhos seguiam fechados, como se estivesse adormecida.

Ou morta.

Inclinou-se para ela e viu que seu peito subia e descia ao ritmo da respiração. O aroma do sangue o transportou de repente à Escócia, quando o campo de batalha se tingiu de vermelho e muitos guerreiros sucumbiram para retirar-se a um mundo mais seguro.

Um mundo, do qual às vezes não voltavam.

—Descanse e desperte quando estiver preparada. Não partirei daqui, prometo-lhe isso.

Ele prometia? Convertera-se em um autêntico mentiroso, mas o certo era que teria prometido algo para que voltasse da escuridão na qual mergulhara. Aproximou um banquinho de madeira e se sentou junto à cama. Como as palavras não funcionaram, tentou com carícias. Esfregou-lhe os dedos, apertou-lhe as mãos entre as suas.

"Necessito de proteção", havia-lhe dito ela.

"Achei que eu ia protegê-la", tinha respondido ele, sem compreender realmente. De repente lhe passou pela cabeça uma possibilidade que lhe gelou o sangue. E se não tivesse sido um roubo, mas uma violação?

O ruído dos passos de Merkin o fez voltar-se para olhar. A criada se deteve na soleira com expressão angustiada.

—Senhor, deve partir. Não deve...

—O que aconteceu? Quem lhe fez isto?

Merkin mordeu o lábio antes de responder.

—Não sei. Encontraram-na perto da igreja e a trouxeram para casa.

—Quando?

—Depois do anoitecer. Mas, senhor, havia algo mais — olhou Katrine e logo prosseguiu com um sussurro. —Disseram que junto a ela havia uma cabeça — se benzeu duas vezes. —Era a cabeça de um homem, a haviam cortado.

Renard estremeceu em apenas imaginar. Esperava que esse fosse à origem daquele sangue.

—De quem era?

—Ninguém sabe senhor. Merkin estava a ponto de voltar a chorar.

—Sabe se a... ?

Não pôde terminar a frase e pensou que era melhor que a criada nem sequer tivesse que expor-se a possibilidade de que alguém tivesse violado a sua senhora.

—Acha que terá sido algum demônio? Perguntou a moça. —Terá a possuído?

—Não, Merkin — Renard falou devagar, pronunciando cada sílaba flamenca com cuidado. — O demônio que lhe fez isto caminha sobre duas pernas.

"Mas não o deixarei que continue fazendo-o por muito tempo".

Afastou aquele pensamento de sua cabeça. Como castigaria a um espectro?

—Sei que sua senhora agradece tudo o que fez por ela, mas agora temos que banhá-la e ver que feridas tem. Esquente água e prepare um banho.

—Mas, senhor — a moça o olhou com horror. —Não posso lhe permitir... olhou a sua senhora em busca de ajuda.

Mas Katrine seguia imersa em seu mundo.

—Merkin, você quer ajudá-la e eu também. Faça o que lhe digo.

A jovem criada deu meia volta incapaz de suportar a carga de tanta responsabilidade sobre uns ombros ainda mais frágeis que os de Katrine.

Renard deixou que o silêncio reinasse no aposento por um momento.

—Katrine, quero que abra os olhos e me olhe — lhe disse com uma voz suave e íntima, apenas consciente do que dizia. —Pode fazê-lo por mim? Tenta-o, por favor.

Nada. Ela não se moveu.

—Está bem, *ma petite*, se estiver muito cansada para abrir os olhos, *c'est bien*¹. Merkin vai trazer água para te lavar, verá como assim se sente melhor, *n'est pas*?² — sem se dar conta tinha começado a falar em francês.

Ela assentiu.

Tinha ouvido e entendia francês. Bom, não era de estranhar, muitos cidadãos entendiam o idioma das classes nobres. Para Renard seria um alívio poder deixar de falar flamengo por um momento.

—Quer começar de novo, *oui*? Quer que eu fale um pouco em francês?

Voltou a assentir, ainda com os olhos fechados.

Algo se afrouxou dentro dele, desfazendo parte da tensão.

—Então vou contar lhe uma história.

Katrine se moveu e, embora não abrisse os olhos e continuasse tendo os lábios apertados, ao menos já não tinha os punhos fechados e parecia mais relaxada.

—Faz muito tempo — começou Renard, — quando os animais ainda podiam falar e eram muito mais inteligentes que as pessoas, havia uma raposa a quem as pessoas chamavam de Renard, que significa bom conselheiro, porque era sábio e engenhoso.

Sabia-se de cor todos os contos de Renard a Raposa. Ao final de todos eles, o protagonista já não era sábio e engenhoso, mas era um mentiroso que enganava até os seus amigos. Sua mãe devia tê-lo odiado muito para lhe dar um nome assim.

Fez uma pausa.

—No décimo aniversário da ascensão ao trono da rainha — prosseguiu, — todo mundo no reino enviou um presente para celebrar quão felizes eram sob seu reinado — viu que Katrine tinha afrouxado os lábios e, depois de resistir à tentação de tocá-los, seguiu com a história com mais força. —Os presentes chegaram de todos os rincões. As ovelhas lhe enviaram tecidos em ouro, o leão uma coroa de diamantes, nos quais podia ver-se o reflexo de pequenos arcos íris. Os presentes

¹ Vou colocar algumas traduções do francês, certo! ;). Aqui pode ser traduzido como tudo bem

² Não é

eram um tributo a sua sabedoria e a sua beleza. Mas a rainha se deu conta de que não havia nenhum de Renard a Raposa e foi perguntar-lhe. "*O que me enviou Renard?*", perguntou-lhe a rainha.

—Me perdoe, senhor — as palavras de Merkin o sobressaltaram. —Eu... disse que o avisasse. A água está preparada.

Renard olhou para Katrine.

—Voltarei logo. Prometo-lhe isso — passou-lhe a mão pela face e ela virou o rosto para sua mão. Renard não se incomodou em dissimular o prazer que lhe deu tal reação. Seguiu Merkin para piso de baixo com um pouco menos de preocupação. —Não tem família? Poderia ter avisado a alguém.

—Já soou o toque de recolher — respondeu a moça. —Além disso, e se o que a atacou continuasse aí fora? Por que você não estava aqui?

Renard sentiu que lhe revolia o estômago pelo sentimento de culpa, mas não respondeu à pergunta.

—Alguém lhe fez alguma pergunta para averiguar quem foi que a atacou?

—Em uma noite em que a associação invadiu as ruas da cidade? Respondeu com evidente cansaço.

Renard não queria assustar a criada, mas era claro que, aquilo, não foi o ataque de um peixeiro bêbado, mais parecia uma mensagem. Mas, de quem? Teria sido o homem que tinha visto rondando pela casa? Seria Renard o próximo?

De volta ao dormitório de Katrine, com todo o necessário para o banho, Merkin se deteve frente à cama e lhe sussurrou.

—Só têm que pendurar o candeeiro antes de partir.

—Não vou partir — anunciou Renard com determinação. —Você não pode trocar a roupa dela sozinha e eu sei mais sobre feridas que você.

—Mas...

—Merkin, faça o que eu lhe digo.

A moça moveu a cabeça e depois lhe lançou um olhar com o qual, sem dúvida, quis lhe dizer que vigiaria suas ações em todos os momentos.

Capítulo 9

Katrine continuava como a deixaram, a palidez de sua pele e a escuridão dos machucados contrastava com a cor vermelha de seu cabelo. Não havia manchas de sangue fresco nos lençóis.

"Bem. Possivelmente o sangue não era dela".

—Merkin, aviva o fogo para que não esfrie.

Sentou-se na cama junto a ela e sentiu o aroma de sua pele, que era mais intenso que o do sangue. Quanto teria desejado que Merkin o deixasse a sós com ela: tinha a certeza de que poderia curá-la com a voz e com as mãos. Respirava de maneira estável e seguia tendo os olhos fechados, mas Renard não sabia se era porque dormia ou porque tentava fugir do mundo.

—Muito bem, *mon petit lapin*³, Merkin vai banhá-la e em seguida voltará a sentir-se como nova.

Ao ouvir aquelas palavras, Katrine se encolheu formando uma espécie de novelo, como se quisesse dar as costas a um mundo no qual alguém podia golpeá-la e deixá-la deitada junto a uma cabeça amputada. Não era de se estranhar que quisesse fugir de tanto horror, um horror que ele deveria ter afastado dela.

—Não vamos lhe fazer nenhum mal, *chérie*⁴ — disse Renard enquanto a girava suavemente para colocá-la de barriga para cima. —Temos que ver se está ferida. Seja boa e terminarei de lhe contar a história.

Deixou de lutar contra ele e Renard pôde lhe tocar os braços, dos pulsos aos ombros. Viu seu gesto de dor quando lhe roçou o ombro direito.

—Tire-lhe a roupa. Temos que ver onde mais está ferida.

Renard foi tirar o véu, mas Katrine tentou impedir sem abrir os olhos, sem saber que já havia escapado uma trança que revelava seu segredo. Embora ela não tivesse forças, Renard preferiu não seguir tentando-o, pois era consciente da agonia que lhe causaria.

—Não se preocupe, *ma petite* — voltou a colocar a trança sob o tecido. —Deixaremos a sua proteção no lugar.

Merkin e Renard, cada um a um lado dela, afastaram a roupa de cama e lhe retiraram o sobrevestido. Sob a túnica interior apareceu um volume.

— O que é isso? — perguntou Renard, mas não esperou para obter uma resposta e tocou o volume por cima do tecido. Ouviu um tinido.

Uma bolsa de moedas. E muito pesada. Mais que suficiente para que muitos quisessem matar por ela. Talvez o assaltante quisesse aquilo e não Katrine.

O medo se transformou em ira.

—Sua senhora costuma passear pelas ruas levando toda a sua fortuna?

Merkin abriu a boca para protestar, mas em seguida voltou a fechá-la.

—Não, senhor.

³ Meu pequeno coelhinho

⁴ Querida

—Aonde ia?

—Não o disse — seus olhos, normalmente tão alegres, encheram-se de lágrimas. —Por favor, senhor, não o tire, é o único que temos.

Renard se surpreendeu com aquela súplica. De verdade pensava que podia ser tão desalmado? Bom, possivelmente não era de estranhar. Ao fim e ao cabo, não deu nenhum motivo para confiar nele.

Não podia começar a fazê-lo agora.

Esboçou seu melhor sorriso de raposa.

—Será meu muito em breve. Mas me alegro de saber que tem com o que me pagar.

—Por protegê-la?

A pergunta doeu porque era evidente que por isso não merecia moeda alguma. Ficou em pé bruscamente e lhe deu as costas.

—Ponha-a cômoda. Eu não olharei.

A bolsa voltou a tilintar quando Merkin a pôs sobre o baú que havia perto da cama. A julgar pelo som, havia suficiente para pagar a lã que esperava que levasse.

Isso queria dizer que, como ela mesma havia dito, era uma mulher honesta.

—Senhor, por favor, poderia me ajudar? Perguntou-lhe Merkin para seu pesar. —Não posso tirar a túnica e o vestido sozinha.

A imagem de Katrine, imóvel sobre a cama, provocou-lhe um calafrio. Mas não parecia haver sangue recente e pouco antes tinha assentido duas vezes. Merkin puxou a túnica dourada e Renard passou uma mão por debaixo dos joelhos e outra sob a cintura para levantá-la da cama.

Katrine gritou.

Voltou a deitá-la e a observou para saber exatamente quando tinha gritado, tentando elucidar onde lhe doía. Merkin tirou a túnica.

Agora só uma fina camisa longa afastava sua pele dele e Renard podia sentir a vida que ainda havia em seu corpo. Apitavam-lhe, os ouvidos como quando estava a ponto de entrar em combate, sinal de que estava preparado para lutar. Mas essa vez o inimigo era sua própria debilidade, uma debilidade que, por muito que se empenhasse em negar, parecia lhe correr pelas veias, completamente fora de seu controle, como uma alma independente que vivesse dentro dele.

Desejava fechar os olhos à tentação, mas se obrigou a observá-la com olhar distante, como se estivesse examinando a um cavaleiro ferido na batalha. Não havia sangue, nem ossos quebrados, só as marcas no rosto, os braços e o flanco.

Merkin mergulhou um pano em água quente e começou a lhe lavar o rosto. A água quente e o suave roçar do tecido pareciam aliviá-la.

—Não vejo nada mais, senhor. Possivelmente não tenha nada mais que machucados.

Renard não achava isso, pois sua respiração era muito superficial. Inclinou-se sobre ela, lhe pondo um braço a cada lado.

—Katrine, tenta respirar fundo — lhe pediu. —Vamos, só uma vez.

Sabia que podia lhe ouvir. Respirou duas vezes, mas quando tentou tomar mais ar, levou a mão ao flanco e lançou um grito de dor que lhe cravou no coração.

—São as costelas — deduziu Renard. —Temos que enfaixá-la para que não se faça mais lesão. Está bem, *ma petit* — disse dirigindo-se agora a Katrine. —Vi muitas vezes estas lesões em... maldito fosse, estava perdendo a concentração. Esteve a ponto de dizer Escócia. —A enfaixaremos e não demorará em curar-se.

Enquanto Merkin a acariciava, Renard sentia cada toque como se fosse em seu próprio corpo. Tinha a pele delicada e sensível. Renard respirava de maneira entrecortada, sem saber bem se a respiração era a sua ou a dela.

—Por que não se senta aí e termina a história enquanto eu a lavo? Sugeriu a criada.

Renard se afastou e tropeçou no banco antes de conseguir sentar-se. Se nem sequer estava de todo seguro de que fosse capaz de falar. Começou em francês, mas ao ver o gesto de decepção de Merkin, fez o esforço de prosseguir em flamengo. Assim teria que concentrar-se em algo que não fosse Katrine.

—A rainha recebeu presentes de todos seus súditos porque era valente, formosa e boa e todos a queriam bem. Tinha o cabelo da cor de um céu de entardecer vermelho como o fogo. Cílios compridos como um bosque e a pele branca como a flor de laranjeira.

—Essa rainha se parece com alguém que conhecemos, não é? Perguntou Merkin alegremente a sua senhora, mas olhou para Renard.

Era capaz de ocultar suas emoções ante qualquer rei. Como era possível que se tornara tão transparente que até aquela moça via o que havia em seu interior?

Merkin lhe passou o trapo pela perna direita. Ao senti-lo, Katrine se moveu, mas a criada seguiu por debaixo da camisa.

Renard respirou fundo e tratou de continuar.

—Mas a rainha não viu nada que lhe tivesse enviado Renard. "*Não me envia nada, Renard?*", perguntou-lhe a rainha. "*Formosa rainha, enviei-lhe um presente que não tem preço. Um presente que porá ao alcance de sua mão todas as maravilhas do mundo e lhe dará um grande poder*", respondeu a raposa.

Merkin passou ao outro lado para continuar lavando sua senhora, que continuava imóvel.

—"*Onde está essa maravilha?*", perguntou-lhe a rainha. "*Não encontrei nada seu entre os tesouros*". Renard disse à rainha: "*Enviei-lhe um globo de cristal de além dos sete mares. Olhe dentro dele e seja qual seja a verdade que procurar, seja sobre o presente o passado ou o futuro, achará-ali*".

Viu a mão de Merkin entrar no terreno que escondia a camisa e soube que ia se perder no vale que se formava entre suas pernas.

Seguir falando se converteu em um verdadeiro suplício, mas o fez de todos os modos.

—"*Mas não recebi tal presente*" — protestou a rainha. —"*Terá que buscá-lo por todo o reino porque esse presente que enviou se perdeu*".

Sua voz foi se apagando. Katrine respirava agora placidamente, ficou adormecida. Merkin a agasalhou.

—Vá procurar um médico com a primeira luz do dia — lhe ordenou, lhe assinalando a porta.
—Eu ficarei com ela.

Merkin foi para a porta na ponta dos pés, mas se deteve antes de cruzar a soleira.

—Mas me diga antes, senhor, o que aconteceu com o globo de cristal do Renard?

O engano era amargo em sua boca.

—Não havia tal globo mágico. O presente de Renard era mentira. As últimas palavras da rainha foram, *"Não acredito em uma palavra que diga Renard. Todas elas são mentiras e nada mais que mentiras"*.

Katrine fechou os olhos à luz, mas não podia afastar aquela imagem de sua mente. Black Pieter, sem vida, olhando-a de um atoleiro de lodo vermelho. E os punhos de Ranf.

Dia e noite, o sonho e a realidade se confundiam. Dava-lhe medo abrir os olhos, tentava concentrar-se em respirar e se apegava aos lençóis para lutar contra o medo.

Recordava muito pouco do que acontecera depois. O frio da pedra das ruas contra a face. Vozes alteradas que gritavam. O estalo continuado enquanto algum bom samaritano a levava a casa, cada golpe era uma tortura para suas costelas.

A suavidade dos travesseiros de penas. A vergonha de sentir que só queria afastar-se da realidade porque estava cansada e sozinha.

Seu tio tinha quebrado seu silêncio e Katrine se dera conta de que, sua valentia, não tinha servido de nada porque não poderia salvar-se. Já não albergava esperança alguma. Não tinha nenhum motivo para voltar a enfrentar o mundo.

Assim sua mente a levou a outra realidade, na qual não teria que confrontar a verdade.

Mas, contra sua própria vontade, seguiu o relato do Renard sobre uma raposa, uma rainha e um globo de cristal mágico. A história fez que pudesse dormir sem que as visões a atormentassem. Recordava sua voz, lhe roçando a pele como uma carícia, fazendo-a estremecer. Sua voz criou dentro dela uma doce e úmida debilidade.

E esperança. A suficiente esperança para afastar o medo.

Agora, quando a luz da manhã inundou o aposento, desejou ter aquele globo de cristal e ver nele a verdade sobre Renard.

Procedia de Bruxelas e, entretanto falava francês normando. Era contrabandista, estava à margem da lei, mas se reunia com o capitão da tropa de Gante. Levava uma túnica rasgada, mas nunca duvidava na hora de dar ordens. Não mostrava emoção alguma, mas Katrine havia sentido a ternura em sua voz.

Tudo nele dava a entender que não devia confiar nele. E tudo fazia com que ela desejasse fazê-lo.

"Doce Santa Catalina, guia-me para...".

A prece se desvaneceu em seus lábios. Já não sabia aonde queria ir.

Capítulo 10

—Pôs as folhas de proteção para apanhar pulgas, Katrine?

Encolhida em sua cama, Katrine viu sua tia Matilda apoiar-se sobre um joelho para comprovar a presença de tais folhas.

—Não, tia... respondeu Katrine, com um suspiro. —Mas pendurei as cordas com mel para as moscas.

Enquanto ela dormia, Merkin fez vir o médico e depois a sua tia. Resultava reconfortante ter ali tia Matilda, para que avivasse o fogo, desse-lhe a sopa e amaciasse os almofadões, mas agora Katrine tinha que tomar cuidado com o que dizia. Esperava que não soubesse mais do que Merkin contasse: sem dúvida não teria a menor ideia de que foi seu marido quem ordenou que lhe dessem uma surra.

Katrine preferia que fosse assim e que Matilda tampouco contasse nada a ele.

Nem sobre ela nem sobre Renard.

—Mas minha filha — protestou sua tia, depois de examinar as cordas. —Se não as trocou há semanas, o mel está completamente seco, com isto não apanhará nenhuma mosca. Nunca soube cuidar de uma casa. Não é de estranhar que seu tio lhe diga o que lhe diz. Como vai conseguir se casar se não souber cuidar da casa de seu marido?

—Não vou me casar — *"ninguém me aceitaria"*.

—Claro que vai se casar, possivelmente não com um homem da altura de seu tio. Não podemos fazer nada com seu aspecto e haverá muitos que não vejam com bons olhos o que faz aqui, mas com um bom dote conseguiremos um homem que passará por cima tudo isso — disse, enquanto desatava a corda. —Onde está essa inútil que tem por criada? Deveria levá-la para casa e lhe dar uma surra por haver escapado.

Às vezes sua tia se convertia, sem dar-se conta, em porta-voz dos pensamentos de seu marido.

—Não acredito que queira que fique aqui sem Merkin — apontou Katrine. —Eu sozinha não posso me levantar nem descer as escadas.

A tia Matilda meneou a cabeça a contra gosto.

—Não quero que fique aqui de maneira nenhuma. Escapou de nosso lado para estar aqui só com uma criada, sai à rua sem ninguém que a proteja... já vê o que lhe aconteceu por fazer tudo isso.

Não havia mencionado Renard. Certamente seu tio não disse a Matilda tudo o que sabia.

—Meu tio sabe que está aqui?

—Está outra vez com o conde. Mas ficará muito furioso quando o disser. A primeira coisa que dirá é que tem que voltar conosco.

"Volta para sua casa".

Katrine não tinha falado a ninguém da mensagem de Ranf, preferia que todos pensassem que tinha sido uma vítima casual.

—As ruas não são seguras para ninguém. Poderia ter me acontecido o mesmo vivendo onde vivesse.

—Mas por que foi de nosso lado só porque seu tio teve um ataque de mau gênio? Ele sempre teve muita paciência com você. Desde que voltamos, todas as noites diz que deveria levá-la de volta a casa para poder protegê-la. Não quero nem pensar como vai ficar quando se inteirar do que aconteceu agora. Estou certa de que virá pessoalmente para levá-la para casa.

Katrine pegou a mão de sua tia com força.

—Quando se inteirar? Não sabe que ele...? Mordeu a língua antes de continuar. Deus tinha abençoado a sua tia com uma curta visão que lhe impedia de ver o que acontecia diante de seu próprio nariz. Por algum motivo seu tio queria que parecesse que Katrine voltava por vontade própria e não obrigada. Ou possivelmente só queria assustá-la tanto que fosse até ele para lhe implorar clemência. Quase conseguiu. —Se preocupa muito.

—Sempre se preocupou por você. Passava-lhe o mesmo com sua mãe.

—Com minha mãe?

—Certamente. A princípio era uma criatura tão doce e alegre e seu tio era o melhor cunhado do mundo. Além disso, seu pai passava tanto tempo fora... sua mãe era muito delicada, sempre tinha um arranhão ou algum machucado. Charles a achava, não importava em que aposento estivesse, e se assegurava de que estivesse cômoda.

Katrine fechou os olhos e voltou a sentir suas garras nos braços. *"É igual a sua mãe. Uma pecadora"*. Havia algo que não chegava a compreender bem. Acaso sua mãe tinha vivido com o mesmo medo que ela?

A alegre conversa de sua tia parecia lhe chegar de uma longa distância.

—Quando morreu aquela noite, tão de repente, sem estar doente sequer, só Deus teria sabido explicar o que a levou. Não sei quem chorou mais por ela se Charles ou Denys. Katrine lhe pôs a mão sobre a sua e negou com a cabeça. —Possivelmente por isso se preocupa tanto por você. Porque sabe quão frágil era sua mãe.

Katrine se inclinou para sua tia.

—Mas eu não sou frágil. Não pode contar-lhe.

Por um momento Katrine acreditou ver um pouco de compreensão nos olhos de sua tia, mas piscou e desapareceu.

—Minha filha, lhe deram uma surra e lhe deixaram prostrada na cama.

—Há coisas que é melhor que ele não saiba, não acha? Disse Katrine em tom de conspiração. —Recorda aquela vez que fomos à feira depois dele nos proibir? Lembro-me dessa banca de tecido que a fez rir.

Um ligeiro rubor coloriu as faces de sua tia.

—Bom, sim, mas isso foi diferente.

Mas Katrine continuou sem medo.

—As mulheres guardam segredos entre elas. Como quando me falou dessa poção que toma imediatamente depois de passar a noite com seu marido, se não queria...

—Cale-se, menina — Matilda começou a gaguejar. —Se algum padre a ouve acabaremos no inferno...

Katrine esboçou um sorriso triunfal.

—Diga a meu tio que estou bem, nada mais — se sua tia não mencionasse o ataque, ele não poderia fazer nada sem revelar que estava ao mando disso.

—Diga o que quiser, não demorará a vir. Se o conde não requeresse sua presença noite e dia, já teria vindo buscá-la — assegurou Matilda, antes de despedir-se com um abraço.

Depois que sua tia partiu, Katrine abriu a caixa em que estava o espelho que deu Giles e, antes de virá-lo, repetiu o jogo infantil que tantas vezes fez ele, quando punha o espelho em frente ao rosto para lhe mostrar *"quão especial é Katrine"*.

Mas a realidade que encontrou a deixou sem fala. Tinha um enorme hematoma ao redor do olho esquerdo e uma crosta na face. O que teria pensado Renard ao vê-la com esse aspecto? Claro que viu muito mais que isso. Recordava seu olhar sobre ela como em um sonho.

Foi um sonho, não um pesadelo. Não recordava ter percebido o menor asco nele, só carinho. Poderia alguma vez sentir isso com um homem?

Sua tia havia dito que, ainda, poderia casar-se. Seria verdade? Poderia, alguma vez, ter seu próprio lar com seu marido? Tudo seria então muito mais simples. Quando seu pai voltasse por fim, porque voltaria, iria transformá-la oficialmente sua sócia ante a associação. Mas, o que pensaria quando visse a loja e a oficina vazias, sem tudo o que Giles e ele demoraram vinte anos em criar?

Os olhos que viu no espelho, mostraram-lhe uma verdade diferente. Não era o sonho de seu pai que temia que se quebrasse, nem sua tristeza a que lhe queimava nos olhos. Era seu próprio sonho e sua própria tristeza. Ante a associação podia dizer que estava fazendo tudo àquilo em nome de seu pai, mas já não podia enganar a si mesma.

Suas mãos desejavam o tato da lã e o movimento do tear. Sentia saudades da alegria que sentia ao criar algo partindo de um nada, estar no único lugar do mundo no qual se sentia viva e seus pecados, reais ou imaginários, não importavam.

Devolveu o espelho a sua caixa sentindo uma estranha paz. Como ia fechar a loja? Então preferiria morrer.

Renard era sua única solução agora. Tinha que tirar da cabeça esse estúpido desejo de que pudesse chegar a sentir algo por ela e ocultar a vergonha de seus sentimentos por ele. Não importava se não fosse só um contrabandista, desde que lhe entregasse sua lã.

Se não o fizesse, não teria motivo para continuar ali quando seu tio fosse procurá-la.

A casa continuava sob vigilância.

Renard viu aquele homem uns dias depois, quando saiu para ver o bispo. Teria alguma relação com o ataque que sofreu Katrine? Aquele guarda nunca o seguia, se afastava da casa e tampouco não viu nenhum outro, pelo que achava que suas conversas com Courtrai continuavam sendo secretas, mas o tempo corria. O bispo e Courtrai deviam reunir-se logo e ele teria que deixar Katrine. Mais que protegê-la, o que fez foi pô-la em perigo. Mas, se tentasse procurar outro lugar no qual esconder-se, perderia dias de trabalho em sua importante missão.

Certamente não importaria que ficasse com ela um pouco mais e se assegurasse de que se recuperara por completo. Até que estivesse bastante forte para responder a suas perguntas.

Pela atitude do bispo, que não levantava a vista do pergaminho, Renard deduziu que não havia nenhum avanço para alardear. Ele, entretanto, informou-lhe que havia estabelecido contato com um possível aliado e lhe explicou quem era o senhor do Dronghen.

— Não é nobre? Perguntou o bispo, com desprezo. — E como vai influir então no conde? Clare se negava a aceitar que Flandres era diferente de outros ducados.

— Não só importa a influência que possa exercer no conde. Aqui os foros garantem os direitos do povo e, se o conselho declarar a neutralidade, o conde não poderá fazer nada a respeito. Courtrai é a pessoa mais respeitada pelo conde e pelo conselho.

O bispo o olhou como se cheirasse mal, mas fingiu não prestar muita atenção enquanto passava queijo em um enorme pedaço de pão.

— Bem, você está mais preparado que eu para tratar com o povo — disse em clara alusão a sua origem ilegítima. — O que o faz pensar que apoiará o rei?

— Está disposto a reunir-se com você e convidá-lo para comer amanhã, ao meio dia.

Ao ouvir aquilo, o bispo se dignou a levantar a vista do pão.

— Tem uma boa adega de vinho?

Renard não pôde evitar perguntar-se quanto ouro do rei teria desperdiçado nos caprichos de Clare.

— É tão popular na cidade que não cobra nenhum tipo de imposto no vinho que consome, assim suponho que estará bem provido.

O bispo sorriu.

— Venha amanhã e lhe direi como foi a reunião.

— Eu assistirei à refeição em nome do rei. Dronghen confia em mim e não tem motivos para confiar em você.

"Nem eu tampouco".

— Então vai deixar de se ocultar e vai se mostrar como membro da delegação oficial?

Renard titubeou. O certo era que, uma vez que Courtrai e o bispo se reunissem, já não teria motivo para continuar incógnito.

Possivelmente teria um motivo. Katrine estava recuperando-se bem, mas ainda não podia descer as escadas sozinhas. No dia anterior teria preparado o fogo ela mesma se ele não a tivesse impedido. A única maneira de não tecer foi que lhe pediu que continuasse ensinando-o.

Mas ainda havia uma coisa que devia saber e outra que devia fazer antes de partir de sua casa.

— A situação continua sendo instável — disse finalmente. — É melhor que me mantenha invisível.

O bispo deixou de olhar o pão com queijo para prestar toda sua atenção a uma criada que estava junto à porta.

— Como quiser.

— Mas há algo mais se tiver que continuar passando por contrabandista, necessito de um pouco de lã.

O rei lhe tinha dado via livre, mas necessitava a assinatura do bispo para poder tirar a lã do armazém de Bruxelas.

—Quer trazer a lã que nós nos esforçamos para não entrar em Flandres?

—Tenho que parecer acreditável como contrabandista, se não quiser que me descubram.

—Quem receberá essa importante lã se eu o autorizar?

"A mulher mais valente de toda a Cristandade".

—Um tecelão que me serviu de muita ajuda e não sabe quem sou nem por que estou aqui.

—Muito bem — disse o bispo sem afastar o olhar da criada. —Um saco.

—Necessito de três.

—Três?

Renard assentiu.

—De que lado está?

—Ninguém se atreveria a pôr em interdição minha lealdade ao rei.

Clare resmungou, mas finalmente pôs por escrito a autorização e a deu.

—Como posso me pôr em contato com você se o necessitar? Perguntou-lhe então.

—É menos arriscado se meu paradeiro continuar sendo secreto. Não queria levar mais perigo à casa de Katrine. —Qualquer mensagem que queira me dar, faça através de Jack de Beauchance.

—De Beauchance? Esteve a ponto de cometer pecado mortal com uma das criadas de Valenciennes. O bispo deu as costas a Renard para seguir com o olhar à criada que se afastava pelo corredor.

Renard aproveitou o momento para lhe tirar uma laranja da cesta, depois se despediu do bispo e partiu.

Quando voltou para a loja, fechou a porta, subiu as escadas tão rápido como pôde e deu à Katrine a laranja.

Ao vê-la, ela se pôs a rir e começou a dar pulos na cama até que teve de agarrar as costelas. Encarregou Merkin para que a cozinhasse com mel, saboreou cada pedaço com leite e depois guardou a casca em gengibre para depois.

Não deixou nem um pedacinho.

Capítulo 11

Naquela manhã despertou e disse a si mesmo o que dizia todos os dias, que partiria no dia seguinte.

A reunião entre o bispo e Courtrai correu bem e sua seguinte missão ficou. Era o momento de assegurar-se de que o duque de Brabante apoiaria a causa de Eduardo.

Isso queria dizer, é claro, que Renard teria que negociar com seu meio-irmão.

Entretanto, a missão e a carta do bispo lhe queimavam no bolso. Estava convencido de que, o ataque que Katrine sofreu, foi uma mensagem de aviso para ele. Ela se negava a falar do assunto, por muito que Renard perguntasse, mas era evidente que estaria mais segura quando ele partisse. Não podia deixar de perguntar-se se tinha sido só um ataque ou houve algo pior.

Felizmente, Katrine nunca se aproximava o suficiente para tocá-lo, mas parecia gostar de lhe ensinar a tecer e ele começava a sentir-se cômodo dirigindo o tear. A peça de lã marrom crescia, com rapidez, sob seus fortes braços. Era algo tangível, o resultado diário e direto de seus esforços, independente dos caprichos de reis e bispos. Mas, a julgar pelas poucas meadas que ficavam na cesta, não haveria suficiente lã para terminar o objeto.

Renard se endireitou na cama e jurou partir no dia seguinte. O que significava que nesse dia devia inteirar-se do que queria. Katrine não poderia esquivar-se de suas perguntas por mais tempo.

Sua voz chegou do andar de baixo, lhe acariciando o ouvido como uma pena. Renard deu meia volta na cama e incluiu aquela voz em seu sonho.

Até que ouviu o que estava dizendo:

—Merkin, pode me ajudar a descer a escada?

A escada?

Renard ficou em pé de um salto e pegou as calças.

Por que essa moça estava fora sempre que a necessitava? Katrine não poderia descer sozinha. Cairia e dessa vez lhe fraturariam as costelas.

—Merkin, está aí?

Ouviu o ranger do chão, sob o peso de Katrine. Renard deixou parte da calça sem atar.

Do alto da escada a viu no patamar do segundo piso, quando se dispunha a descer o primeiro degrau.

—Merkin, onde está? Necessito de você.

Silêncio.

Tremiam-lhe as pernas por muito que tivesse ambas as mãos apoiadas na parede.

Renard se conteve para não gritar porque não queria que o susto a fizesse cair.

Estirou o pé direito para o primeiro degrau. O coração se deteve dentro do peito. Conseguiu agarrá-la justo antes que caísse. Estreitou-a em seus braços, apertando-a contra o peito, que subia e baixava agitadamente.

Sentiu a suavidade de seu cabelo nos lábios e sua fragrância o invadiu. Conteve a respiração.

—Me solte — moveu-se entre seus braços.

Por muito que negasse o que sentia, era incapaz de controlar a reação de seu corpo ao sentir seus seios apoiados no braço, um mamilo lhe roçando o pulso através do tecido da camisola. A reação era tão evidente que ela devia notá-la e ele não podia negá-la.

Assim que esteve seguro de estar a salvo, afastou-se dela e das sensações que lhe provocava. A luz do dia fazia com que sua silhueta se transparecesse através da camisola, seu cabelo caía como seda vermelha sobre suas costas, como o faria sobre a cama que algum dia compartilharia com seu amante.

A imagem lhe provocou uma pontada de dor.

—Não pode descer sozinha — a repreendeu, enquanto tratava de não pensar mais.

—Por isso chamei Merkin.

—Sim, mas não esperou que chegasse.

—É que tenho fome — replicou ela, com essa teimosia que Renard tanto admirava.

—Volte para a cama e eu acharei Merkin.

Dessa vez aceitou seu braço e deixou que a ajudasse a caminhar sobre umas pernas que mal podiam suportar o peso de seu corpo.

—Obrigada, mas o contratei para que me conseguisse lã, assim preferiria que dedicasse toda sua energia a isso.

A lã. Parecia ser a única coisa com que ela se preocupava.

—Senhora, eu irei trazer-lhe a lã no momento adequado — afastou a roupa de cama para que pudesse sentar-se e depois a ajudou a deitar-se. —Faça o favor de se manter sã e salva até que eu receba o pagamento final — lhe disse no tom mais duro que foi capaz de adotar.

Ela não recebeu aquelas palavras de bom grado.

—Não necessito de sua ajuda para me deitar. Posso me cuidar sozinha — disse, retirando os lençóis com os quais ele acabava de agasalhá-la e logo tratou de endireitar-se.

—Não, não pode. Não vou até estar seguro de que está bem.

—Estou muito bem, já pode ir.

—Se nem sequer pode descer sozinha a escada.

—Esta é outra de suas desculpas? Já levo dias dando proteção a um contrabandista e não vi nenhuma meada de lã — a voz começou a lhe tremer, como se estivesse contendo o pranto. — Passou tempo mais que suficiente nesta casa e eu nesta cama — voltou a tentar ficar em pé.

Pegou-lhe ambas as mãos.

—Katrine, nós temos que conversar.

Ela as retirou de repente.

—Conversar sobre o que? Deve-me a lã e eu a você deverei então vinte libras por saco. Acaso disse que podia consegui-la só para utilizar minha casa como estalagem?

Renard olhou as mãos para ocultar a verdade que possivelmente ela percebeu em seus olhos. Voltou a lhe agarrar uma mão e acariciou a dureza que tinha na palma.

—Katrine. Preciso saber o que ocorreu aquela noite.

Ela voltou a afastar-se e lhe deu as costas.

—Não.

Renard pôs as mãos em seus ombros, onde sentiu um nó que começou a massagear lentamente. Como fez no dia que havia dito que tinha um cabelo lindo. Embora ela não quisesse, seu corpo começou a afrouxar.

—Quem a atacou? Sussurrou-lhe, dessa vez em francês.

—Havia um desfile. As pessoas estavam zangadas e mortas de fome. Poderia ter sido qualquer um.

Era a cobertura perfeita para um ataque, mas para quem?

—Entretanto, quem a atacou, não levou a bolsa com as moedas — lhe recordou sem deixar de mover as mãos sobre seus músculos.

—Tinha-as escondido bem.

—Viu o que havia a seu lado na rua?

Katrine fechou os olhos apertando bem as pálpebras e assentiu.

—Sabe quem era?

Todo seu corpo ficou em tensão, como se tratasse de afastar aquela imagem. Então agitou a cabeça adiante e atrás até que o gesto perdeu todo sentido.

Renard desceu as mãos por seus braços, segurando-a para que não pudesse afastar-se e lhe sussurrou ao ouvido.

—Reconheceria quem a atacou se o visse?

Seguiu agitando a cabeça como se não pudesse parar.

—Ele a tomou?

Katrine ficou imóvel. Depois se voltou para olhá-lo e lhe deu uma cotovelada nas costelas.

—Acaso acha que eu provoquei o ataque? Começou a lhe dar murros no peito. —Sou como Eva, a culpada do pecado dos homens? Ou acaso pensa que se já não for donzela poderá dar rédea solta a sua luxúria comigo?

Renard a abraçou com força e a embalou como se fosse um bebê.

—Nada disso, só preciso saber quanta dor devo lhe causar ao acabar com ele.

Então deixou de golpeá-lo.

—Não — murmurou por fim. —Não tomou.

"Continua sendo minha".

Lutou contra a ideia, mas o desejo seguia aí por mais que quisesse silenciá-lo. Não teve mais remédio que soltá-la e ficar em pé, afastar-se da tentação.

—Então terei que renunciar à vingança. Se tivesse roubado o ouro. Teria tido uma desculpa para matá-lo.

Ela ficou reta, recuperando o orgulho necessário para lutar.

—Suponho que tenho sorte de que não me roubassem.

"Continue lutando, se não o fizer, a tomarei em meus braços e ambos estaremos perdidos".

Por um momento sentiu raiva dela por lhe mostrar que era o digno filho de sua mãe, pois tinha a mesma debilidade que ela.

—Já receberei o pagamento que mereço se é que deixa de fazer-se de idiota para que não volte a atacá-la antes de eu voltar.

—De voltar? Como vai voltar se não parte? Quero ver minha mãe e para sempre deixar de vê-lo.

Deixar de vê-la para sempre. Por isso não ia.

Uma vez que chegasse a mãe, já não teria desculpa para ficar. Não haveria oportunidade de ver o brilho obstinado de seus olhos castanhos, nem seu cabelo vermelho como o fogo. Não teria a satisfação de lhe arrancar um sorriso.

Não podia continuar negando o desejo que sentia de vingar seu ataque e de protegê-la. Devia partir antes de perder o controle. Só há uns segundos esteve a ponto de beijá-la e o que era pior, esteve a ponto de jurar vingança como se fosse seu irmão.

Ou seu marido. Por isso tinha que saber, porque começou a considerá-la sua.

—Deixará de ver-me em seguida, senhora. Parto amanhã pela manhã.

O brilho desapareceu de seus olhos.

—Quanto tempo estará fora?

—Uma semana. Talvez mais.

Katrine levantou o rosto e logo, mais devagar, ergueu os olhos até encontrar-se com os dele.

—E depois?

Seu rosto refletia sentimentos que ela não sabia como ocultar, que possivelmente nem sequer identificasse. Desejo. Esperança.

Não podia permitir que tivesse esperanças.

—Então me pagará generosamente com ouro e partirei para sempre — falou lentamente, enquanto percorria com o dedo o perfil de seu queixo, pensando como podia feri-la e proteger a si mesmo. —A menos que tenha em mente uma forma mais pessoal de me pagar.

Não soube que ia beijá-la a até que suas bocas se encontraram.

Quando quis dar-se conta, ela havia deitado na cama sob seu corpo. O desejo, como se tivesse vida própria, tinha controlado esse corpo que já não respondia a suas ordens. Apertou-a contra si. Queria beijá-la, mas desejava muito mais.

A bofetada de sua mão o devolveu à realidade.

—Saia de minha vista — cada palavra foi como um golpe. —Não quero voltar a vê-lo a menos que esteja carregado de mãe. Não estou aqui para que descarregue sua luxúria comigo. Dá-me asco.

Renard se afastou com os joelhos trêmulos, mas com um sorriso nos lábios. Até então sempre conseguiu controlar-se e negar o desejo, mas, com ela, era completamente impossível.

Se Katrine não tivesse sido tão forte...

O ruído da porta principal anunciou a chegada de Merkin.

—Direi a Merkin que prepare o café da manhã — disse antes de obrigar-se a sair, a afastar-se dela para não poder tocá-la.

Suas palavras, seu beijo, tinham quebrado o vínculo de sentimentos que havia nascido entre eles. Renard conseguiu que Katrine se alegrasse de vê-lo partir.

Depois não sentiria falta dele, não esperaria algo que ele não podia lhe dar.

E ele? Daria a lâ, pediria a absolvição por seus pecaminosos pensamentos e nunca mais voltaria a pensar nela.

Sim, Deus lhe ensinou a humildade que necessitaria para ser um bom bispo. Seria mais fácil entender os pecados alheios agora que tinha descoberto vários deles.

Capítulo 12

Era melhor assim, recordava-se Katrine, cada vez que passava a lançadeira de um lado a outro, enquanto o céu do entardecer projetava longas sombras na rua.

Renard estava há seis dias fora. Não. Só cinco.

O tempo transcorreu sem incidentes. Por medo de sair. Katrine não tinha posto um pé fora da loja. Sua tia foi visitá-la várias vezes.

Seu tio não deu sinais de vida e isso dava ainda mais medo.

Seu corpo estava virtualmente curado, mas a alma ainda doía terrivelmente.

O certo era que a raiva que sentia não era por Renard, mas por si mesma. Não só lhe havia convidado a beijá-la, mas, além disso, desfrutou.

Deixou-se estreitar por seus braços e esqueceu que suas intenções não eram mais honoráveis que as de Black Pieter. Comportara-se como uma leviana porque, por um momento, chegou a acreditar que pudesse lhe importar um pouco mais que seu corpo.

Foi fácil acreditar nele quando jurou vingá-la e havia a abraçado com a delicadeza com a que teria segurado uma peça de cristal veneziano. Naquele momento, o mundo lhe pareceu um lugar maravilhoso. Nunca havia sentido nada parecido, nem sequer quando tinha sido mais feliz na oficina.

Foi uma sensação tão intensa que esteve a ponto de contar-lhe tudo.

Mas, graças à Santa, não o fez. Se Renard descobrisse que não era a responsável pela loja e que tinha um tio que se opunha a seu trabalho, jamais lhe entregaria a lâ.

A vassoura com a qual Merkin estava limpando o chão a tirou de seus pensamentos.

—É algo mais que um guardião, não é verdade, milady?

—Senhora — a corrigiu Katrine, de maneira instintiva. —Sim, Merkin, assim é.

—Foi em busca de lâ, não?

Katrine deixou de tecer e olhou à moça.

—O que a faz pensar isso?

—E sente falta dele, não é verdade?

—Merkin, já está bem — a repreendeu.

Mas a criada prosseguiu sem o menor conserto.

—É uma raposa muito inteligente, milady. Trar-lhe-á a lã — Merkin fez uma pausa antes de acrescentar: —E algumas laranjas. Seja o que for.

"Conformo-me com que volte são e salvo", rezou Katrine, agarrando a lançadeira como se fosse uma relíquia da Santa. "traga-me isso logo".

Naquele dia, Katrine esteve divisando o horizonte com a esperança de vê-lo chegar até que a escuridão invadiu a cidade. Deixou o cabelo solto que lhe caía, livremente, sobre os seios. Sentiu um estremecimento de desejo.

Não achou refugio no sono, assim andou pela casa como se fosse achar parte de sua essência em algum lugar. Subiu ao terceiro piso e se sentou no colchão de palha onde ele dormia. *"Se me sentar onde ele se sentava, se vir o que ele vê. poderei saber o que pensa de mim".*

Ninguém poderia nunca ter acusado Katrine do pecado da vaidade. Achava que não era bela. Tinha o cabelo feio, as pernas curtas, os quadris estreitos e uns seios que pareciam empenhados em não crescer. Era magra como uma camponesa, conforme lhe havia dito seu tio.

Entretanto, Renard havia dito que tinha o cabelo bonito. Pegou uma mecha e o olhou à luz da lua do verão, tratando de vê-lo com seus olhos. Liso, tinha uma cor mais acobreada que vermelha. Deixou que caísse entre seus dedos, era como seda parisiense.

Colocou as mãos nos seios por cima da túnica para avaliar seu tamanho e sua forma. Se fossem as mãos do Renard em lugar das suas, acharia formosos aqueles seios?

Tocou os braços, o trabalho no tear tinha feito com que adquirissem forma, o que teria pensado Renard ao abraçá-la? Teria gostado da forma de seus braços?

Ao roçar a face interna do cotovelo sentiu um calafrio, como se não fosse sua própria mão que estava acariciando-a. Deixou cair à mão sobre o regaço e seguiu acariciando-as pernas, que se abriram de maneira involuntária.

"Doce Santa Catalina, me afaste do pecado da Eva".

Mas a Santa não fez nada.

Nenhuma mulher estava livre da mancha da Eva.

Naquela noite Katrine desejava saber o que sabiam as mulheres casadas, o que as fazia sorrir e lhes iluminava o rosto quando achavam que só seus maridos as viam.

Como seria sorrir assim para Renard?

Deitou-se de barriga para baixo sobre o colchão com um gemido e ocultou o rosto entre os braços. Com a ponta dos dedos roçou um volume de tecido oculto atrás da estrutura de madeira e o coração lhe deu um tombo de alegria.

Renard havia deixado algo. Isso queria dizer que voltaria.

Tirou-o dali e o tocou, tentando elucidar o que era. Parecia uma capa. Desejava envolver-se nela e sentir seu aroma. Depois voltaria a deixá-la como estava e ele nunca saberia. Estendeu-a.

Era longa e pesada, um casaco que Renard não necessitava naquela época. Dentro havia mais coisas. Uma túnica. Um pedaço de tecido vermelho.

Katrine conteve a respiração com ciúme repentino, pensando que pudesse ser o lenço de uma dama. Mas então descobriu algo pior.

Um tapa-olho de seda vermelha.

Capítulo 12

Katrine olhou o pedaço de seda escarlata, como uma gota de sangue sobre o colchão. Sentiu frio a pesar do calor de verão.

"Inglês. É inglês".

A princípio não podia pensar em nada mais que essas palavras, porque o seguinte pensamento era ainda mais terrível.

Pior que um contrabandista. Era um espião.

Ele não podia entrar na cidade com outros quarenta e nove cavalheiros. Ele tinha escapado entre as sombras e se reunira em segredo com o senhor de Dronghen.

Depois, o comandante da tropa se convertera em um defensor da aliança com os ingleses. Esse devia ser o motivo pelo qual Renard estava em Flandres: para procurar aliados para a Inglaterra.

Agora tudo fazia sentido. Foi a ela, uma mulher ingênua e sozinha, com um manejo do flamengo o bastante bom para enganá-la. Alojara-se em sua casa e durante semanas entrou e saiu sem lhe dar explicação alguma.

Não estava ali pela lã, mas sim pela guerra.

Ele mesmo havia lhe dito que não podia confiar nele. Era como Renard a Raposa. Certamente o nome era tão falso como todo ele.

Como deve ter rido de sua estupidez, de que realmente chegasse a acreditar que pudesse sentir algo por ela. Como dizia o poema: *"A idiota fui eu por acreditar nele. A verdade agora é duplamente cruel"*.

Uma brisa lhe acariciou as mãos adormecidas. O tapa-olho lhe voou como se tivesse vida própria, ela o alcançou e o apertou no punho enquanto lutava com os soluços, mas finalmente se encolheu e gritou de dor, uma dor que procedia de um lugar mais profundo que as costelas.

A semana que Renard tinha prometido estar fora se convertera em duas. Katrine levou o tempo todo o tapa-olho escarlata com ela, escondido como um pecado secreto.

Uma noite, sentou-se com Merkin na sala de tecer e abriu o livro de contas. Não fez nenhuma anotação, o que fez foi brincar com o pedaço de seda vermelha usando o livro para ocultá-lo da vista de Merkin. Estirou o tecido enrugado como se pudesse fazer desaparecer seu significado, ao mesmo tempo em que as dobras.

Mas não podia. Sabia o que significava e tinha que tomar uma decisão a respeito.

Podia deixá-lo passar e, quando Renard voltasse — era uma ingênua por seguir acreditando que voltaria — poderia fingir que nunca viu aquele pedaço de tecido e deixar que seguisse fazendo sua guerra secreta.

Também podia contar a seu tio. Se Renard voltasse, não demorariam em prendê-lo e levá-lo ante o conde.

Isso significaria sua morte.

A ideia lhe provocou uma dor tão profunda que desejou gritar, mas de sua boca não saiu ruído algum.

Foi uma sorte que, nesse momento, Merkin decidisse lhe perguntar como se fiava a lã e a distraísse daqueles pensamentos. Katrine estava lhe explicando quando se ouviu um golpe na porta. Nenhum amigo chamaria desse modo.

Com as mãos trêmulas, Katrine fechou o livro com a prova incriminatória, levantou o rosto com valentia e foi para a porta. Olhou por um oco que havia entre as tábuas.

Aí estava Ranf, golpeando a madeira com um punho ainda maior do que recordava.

E a seu lado, seu tio.

Apertou com força a aba do vestido e se virou para olhar sua criada. Possivelmente não pudesse proteger a si mesma, mas ao menos protegeria Merkin.

—Corra Merkin. Esconda-se na lenheira.

—Abre a porta, Katrine — gritou seu tio.

—Mas se a deixo — disse a moça sem saber o que fazer.

—Só se zangará um pouco mais. Vá — os golpes da porta evitaram que se ouvissem os passos de Merkin.

Katrine respirou fundo e pegou a maçaneta da porta. Renard fosse o que fosse não poderia ajudá-la.

Abriu a porta só uma fresta, mas seu tio a empurrou e penetrou na sala.

—Não volte a me fazer esperar assim — seu fôlego a vinho saiu como uma baforada de fumaça.

"Por todos os Santos, como podia minha mãe suportá-lo?"

—Não sabia que era você. Devo tomar cuidado.

Com um gesto de seu tio, Ranf entrou também e ficou a percorrer a sala procurando algo.

Ou a alguém.

—Nenhuma mulher decente vive sozinha. Sei que houve homens aqui. Quantos?

Katrine tinha visto Ranf vigiando a casa, mas nunca lhe ocorreu que pudesse ver Renard e perguntar-se que fazia ali. Só tinha pensado nela mesma.

—Engana-se. Aqui não há ninguém.

Depois de comprovar que a sala estava vazia, Ranf subiu a escada. Katrine conteve o fôlego. Não podia chegar até o terceiro piso.

—Faça a bagagem. Volta para casa.

—Obrigada por preocupar-se, mas meu lugar é aqui.

Ele deu um golpe na parede.

—Não há nada que discutir. Já a atacaram por andar pelas ruas como uma rameira.

Sem dar-se conta, Katrine levou a mão à ferida do rosto. Os dedos de seu tio a seguiram e acariciou a pele, mas lhe fez mal.

Katrine se afastou.

—O perigo pode estar em qualquer parte, suponho que sabe muito bem — a ira que sentia era mais forte que o medo. Desafiou-o com o olhar a confessar que sabia quem a atacou.

Ele desceu a mão até seu ombro e a deixou ali.

—Você tem que estar comigo, onde eu possa protegê-la.

Teve que morder a língua para não dizer que o que precisava era que alguém o protegesse dele, mas viu algo terrível em seu olhar, algo desumano.

—Prefiro ficar sob o teto que Giles me deixou.

—Moça estúpida — disse, sacudindo-a. —Não tem dinheiro nem nada que tecer.

Sobre suas cabeças, podia ouvir Ranf em seu dormitório. Rezou para que não encontrasse o dinheiro.

—Não posso abandonar o trabalho de meu pai — lhe deu as costas, mas antes de poder afastar-se, algo atraiu sua atenção no chão.

O emplastro de seda vermelha ondeava alegremente sob a mesa como a bandeira de um torneio.

Katrine sentiu que lhe faltava o ar. Olhou-o fixamente e pediu ao céu que não se movesse daí, que seu tio não o visse.

—Consenti-lhe muito — disse ele a suas costas. —Queira ou não, vai vir comigo agora mesmo.

Katrine fechou os olhos para não voltar a olhá-lo. Não o viu, se o tivesse feito, já não poderia fazer nada pelo destino do Renard.

Então uma rajada de ar quente arrastou o tapa-olho para a lareira. Katrine se virou e se colocou no meio.

—Devo estar aqui — disse sem muito sentido.

Seu tio tirou a adaga de repente e a levantou ameaçadoramente.

—Vai vir comigo — repetiu, agarrando-a pelo braço e empurrando-a para a escada. —Traga essa sua criada. Onde está?

O tapa-olho, que tinha ficado enganchado na saia de seu vestido, revooou ao seu redor até aterrissar justo na poeirenta bota de seu tio.

Ele se agachou e o pegou.

—Agora também vende seda?

—Sim. Não. Eu... só... Renard mentia com tanta facilidade. A ela, entretanto não ocorria nada que dizer.

Parecia que ia soltar o tecido, mas então franziu o cenho e voltou a olhá-la.

—É um desses tapa-olhos que levam os malditos ingleses — pô-lo diante do rosto. —De onde tirou isto?

—O vento deve tê-lo trazido — outra mentira pela que pedir perdão, mas saiu sem pensar.

—Aqui houve um inglês. Por quê? Tentava libertar seu pai?

—Não sabia que era inglês — ao menos isso era verdade.

—Não tome por idiota — voltou a agitar o pedacinho de tecido vermelho diante dela. —Até você sabe o que significa isto. Por que lhe deu proteção?

Queria mentir, mas era muito tarde.

—Por este lugar. Pela lã.

—Põe na vergonha o nome da família por um pouco de lã? Perguntou-lhe com asco.

—Não usava o tapa-olho quando fiz o trato com ele. O conde deveria alegrar-se de que eu tentasse romper o embargo.

—São os ingleses que querem o embargo. Por que ele teria que querer rompê-lo?

—Não sei — ela também o tinha perguntado. Claro que tampouco lhe tinha levado a lã. Só a prometeu.

—Mas se não tinha dinheiro. Pagou-lhe com seu corpo?

Katrine esteve a ponto de pôr-se a rir ao recordar quanto tinha brigado por umas poucas libras, mas se seu tio se inteirava de que tinha essas moedas, as tiraria em seguida e ela ficaria sem nada.

Ao vê-la hesitar, seu tio voltou a sacudi-la.

—Me diga, deitou-se com ele?

—Não — respondeu finalmente, enquanto recordava a maneira tão diferente em que lhe perguntou Renard se tinha deixado de ser donzela.

Nesse momento Ranf apareceu pela escada.

—Olhem! — exclamou agitando a bolsinha com as moedas. —Aqui há suficiente para resgatar a um rei.

—Não! Dê-me isso.

Seu grito não serviu de nada porque seu tio não demorou em agarrar a bolsa.

— De onde tirou isto? — abriu-a e colocou a mão entre as moedas.

O som lhe revolveu o estômago.

—Meu pai me deixou isso.

—Jamais deveria lhe ter confiado semelhante soma. E não lhe ocorre outra coisa que dá-la a um inglês. Agora tinha o tapa-olho em uma mão e a bolsa de dinheiro na outra. —Reviste o jardim — ordenou a Ranf e logo se aproximou dela de novo. —O senhor de Dronghen esteve pressionando o conde para que empreste seu apoio a Eduardo. Suspeitávamos que houvesse alguém detrás organizando todos esses protestos públicos. Deve ser seu inglês. Onde está?

—Disse que ia procurar a lã.

—Quando volta?

Katrine deu de ombros como se não lhe importasse.

— Se for espião como diz, por que teria que voltar?

Seu tio a olhou de cima abaixo e assegurou:

—Voltará. Fique aqui até que o faça.

Sentiu tal alívio que não lhe perguntou por que tinha trocado de opinião.

—Necessito do dinheiro para pagar a lã.

—Acha que vou permitir que dê algo a esse inglês? Quando voltar, diga-lhe que tem que enviar à criada para procurar o dinheiro e quando ela vier me ver, eu me encarregarei de que esse maldito acabe nas masmorras do conde.

"Pense antes de falar. A vida do Renard depende de você".

—Se não lhe pagar, zangar-se-á e partirá. Não posso obrigá-lo que fique.

O olhar ameaçador que viu em seus olhos lhe gelou o sangue.

—Utiliza seu corpo para convencê-lo. Ao menos pecará por um bom motivo.

—Como pode sugerir algo assim? Perguntou-lhe, envergonhada, embora não lhe tinha sugerido nada com o que ela não tivesse sonhado. —Não vou fazer semelhante coisa.

—Como? Seu tio se apoiou no tear onde descansava o trabalho que fizeram Giles, Renard e ela. —Parece que não aprendeu nada com sua primeira lição e necessita outra — espremeu o tapa-olho em sua mão e depois cravou duas vezes a adaga na malha que descansava no tear sem terminar ainda.

—Não! Gritou como se a tivesse apunhalado a ela.

O tecido caiu ao chão como um corpo desmembrado: os fios ficaram estendidos como pequenos rios de sangue.

—Faça o que digo Katrine, e eu apanharei a esse espião com ouro em uma mão e uma dama na outra. Depois poderá confessar todos os detalhes de seu pecado ao padre e ele a absolverá.

Dito isto pisoteou o tecido de seda vermelha.

Capítulo 14

Apesar de sua promessa de esquecê-la, Renard pensou em Katrine dia e noite durante duas semanas.

Com a ajuda do ouro do rei, conseguiu convencer John, o duque de Brabante, de que apoiasse a causa de Eduardo, mas o certo era que Renard não tinha certeza de que sua lealdade fosse verdadeira.

John e ele tinham conversado muito enquanto compartilhavam garrafas da Borgonha, mas Renard compreendia melhor a sua mãe que ao recém-chegado. No momento de partir, deu-se conta de que ainda havia uma pergunta que lhe queimava no peito, junto ao pedaço de tecido que colocou sob a túnica.

Por culpa da paixão, sua mãe o tinha deixado sem pai, sem nome e sem posição. Que homem poderia valer tanto a pena para correr o risco de arruinar duas vidas?

Ou três.

Tirou o pedaço de lenço da duquesa e a mostrou ao duque.

—É familiar?

Seu meio-irmão olhou o tecido atentamente.

—Alguma vez a viu usando isso? Insistiu Renard, depois de um breve silêncio.

O duque levantou para ele um olhar sombrio.

—Enterraram-na com ele — disse.

O trabalho daquele tecedor deve ter levado uma eternidade. A ideia lhe deixou assombrado. Seria possível que Giles de Vos tivesse sido algo mais que um comerciante para ela? Era por isso que deixara um pedaço de seu tecido para seu filho?

—O que sabe do homem que o teceu? John era mais velho que Renard, bastante para que pudesse recordar algo.

—Nada.

Foi muito rápido em lhe dar aquela negativa.

Renard deu de ombros.

—Encontrei sua loja por acaso e acontece que deixou de fazer esse tecido depois dela morrer.

—Certamente não achou ninguém que pagasse o preço que valia. Os Plantagenetas têm o costume de gastar mais do que têm.

Era a mesma explicação que ele tinha pensado. Como pôde pensar que a filha de um rei teria relações com um artesão? Respirou com alívio de que não fora assim.

Isso teria querido dizer que Katrine era sua irmã.

—Nossa mãe se deixava governar por suas paixões, fosse pelas coisas ou pelas pessoas.

Essa era uma condenação que Renard conhecia bem.

Jogou o pedaço de tecido sobre a carruagem na qual tinha chegado até ali incógnito e se dispôs a partir. Ali não havia nada mais para descobrir sobre sua mãe. Sob o frio olhar de seu meio-irmão, Renard tratou de afastar de sua mente a dor que havia sentido quando menino. John jamais o chamaria de irmão, estava acostumado a tratar com irmãos bastardos, mas por parte paterna.

Só Renard não era filho do duque.

Afastou-se do castelo, passou pelo armazém de lã para carregar a carroça, que cobriu de palha e cebolas e logo voltou aos caminhos de terra. Aqueles campos eram tal e como os recordava de quando, sendo só um menino, tinha-no afastado de tudo o que conhecia. O céu ainda parecia muito baixo e opressivo sobre aquele terreno cheio de rios que se perdiam no horizonte para um mar frio e cinza.

A duquesa tinha morrido e para Renard o mundo se tornara instável. Tinham-no posto em um navio, acompanhado de uma babá. Depois da viagem, já em chão inglês, não havia voltado a enfrentar seu passado.

Até agora.

Ao recordar a história de sua mãe, perguntou se realmente conhecia seu segredo. Pela primeira vez se perguntou, por que não o teria abandonado desde o começo, ao dar a luz. Em lugar disso, fez com que o criassem como se fosse o filho de sua criada preferida. Tinha-o visto todos os dias de sua vida. Por que teria querido ter tão perto a lembrança de tão terrível engano?

A não ser que fosse algo mais que um engano.

Tirou a ideia da cabeça. Não era mais que uma fantasia. Igual aos sentimentos que acreditou ter por Katrine.

O sol se aproximava já do horizonte quando cruzou as portas da cidade. O guarda o deixou passar sem revistar sua carga. Cansado e coberto de pó, Renard sorriu ao pensar na cara que Katrine poria ao ver a lã.

Foi Merkin que abriu a porta. A princípio só uma fresta, mas, ao vê-lo, abriu-a de par em par. Renard a saudou lhe pondo uma laranja na mão.

—Mas não só trouxe laranjas — anunciou com alegria. —Tenho toda a lã que pudessem desejar sua senhora e seu pai, que Deus o tenha em sua glória.

Ao ouvir isso, a criada se benzeu rapidamente e deixou de sorrir.

—Seu pai? Mataram-no na prisão inglesa em que o prenderam?

—Preso? O terrível descobrimento abriu passagem em sua mente. O tecedor Giles de Vos estava há anos morto, o que queria dizer que não era o pai de Katrine. E que tudo o que lhe havia dito era mentira. Nem tinha marido, nem seu pai estava morto.

Fosse quem fosse seu pai, não era um tecedor já morto. Era um inimigo.

—Não lhe diga nada, Merkin. Foi um equívoco meu — se apressou a dizer. —Estava pensando em Giles de Vos.

—Ah, sim, que Deus o tenha em sua glória. Mas não era parente de sangue da senhora, embora estivessem muito mais unidos que muitos que o são — disse de modo indireto. —Não vou dar nenhum nome, é claro.

Não era parente de sangue.

O homem que tinha enganado a reis e duques se deixou enganar por uma simples tecelã. Quem era então seu pai? Por que lhe mentiu?

Justo então apareceu ela na soleira da porta, vestida com aquela túnica de lã marrom sem forma alguma e seu simples véu de cor creme. Renard a olhou sem piscar, incapaz de controlar-se. Parecia mais magra e tinha os olhos cansados, embora mal restasse um traço da surra em seu rosto.

Conseguiu negar o desejo, mas não podia fazer nada contra a ternura. Uma ternura que agora estava com tons de medo porque sabia que não podia acreditar em nada sobre aquela mulher. Nem sequer sabia quem era em realidade.

—Senhora, como eu prometi, sua lã a espera — anunciou com uma cômica reverência, acreditando ingenuamente que poderia fazê-la sorrir. —E sua maçã.

—Pensei que não voltaria a vê-lo — sussurrou ao mesmo tempo em que pegava a maçã, e disse como se lhe importasse.

—Que não possa confiar em mim não significa que eu não cumpra com minha palavra.

Viu-a mudar de postura e passar a mão pelo tecido da saia. O gesto lhe encolheu o coração porque sabia que era algo que fazia quando precisava reunir coragem.

Suas palavras demonstraram que conseguiu.

—Que às vezes cumpra com sua palavra não significa que possa confiar em você.

—Acaso dúvida de que tenha trazido a lã? Veja por si mesma. Pareça o que pareça, o preço é o mesmo, mas verá que é lã cisterciense de grande qualidade.

O sorriso que apareceu em seu rosto fez que valessem a pena todos os esforços.

—Onde está? Perguntou, depois de deixar a laranja sobre a mesa.

—Na carroça. Reparti cada saco em três bolsas.

—Cada saco?

—Cada um dos três.

Katrine levou a mão à boca para reprimir um grito de alegria.

Então os três descarregaram todas as bolsas na oficina, onde Katrine foi abrindo-as e inundando as mãos no prezado material, rindo como uma menina.

Renard a observava, com ciúmes da lã.

"Desde o começo, disse-me que faria algo pela lã", recordou desprezando a si mesmo por haver esquecido. Tinha pensado que era ele o que estava utilizando-a, mas foi justo o contrário, tinha sido ela que o enganou até conseguir o que queria. Quantas mentiras haveria lhe dito? Sua inocência também seria falsa?

Entretanto, ao vê-la dançar de alegria com Merkin, Renard não pôde evitar pensar que nunca a viu tão sinceramente feliz e o certo era que se alegrava de que fosse por algo que ele tinha feito.

Meio enjoada pelas voltas, Katrine perdeu o equilíbrio e foi parar em seus braços. Ele a pegou pela cintura e a apertou contra si.

O desejo estalou em seu interior.

Percorreu o bordo do véu com um dedo e logo roçou a marca que ainda ficava da ferida.

—Como você está?

Ela fechou os olhos e se agarrou em seus braços.

—Bem, bem, já não me dói.

Depois lhe passou a mão pelas costelas e se alegrou de ver que ainda levava a atadura. Ela o olhou com os olhos bem abertos e cheios de perguntas. Renard teria jurado que sua inocência era real, mas já não sabia o que pensar.

—E aqui? — perguntou-lhe.

—Só me dói se me movo bruscamente.

—Então, *ma petit*, teremos que nos mover com muita suavidade.

Com as mãos em seus quadris, Renard começou a dançar e ela o seguiu. Observou seu rosto ruborizado e imaginou sob seu corpo, ruborizada, sem fôlego.

—Minha senhora, parece-lhes bem que vá à cama? Interrompeu-os Merkin timidamente.

Katrine se limitou a assentir sem sequer olhá-la, mas ao dar-se conta de que estavam sós, afastou-se dele.

Renard se aproximou da lareira, aliviado de sentir que a tentação se afastava um pouco, embora não o suficiente. Aquela mulher era perigosa e não só por suas mentiras.

—Me dê meu dinheiro e poderei partir — lhe pediu bruscamente, com a certeza que era melhor fugir do perigo quanto antes, enquanto ainda pudesse fazê-lo.

—Está cansado da viagem, têm que comer algo — lhe disse ela. —Sente-se e me deixe que lhe prepare um banho.

—Já tem a lâ, cumpra sua parte do trato.

—Aonde vai agora? Já soou o toque de recolher.

Renard deixou que o levasse até a mesa, sem saber bem onde acharia mais perigo, se na rua ou ali. Mas se partisse, sem descobrir por que lhe mentiu e o que sabia, estaria deixando-a livre e possivelmente arruinasse todo seu plano. Assim finalmente aceitou a cerveja e o queijo que lhe oferecia.

—Vou preparar lhe um banho. Devo-lhe ao menos um pouco de hospitalidade — assegurou, dirigindo-se já à escada. —Só por esta noite, é meu convidado de honra.

Desapareceu antes que Renard pudesse dizer que não. Dali ouviu a água e sentiu como arrastava a banheira de madeira junto ao fogo. O medo se mesclava com o desejo dentro de si. E se ficasse só o suficiente para descobrir...

Ouviu ranger o terceiro degrau.

Ao virar-se a viu como tantas vezes a tinha visto em sonhos. Tirou o véu e seu cabelo vermelho caía sobre seus ombros como uma capa de seda.

— Venha — estendeu uma mão. —Seu banho o espera.

Capítulo 15

Renard não podia afastar o olhar do cabelo de Katrine. Estremeceu-lhe o coração ao pensar na confiança que supunha que se atrevesse a mostrar-se desse modo. Mas talvez tampouco devesse confiar. Talvez a dor que viu em seus olhos e sua reticência fossem também mentira.

Não sabia o que pensar.

Então viu como desaparecia o sorriso de seu rosto e baixava a mão que lhe tinha estendido.

—Você não gosta. Sei que não tenho o atrativo que deveria ter uma mulher.

Renard sentiu desprezo por seu pai, se fosse ele quem lhe tinha feito acreditar em tal coisa.

—Eu gosto muito — disse indo para ela para lhe agarrar a mão. —Olhe para mim, *ma petite*.

Levou a mão ao cabelo e tratou de ocultá-lo sob o vestido.

—Disse que era bonito. Suponho que era outra mentira.

—Não — disse, com voz rouca. —É formoso.

—Mas não me deseja.

Desejava-a desesperadamente. Desejava sentir seu fôlego, saborear seus lábios, sua língua, acariciar seu corpo. Desejava inundar-se nela uma e outra vez, sem pensar, sem verificar. Levava toda a vida negando sua própria paixão, manteve sua paixão encerrada com mil cadeados, mas aquela pequena mulher tinha liberado o dragão que tanto se esforçara por controlar.

Um dragão que poderia destruí-lo.

Mas não podia deixar de olhar aquele cabelo, que brilhava como o sol ao entardecer e aqueles enormes olhos castanhos.

Só por uma noite.

Quando a fizesse perder o sentido, arrastada pelo prazer, no meio do fragor da paixão, a faria confessar.

—Claro que a desejo — disse, estreitando-a em seus braços.

Ela apoiou a cabeça em seu peito, mas continuou tocando a lã da saia com uma mão. Renard a pegou, pondo fim a seu pequeno ritual secreto, e começou a lhe beijar os dedos. Sentiu que lhe acelerava a respiração e lhe aconteceu o mesmo.

Acariciou-lhe o pulso e levantou a manga do vestido para tocar também o lado interno do braço, onde sua pele era incrivelmente sensível. Ela entreabriu os lábios e entre eles saiu um suave gemido, uma reação que fez com que Renard sentisse um estranho poder e alegria.

Katrine lhe pegou a mão também e a beijou, a princípio timidamente, mas logo se atreveu a lhe acariciar os dedos com a língua, parecia querer que ele gemesse do mesmo modo que ela fez.

Renard tentou conter-se, mas ela esboçou um sorriso. Não podia enganá-la.

—Venha. O banho o espera.

Subiram até o dormitório de Katrine agarrados pela mão. O entardecer tinha esfriado o ar, pelo que se agradecia o calor do fogo. Sobre a água que enchia a banheira, flutuavam folhas de romeiro.

Renard se deteve na porta.

—Reproduziu todos os prazeres da casa de banhos.

Ela se ruborizou, até que o rosto ficou da mesma cor que o cabelo.

—A água vai se esfriar.

Renard pensou que não iria mal um banho de água fria. Fez um esforço para deixar que lhe tirasse a roupa como se fosse a dama do castelo e ele o cavaleiro que chega a casa depois da batalha. Levantou-lhe a túnica por cima da cabeça, sentiu seus dedos sobre a pele.

Fechou os olhos, mas foi pior porque então não havia nada que distraísse sua atenção da sensação que provocavam suas mãos.

—Deixe que me dispa sozinho — disse, apertando os dentes.

Ela deu um passo atrás.

—Quer que me vá?

—Ao contrário. Quero estar perto de você.

—Eu... também quero estar perto, próxima a você.

Renard tirou a camisa e em seguida sentiu sua mão nas costas. Deu meia volta, ela retirou a mão, pensando possivelmente que lhe incomodou.

—Katrine — sussurrou — alguma vez esteve com um homem?

Seu gesto foi o de alguém que recebesse uma bofetada.

—Não.

Seria também mentira? Olhou-a nos olhos e, contra o bom senso e a razão, acreditou.

Isso fez que a decisão fosse fácil. Não devia perder o controle.

Faria com que ela se desatasse por completo: a tocaria, a excitaria e a levaria até o mais alto, mas ele se manteria precavido. Não poderia enganá-lo porque não perderia o controle. Ela sim ia fazê-lo. Então faria com que confessasse todas suas mentiras e, quando partisse, Katrine lamentaria aquele encontro tanto como ele.

Mas não deixaria nela semente alguma para que pudesse dar vida a um bastardo.

Ansioso por impor uma barreira entre ambos, Renard se despojou das calças para meter-se na banheira, mas ficou ali em pé por uns momentos, com a evidência de seu desejo à vista de Katrine.

Ela deu um passo atrás e baixou o olhar com acanhamento de donzela, mas sua curiosidade era óbvia.

Por fim se meteu na banheira, a água mal lhe cobria os quadris e as folhas de romeiro tampavam muito menos que uma folha de parreira. A distância que impunha a banheira não durou muito tempo porque Katrine não demorou em aproximar-se.

Arregaçou as mangas e começou a lhe esfregar o pescoço e os ombros com um pano.

Renard se permitiu sentir aquele prazer tão somente um instante porque, quando sentiu que sua mão começava a descer pelo peito, pegou-a e a colocou à borda da banheira.

—Me dê algo com que possa me cobrir, vou sair.

—Mas ainda não o lavei.

— Basta que tenha tirado o pó da viagem.

Deu-lhe um pedaço de toalha que lhe ofereceu um agradável amparo, embora o fino tecido se colasse à pele molhada. Renard olhou aquele corpo que parecia empenhado em escapar de seu controle.

Ela se aproximou e lhe pôs a mão na face.

—Esta será a última noite de nosso mundo, Renard. Façamos que seja como a primeira. Deixe que eu seja sua Eva.

Aquelas palavras lhe fizeram sentir algo mais intenso que a paixão, algo que fez com que a paixão fosse mais profunda, inegável. Era muito tarde para resistir a uma ternura que nunca antes sentiu por nenhuma outra mulher. Que nunca sentiu por ninguém.

Mas ainda não podia tocá-la. Seu corpo e sua alma estavam muito ansiosos.

Acariciou-lhe o cabelo muito devagar, deleitando-se em sua suavidade.

—Desejo-a como à luz do sol, *ma petite* — lhe disse em francês, que havia se convertido no idioma deles dois. —Desejo-a como desejo o calor do fogo no inverno, mas o fogo é poderoso. E perigoso.

Ela o olhou nos olhos.

—Eu estou disposta a arder

Suas palavras não falavam de amor, mas sim das chamas do inferno.

Estreitou-a em seus braços e sentiu que a toalha caía ao chão. Mergulhou as mãos em seu cabelo, tornando realidade o sonho tantas vezes repetido. Podia sentir todo seu corpo através do tecido de seu vestido, sobre sua nudez masculina.

Ela fechou os olhos e deixou que tomasse o rosto entre as mãos. Cobriu seu rosto de beijos das orelhas ao pescoço e depois apoiou o rosto em seu cabelo, se afundou em seu aroma a cravo e canela. Desceu as mãos por seus ombros para sentir o calor de sua pele através da lã, deliciosamente consciente de que estava nu e ela não.

Havia soltado o cabelo para ele, certamente não seria tão difícil que despisse o resto de seu corpo.

Levou-a para a cama e se deitou atrás dela, deixando-a a mercê de suas mãos e fazendo caso omisso às palpitações que sentia entre as pernas. Afastou-lhe o cabelo para poder lhe beijar o pescoço e a nuca, onde nasciam os cabelos mais curtos e mais vermelhos.

Foi lhe abrindo lentamente o vestido, passando o cordão por cada um dos buracos que ficava amarrado às costas. Cada vez que movia as mãos, roçava-lhe os seios. Por fim o tecido se abriu e lhe desceu pelos ombros e apareceram seus seios, porque não levava camisa de nenhum tipo. Seus seios, pequenos e ardentes, pareciam crescer ao contato com suas mãos.

Acariciou a atadura que lhe protegia as costelas, a curva de sua cintura e os quadris. Ela arqueou as costas com um desejo evidente e sincero que Renard nunca tinha visto, mesmo nas mulheres mais experientes da corte.

Ela apoiou a cabeça em seu ombro com os lábios entreabertos, mas um beijo era algo muito perigoso, assim Renard preferiu desenhar o contorno de sua boca com o dedo e logo o enfiou entre seus lábios, onde encontrou a sua língua. A tensão entre as pernas em resposta a aquela sensação.

Com o dedo úmido de sua saliva, acariciou-lhe os mamilos, que se endureceram imediatamente.

— Já está ardendo, *ma petit* — lhe perguntou em um sussurro.

Ela sorriu com os olhos fechados, cada palavra que conseguia pronunciar era um triunfo da mente sobre o corpo.

— Por favor... eu não sei... o que...

De repente Renard se sentiu realmente como Adão, enfrentando pela primeira vez à força da natureza.

Pela primeira vez temeu que fosse mais forte que ele e que seu autocontrole.

Não. Ia conseguir torná-la louca de prazer.

Baixou a boca por seus braços, surpreendentemente fortes, um delicioso segredo.

Queria descobrir todos seus segredos.

— Eva não tinha segredos — disse, quando ela levou as mãos aos seios para ocultá-los timidamente. — Deixe-me descobrir os seus Katrine.

Seu dedo úmido desceu até o doce centro de seu corpo e entrou em um lugar suave e empapado de desejo.

— Abra-se para mim.

Sentiu-se o pior dos vilões quando ela, por fim fora de controle, fez o que lhe pedia.

Acariciou-a com suavidade a princípio e logo com mais força, tratando de compreendê-la como fazia com os olhos e os ouvidos. Procurou o ritmo que se adequasse a ela porque, quando o encontrasse a teria dominado.

Queria fazer com que ela esquecesse o tempo e o espaço, inclusive seu nome. Queria que sentisse tudo o que ele desejava sentir e nunca poderia permitir-se.

Então ergueu os quadris para ele, buscando-o com seu corpo, movendo-se ao ritmo de sua mão.

— Por favor... quero... não sei...

Sua inocência não era mentira. Seu corpo só podia dizer a verdade.

Renard aproximou a cabeça, só um pouco, para sentir sua respiração, seus gemidos.

O fogo se apoderou também dele e começou a mover os quadris junto com os dedos e quando ela jogou a cabeça para trás, apoderou-se de sua boca com a língua, inundou-a tanto como desejava inundar-se em todo seu corpo. Seguiram movendo-se em uníssono até que Renard sentiu sua liberação e pôde liberar-se também.

Por um momento, acreditou que a alma havia lhe escapado entre os dedos.

Era maravilhoso sentir o peso de sua cabeça no ombro e se perdeu no sorriso que iluminava seu rosto.

Ela desceu a mão e entrelaçou os dedos com os dele, sobre a umidade de seu sexo.

—Eu... não sabia.

"Eu tampouco".

A paixão tinha escapado a seu controle e lhe pareceu mais aterradora do que jamais teria pensado.

Muito mais.

Capítulo 16

Quando Renard ouviu por fim os relinchos de seu cavalo, sentiu-se como se acabasse de despertar de um sonho e se encontrasse em meio de uma batalha.

Imerso no ato de amor, deixou-se levar pelo perigo até esquecer, por completo, que devia obrigar Katrine a confessar a verdade sobre seu pai e que tinha que atender a seu cavalo depois da longa viagem.

—Não se mova daqui — lhe disse enchendo seus olhos com a imagem de seu corpo exausto e seu cabelo estendido sobre a cama.

Depois de vestir as calças, a camisa e pegar a adaga e, apesar de sua falta de disciplina, saiu do quarto com um sorriso nos lábios, igual ao que tinha deixado no rosto de Katrine.

Fora, brilhava a meia lua. O cavalo se movia com agitação como se percebesse algo estranho. Renard o tranquilizou com uma carícia. Levantou-se uma rajada de ar. Talvez notasse a chegada de uma tormenta.

Mas de repente Renard também sentiu algo. Levou a mão à adaga justo antes que algo, ou melhor, alguém, golpeasse-lhe o estômago.

Ambos caíram sob as patas do cavalo, que relinchou e se agitou ainda mais. O fio de uma faca penetrou no braço direito do Renard.

Seu inimigo era canhoto, pensou, no mesmo instante em que se jogava sobre ele. Havia a luz suficiente para que visse a boca aberta daquele homem antes de lhe cortar o pescoço. O grito de alarme acabou sendo de morte.

O cavalo relinchou ao sentir o aroma de sangue, enquanto Renard procurava na escuridão a presença de outro assassino, mas não achou mais que silêncio.

Outro pecado a expiar.

Com os olhos já acostumados à escuridão, olhou o rosto de sua vítima.

Era o homem que tinha visto vigiando a casa.

Tinha tentado matá-lo, pelo que devia saber quem era.

Katrine devia ter-lhe dito.

Levantou-se apoiando o braço esquerdo e tirou o animal do estábulo para que se acalmasse. Limpou as mãos de sangue e entrou na casa pela porta traseira.

A luxúria o cegou e esse era o resultado: tinham-lhe ferido o braço útil. Amaldiçoou sua falta de precaução.

Katrine apareceu em seguida na sala, jogou o vestido por cima sem sequer abotoá-lo.

—Doce Santa Catalina — sussurrou ao ver a ferida.

Sentia o coração lhe pulsando no braço e estava enjoado, assim se sentou no primeiro lugar que achou antes de cair.

—O que aconteceu? Perguntou-lhe, com os olhos escuros e a tez pálida.

—No estábulo — mal podia falar. —Um homem com uma faca. Está morto.

A luz do fogo se refletia em seu cabelo, o mesmo que há tão somente uns minutos, tinha descansado sobre o peito de Renard. Agora, em lugar de olhá-lo, seus olhos procuravam algo.

—O que busca Katrine?

—Está em perigo — sem mais pergunta, pegou um trapo e uma terrina com água para lhe limpar a ferida, não o olhou nos olhos em nenhum momento.

Enquanto lhe enfaixava o braço. Renard teve que apertar os dentes para não gritar pela dor da ferida, de sua traição e de sua própria estupidez. Tinha aceitado sua inocência e havia se sentido orgulhoso ao acreditar que a fez sua, mas, em todo tempo, ela esteve levando-o para a morte.

Agarrou-a pelo braço e a levou até a porta para fechá-la, o mesmo fez com as portinhas das janelas. Cada vez que se moviam, seu peito lhe roçava o braço.

Quando tudo esteve fechado, voltou-se para olhá-la, tirou a adaga e a pôs na garganta, esperando que ela não se desse conta de como lhe tremia a mão. Ainda levava seu aroma nos dedos.

—Por que estou em perigo? As palavras flamengas eram tão bruscas como suas maneiras. Ela não respondeu assim Renard desceu a adaga até o vale que se formava entre seus seios. — Agora não pode me ocultar nenhum segredo, Katrine. Sei coisas de ti que nenhum homem deveria saber.

A cor abandonou seu rosto. Não demoraria a vacilar.

—Toquei-a onde nunca lhe haviam tocado e você desfrutou disso. Que segredo pode ser mais terrível que esse?

—Sua bola de cristal não funciona bem, Renard — replicou ela, escapando de seus braços. — É incapaz de ver a verdade, nem tampouco de dizê-la. Nunca me disse a verdade, talvez porque não possa dizer nem a si mesmo — em seus olhos havia um brilho de desprezo e asco, que Renard tinha tentado provocar muitas vezes. —Chegou o momento de você revelar seus segredos, inglês.

Inglês.

Aturdido. Renard olhou a laranja que ainda descansava sobre a mesa até que a imagem se tornou imprecisa.

—Inglês? Por que me chama assim?

—Não nega?

—Nasci em Brabante, não do outro lado do canal — ao menos isso era verdade.

Katrine piscou, mas não era nenhuma idiota.

—Uma resposta ardilosa, como a de uma raposa, mas isto demonstra algo muito diferente — do livro de contas, que também estava sobre a mesa, tirou uma peça de tecido vermelho, esse brinquedo que os estúpidos só conheciam o lado romântico da guerra e ignoravam a realidade. — Deixou isso.

—Revistou minhas coisas? Replicou ele, zangado consigo mesmo por ser tão tolo.

—Não foi assim — disse com uma vergonha que ele não compreendeu.

—Como foi então? Esteve tão concentrado nisso que esqueceu toda precaução.

—Só me diga uma palavra. É seu ou não?

O ar, impregnado de aroma de lã e sexo, tornou-se ainda mais denso com o peso daquela pergunta. Katrine esperava aparentemente tranqüila, com um meio sorriso nos lábios.

Convertera-se em seu anjo da morte, tinha-o destruído valendo-se do que ele tinha negado durante toda sua vida. Por um momento, recordou como tremeu sob suas mãos, e chegou a pensar que tinha valido a pena.

—Sim — respondeu.

Tinha planejado lhe fazer confessar a verdade, mas ele tinha acabado confessando.

—O que faz aqui? Seguiu perguntando.

Ele era dispensável, o futuro da aliança com o Eduardo, não.

—Pedi-me só uma palavra e lhe dei isso.

Katrine soltou o tecido de seda como se não pudesse suportar tocá-lo. Ele o guardou. Serviria-lhe para lembrar-se de que não devia voltar a confiar em nenhuma mulher.

Nem de seus sentimentos por ela.

Katrine se ajoelhou junto às bolsas de lã e as acariciou enquanto recitava a história de Renard.

—Não há verdade nas mentiras que contas e, entretanto caí presa de seu feitiço.

—E sobre as mentiras que você me disse? Perguntou ele, lhe agarrando ambos os ombros. —Não tem marido, seu pai não está morto, mas sim está em uma prisão inglesa. —Deu-lhe satisfação sentir que se sobressaltava sob suas mãos. —Tome cuidado quando exigir a verdade.

Ela se afastou de suas mãos e foi até onde não pudesse tocá-la.

—Ouvir o que queria ouvir?

—Quem é seu pai então?

—Sir Denys de Gravere.

Um nobre. As coisas não faziam mais que piorar.

—E que delito cometeu contra Eduardo?

—Nenhum! Foi a Londres para negociar o seguinte envio de lã.

Devia acreditar?

—Por que me mentiu?

—Se soubesse, teria me trazido a lã?

Renard não tinha resposta para essa pergunta. Parecia estar dizendo a verdade: o único que a havia preocupado, todo o tempo, havia sido a mãe. A suas costas estava o tear, que lhe recordou com grande tristeza todos os momentos compartilhados e agora perdidos para sempre.

Mas ao olhar ao tear, viu algo estranho. A malha estava esmigalhada. Katrine teria preferido golpear a si mesma a danificar aquele trabalho.

Pôs a mão no rosto e a obrigou a olhá-lo.

—Katrine, o que...?

Um golpe na porta lhe impediu de continuar.

—Katrine, abre a porta. Está com ele?

Muito tarde.

Enganado e apanhado por uma mulher como se fosse um simples escudeiro.

—Entregou-se a mim como uma rameira para me apanhar?

Ela negou com a cabeça, ainda entre suas mãos. A dor se refletiu em seus olhos com tal intensidade que Renard agradeceu que os fechasse.

Entregue pelo sofrimento de sua traição, deixou-se levar e a beijou brutalmente. A respiração de Katrine se rompeu em pedaços sob seus lábios.

—Esta é nossa verdade, Katrine, a verdade de nossos corpos. Nada mais.

Ela se afastou e olhou à porta com angústia.

—Um momento, tio.

Tio. A casa estava há semanas sob vigilância. Devia tê-lo traído no primeiro dia.

—Suba até último piso — lhe sussurrou ela então, com urgência. —Rápido. Saia pela janela e desça ao jardim pela cerejeira. O atrasarei aqui durante o tempo para que possa fugir

—Para que? Para que possam me apanhar os homens que esperam fora?

Outro golpe na porta. Ela colocou o vestido como pôde.

—Já vou.

A ira lhe deu forças para subir as escadas correndo. Só esperava que a ira também lhe desse forças para agarrar-se aos ramos da árvore.

—Mas, tio — ouviu as palavras de Katrine. —O que o traz por aqui a estas horas da noite?

Quando Katrine abriu a porta, um vento de tormenta lhe golpeou a rosto. Ficou ali, atrasando a entrada de seu tio até que não se ouvissem os passos do Renard.

—Onde está? — perguntou seu tio, jogando-a um lado para entrar na casa. —O que estava fazendo? Por que me fez esperar tanto?

Tinha cometido o engano de acreditar que seu tio esperaria que ela mandasse Merkin, mas ele não acreditou que fosse trair Renard.

Não tinha se equivocado.

Assim que a olhasse, veria e cheiraria seu pecado. Entretanto ela já não podia pensar nisso como um pecado.

Seu tio começou a revistar o lugar, incluindo a cozinha, onde Merkin ainda dormia.

—Deixe-a tranquila, tio. Já vê que estávamos dormindo.

—Onde está? Ranf enviou o Will para que me dissesse isso. Sei que está aqui. Olhe para você — houve um tenso momento de silêncio, enquanto seu tio a observava de cima abaixo com desprezo. —Deitou-se com ele!

Katrine se pôs a rir.

—Não é isso o que me ordenou que fizesse?

—Então continua em sua cama! — dirigiu-se para a escada e não houve maneira de detê-lo.

"Santa Catalina, ajude-o a escapar, por favor." Mas nenhuma virgem poderia compreender a comunhão de duas almas, o paraíso que lhe tinha deixado ver.

Só tinha querido compartilhar uma noite com ele. Deveria ter recordado que, depois de uma só dentada Eva foi expulsa do paraíso.

Quando seu tio voltou com as mãos vazias, Katrine suspirou aliviada.

Um de seus homens apareceu na porta.

—Ranf está morto.

Renard a tinha vingado.

—Pode ser que o contrabandista se encontrasse com o Ranf antes de entrar aqui e depois de matá-lo, foi-se.

—Então quem lhe trouxe essa lâ que cheiro?

Não, definitivamente não se dava bem em mentir.

—Deveria ter sabido — disse seu tio. — Assim que um homem lhe colocasse a mão sob a saia seria impossível confiar em você. Recolhe suas coisas. Vem para casa comigo.

Katrine se foi com pouco mais do que tinha chegado. O espelho, o quadro e o coração ainda mais vazio.

Merkin conseguiu fugir e desapareceu nas escuras ruas da cidade. Escolheu o frio e a fome à vingança de seu tio.

Katrine a invejou.

Capítulo 17

Embora já estivesse quase curado, Renard sentiu uma dor no braço por culpa da umidade da casa de banhos. Enquanto amaldiçoava a si mesmo, uma vez mais, por todos os enganos que cometeu, esperava que seu acompanhante dissesse que sim.

Jacob van Artevelde era o genro do senhor do Dronghen.

Cegado pela luxúria que Katrine despertou nele, Renard se descuidou de sua missão e não tinha visto o perigo que espreitava não só a ele, também ao senhor de Dronghen. Ele tinha escapado, mas o comandante da tropa do Gante foi detido e assassinado.

Depois, outros ducados da zona tinham prestado seu apoio a Eduardo e tinham começado a receber carregamentos de lã. Só Flandres continuava rechaçando a aliança.

E tudo porque Renard se deixara enganar por uma mulher.

A diplomacia tinha fracassado também, pelo que o bispo havia voltado a cruzar o canal, acompanhado dos quarenta e nove cavaleiros. Renard, entretanto se negava a partir. Só e disfarçado, continuava trabalhando em segredo. Jacob van Artevelde era sua última esperança.

—Talvez se Flandres se mantivesse neutro em lugar de apoiar Felipe, o rei poderia levantar o embargo.

O rosto de Van Artevelde se encheu de esperança ao ouvir aquela nova possibilidade.

—Pode me assegurar que Eduardo levantaria o embargo?

Não, não podia. Apanhado em Flandres, só podia supor o que faria seu volúvel monarca. A neutralidade de Flandres suporia uma arma menos para a França, mas também poria em perigo a coalizão que, tanto tempo e dinheiro, havia custado construir com outros ducados.

Claro que era melhor essa neutralidade que sua oposição.

—O conde poderia voltar para seu castelo, seus servos poderiam trabalhar na terra e ele e seu povo teriam algo para comer — falou por fim Van Artevelde. —Mas sem a força da lã, a cidade morre. O conselho sabe. Suponho que aceitou nos declarar neutros.

Com a decisão tomada Renard saiu da casa de banhos e se alegrou de ver que as "damas" que ali havia não despertavam nenhum sentimento nele. O que sentiu por Katrine tinha sido uma loucura passageira.

Aqueles sentimentos continuavam visitando-o de noite, quando voltava a sentir seu corpo tremendo entre suas mãos e seu cabelo vermelho lhe roçando os braços.

Katrine o possuía como um súcubo, esse espírito maligno e carnal que se apoderava dos sonhos dos homens e lhes roubava a alma.

Mas, ao despertar, voltava a recordar sua traição. Era só um sonho, como o de ter nascido como produto do amor e não da luxúria.

A realidade era que, ela, mentiu para ele desde o primeiro dia. Essa realidade alimentava sua ira e era a única coisa que o protegia da dor.

Noite após noite, à medida que o verão ia transformando-se em outono. Renard a visitava em sonhos, mas ao despertar, Katrine devia enfrentar o ódio de seu último beijo.

"Eu não o disse. Tem que me acreditar. Nunca quis lhe fazer mal".

Só tinha querido uma noite com ele. Pela manhã tinha planejado dizer à Merkin que fosse avisar a seu tio e, quando ele chegasse a casa, Renard já teria ido. Em lugar disso, estiveram a ponto de apanhá-lo, o senhor de Dronghen tinha morrido e ela estava prisioneira na casa de seu tio.

Mas ao menos teve aquela noite e não o lamentava, só lamentava que terminasse desse modo.

Sabendo que se deitara com um homem, seu tio achava que faria o mesmo com qualquer outro, pelo que a encerrou e não a deixava sair sem um guarda. Presa na casa, Katrine tinha muito cuidado de não se separar de sua tia e não ficar jamais a sós com ele. Podia ver a loucura refletida no olhar de seu tio.

Queria rezar, mas estava segura de que Santa Catalina não queria ouvir falar de Renard, assim rezou por seu pai, por sua volta e por poder libertá-la do cativeiro no qual se convertera sua vida. O dia de todos os Santos chegou e passou sem que tivesse ocorrido nenhuma das duas coisas.

Finalmente voltou para o que sempre a salvava.

O trabalho.

Um dos primeiros dias de outono, Katrine chegou à oficina da Rua High Gate, escoltada por dois dos homens de seu tio, a quem conseguiu convencer de que a deixasse voltar a trabalhar. É claro, a única maneira de fazê-lo foi mencionar a quantidade de dinheiro que geraria a lã cisterciense que conseguiu de Renard.

Por sua parte, ela tinha aceitado suas condições, incluindo os guardas, para voltar a tocar na lã.

Mas quando abriu a porta, aquele lugar, que tão bem conhecia, tinha mudado por completo. Renard estava em toda parte.

Com ele se sentou ao tear, tinha empilhado as bolsas de lã na entrada e tinha dançado com ele.

Subiu as escadas, em seu dormitório seguia sentindo ainda o aroma de seus corpos, unidos durante um fugaz momento. Teve que reunir todas suas forças para aproximar-se da cama, retirar os lençóis e atirá-los ao chão. Aquele aroma a fez cair de joelhos e teve que cobrir a boca com os lençóis para afogar o pranto.

Pela enésima vez, Renard se perguntou se Katrine seguiria na casa da Rua High Gate e o que teria feito com a lã. Seguiu caminhando na direção oposta. Van Artevelde estava disposto a fazer uma declaração pública, desde que Renard pudesse reunir às massas, mas devia fazê-lo sem atrair a atenção do conde.

Ao passar por um beco perto do canal, ouviu um estranho sussurro. Voltou-se para olhar, com a mão já no punho da adaga.

—Renard.

Aquilo o deixou gelado. Quem poderia saber seu verdadeiro nome?

Uma figura fazia gestos do beco.

Era Merkin.

—Cale-se. Já não sou Renard.

Ela o olhou de cima abaixo.

—Tampouco o parece.

Nem ela parecia Merkin. Tinha o cabelo sujo, a roupa rota e gasta.

—O que lhe aconteceu? Onde está sua senhora?

—Presa por esse lunático. Eu consegui fugir. Prefiro viver na rua que perto dele.

—De quem?

—De seu tio, claro. Se voltar para sua casa, irá me matar.

Aquilo não tinha nenhum sentido. Como prenderia um homem sua própria sobrinha? Além disso, ainda recordava as carinhosas palavras com as que o recebeu Katrine. Não faria mais perguntas. Por ele, estava como morta: a única coisa que lhe dava raiva era que então não poderia vingar-se.

—Poderia conseguir mais lâ? Perguntou-lhe a moça.

"Sem a força da lâ, a cidade morre".

Aí tinha a mecha para acender a chama.

—Agora mesmo não, mas há algo que pode fazer. Diga isto a todas as pessoas que possa. Pode ser que voltem a ter o estômago cheio antes do Natal.

Inclinou-se para lhe falar no ouvido.

Uns dias depois, Katrine olhou pela janela da oficina e viu multidão de pessoas caminhando a toda pressa na mesma direção.

—O que aconteceu? — perguntou a gritos. —Aonde vão?

Ninguém se deteve para responder, mas ouviu algumas frases:

—À abadia.

—Van Arlevelde vai falar.

—Tem uma solução.

Saiu correndo, antes que os guardas pudessem segui-la, e se uniu à multidão sem sequer saber muito bem por que.

—Milady! Aqui.

Era Merkin, parada entre a multidão, como um pau golpeado pela corrente do rio. Katrine correu para ela e, ao abraçá-la, não pôde evitar enrugar o nariz por culpa do aroma.

—Onde esteve? Como sobreviveu?

A fome tinha lhe moldado o rosto, marcando todos os ossos.

—Não podia ficar com você, milady. Seu tio me teria matado.

—Sei Merkin — tomou a mão e seguiram caminhando juntas. —O que está acontecendo?

—Jacob van Arlevelde tem um plano para que voltemos a ter lâ.

Katrine moveu a cabeça, sem mal acreditar. Os Arlevelde eram uma família de tecedores da qual Giles sempre tinha falado muito bem. Sem dúvida estavam interessados em achar uma solução. Senhora e criada se deixaram levar, pela massa de pessoas, até a praça da abadia, onde alguém tinha levantado um palanque sobre o qual estava Jacob.

Uns minutos depois, começou a falar, com uma calma, que o enchia de dignidade e nobreza.

—Meu nome é Jacob van Arlevelde e lhes falo como um cidadão mais.

A cidade inteira parecia haver-se congregado para escutá-lo e receberam suas primeiras palavras com aplausos. A palavra "cidadão" era sagrada em Gante porque os foros garantiam os direitos dos tais habitantes.

—Encontramo-nos entre dois gigantes que pretendem nos obrigar a ser leais a suas necessidades, em lugar das nossas — prosseguiu dizendo e recordou velhas histórias de ambos os monarcas. —Mas agora que necessitamos, enviou-nos Felipe comida para saciar nossa fome? A multidão respondeu ao unísono. —E o que nos oferece Eduardo? Acaso nos mandou lã para que nossa cidade não morra? Um novo "não" estalou entre as pessoas. —Nossos teares estão vazios e nossas crianças morrem de fome, porque o conde se empenha em seguir sendo leal a Felipe quando é a lã do Eduardo que necessitamos. A quem devemos apoiar?

Katrine considerou a idéia. O que importava qual dos dois primos ocupasse o trono? Quão único importava era que houvesse paz.

—Devemos lutar por nossas necessidades. Deixemos que Felipe e Eduardo resolvam seus problemas e nos mantenhamos neutros. Se o fizermos, a lã e o vinho voltarão a chegar à cidade.

Katrine aplaudiu com o resto e sentiu a mesma alegria. Seria possível que fosse tão fácil?

Junto a Van Artevelde havia agora um homem alto. Katrine não podia lhe ver o rosto, mas em seguida reconheceu seu porte elegante e seu cabelo castanho.

Então soube por que Renard tinha ido a Gante.

Capítulo 18

Katrine recebeu a mensagem à tarde, pouco depois do meio-dia. Devia acompanhar três guardas a casa Artevelde. Não comunicaram o motivo, nem deram tempo para trocar de roupa, não pôde lhes dizer que aquela saia marrom não era o traje adequado para apresentar-se ante Jacob van Artevelde, o novo governante de Gante.

Ela não lhes perguntou se veria ali Renard. Continuava na cidade e se dizia que, quando o rei Eduardo partisse, ficaria em Gante como representante dele.

A cidade tinha mudado muito desde o emocionante discurso de Van Artevelde. E quando Eduardo autorizou os envios de lã, a neutralidade se convertera em aliança. O rei viajou à cidade e foi reconhecido rei da França, depois que o conde e seus adeptos fugiram tão rapidamente que, o tio de Katrine, partiu sem ela.

Katrine estava bem em sua amada oficina desde que não pensasse em seu pai. Ou em Renard.

Já na casa de Van Artevelde, fizeram-na subir ao primeiro andar. O que teria feito para que aquele homem quisesse vê-la?

Em algum lugar se ouvia o som de uma flauta e a risada de uma mulher, coisas que contrastavam com a agitada atividade do andar pelo qual entrou, onde se achava a casa do governo.

Então se detiveram frente a uma estreita escada, que penetrava por um buraco do teto, a entrada à torre.

—Por aqui — lhe indicou um dos guardas.

—Por quê? Por que me fizeram vir?

Por mais que protestasse, não conseguiu obter resposta alguma, assim começou a subir sem atrever-se a pensar o que lhe esperaria acima. No meio do caminho, a escada balançou pelo peso de outro corpo.

—Não — disse ela. —A escada não aguentara a duas pessoas.

—Claro que sim.

Aquelas palavras fizeram que o coração desse um tombo.

Renard.

Seus braços, apoiados um a cada lado da escada, rodeavam-na e a faziam sentir-se vulnerável a ele, mas a salvo do resto do mundo. Uma contradição que preferiu não analisar.

Voltou-se para olhá-lo e o achou tão perto que preferiu seguir subindo e afastar-se do perigo. Ao chegar acima, foi rapidamente até o centro do aposento, onde ele não pudesse tocá-la. Mas quando se virou, aí estava ele.

Esfregou as mãos, empapadas em suor, na saia e engoliu em seco. Seus olhos eram tão azuis como os recordava.

"Por isso me fez vir? Desejaria ver-me tanto como eu a ele?"

—Esperava ver van Artevelde — disse ela por fim.

—Fui eu que a fez vir.

Nada mais.

Katrine não havia tornado a vê-lo desde o discurso, embora soubesse que estava na cidade. Para ela se convertera em um sonho mais que uma realidade. Toda noite lhe tinha explicado que nunca pretendeu ajudar que o prendessem. Em seus sonhos, ele tinha compreendido e a tinha olhado com ternura.

Uma ternura completamente ausente de seu rosto naquele momento.

—Delatou-me ante o conde — disse ele depois de um longo e tenso silêncio.

—Não é verdade!

"Continua me odiando". Como foi tão idiota de esperar que pudesse ser outra coisa?

—Quer que acredite que o barão apareceu por acaso?

—Eu não o chamei. Lembre-se que lhe disse que fugisse.

—O senhor de Dronghen não teve tanta sorte.

Katrine sentiu um nó na garganta ao ouvir a dor que havia em sua voz.

—Eu não tive nada que ver com sua morte.

—Como vou acreditar em você? Mentiu para mim em tudo, inclusive com respeito a seu pai — disse como se fosse à maior ofensa.

—Eu não lhe devia nenhuma explicação, era só um contrabandista. A única coisa que lhe devia eram sessenta libras de ouro.

—Que nunca me deu.

Encolheu-lhe o estômago como se tivesse recebido um golpe. Não as pagou porque não havia voltado a pensar no dinheiro desde que ele a havia tocado. Colocou a mão na bolsa que tinha enganchado no cinturão do vestido e tirou tanto quanto pôde. Ele virou o rosto sem incomodar-se em contá-lo.

Ele nem sequer se alterou, nem sequer quando uma lhe bateu na fronte. As demais caíram pelo chão.

—Eu nunca conspirei contra você ou contra seu querido rei.

—E já não terá oportunidade de fazê-lo porque vou deixá-la aqui. Não poderá mandar informação a seu tio e ao conde.

"Aqui". Poderia voltar a vê-lo.

—Mas não posso deixar meu trabalho.

—Todo dia a escoltarão para a loja e Merkin poderá ajudá-la.

—Pelo amor de Deus, tenho um negócio de tecidos, não conheço nenhum segredo militar e, se soubesse, não o diria a ninguém.

— Para que a deixou aqui seu tio se não foi para espionar?

Tinha-a deixado ali porque se escondera dele, porque não podia seguir agüentando o brilho lascivo de seus olhos cada vez que a olhava e pensava que era uma rameira.

Certamente Renard pensava o mesmo.

—Estou-lhe dizendo a verdade! Insistiu, depois de olhar a seu redor e dar-se conta de que aquilo podia ser um refúgio, mas também uma prisão.

—A única verdade que disse é a que falou seu corpo.

Mas ela não tinha sido a única. Katrine respirou fundo e pronunciou o francês com calma.

—Seu corpo é a única parte de você que não pode mentir.

Ele não se moveu, mas todo seu corpo ficou em tensão e seus olhos adquiriram uma escura cor índigo. "*Recorda-o, mas não deseja fazê-lo*". Katrine se deu conta, com surpresa, de que tinha visto seus sentimentos refletidos em seus olhos.

Então ele se aproximou deliberadamente devagar, tomou as mãos entre as suas e começou a beijá-la.

—Isto é mentira ou verdade? E isto? Seus lábios se fecharam sobre os dela. — Que verdade lhe diz isto?

Era um beijo suave e sedutor que não demorou a fazer com que Katrine se abrisse para ele, abraçasse-se ele, desejosa de sentir essa mescla de vulnerabilidade e segurança que só conhecia com ele. Suas línguas se uniram em um baile embriagador.

Katrine só podia sentir seus beijos, ouviu suas palavras, mas não compreendeu seu significado até o final.

—A verdade é que se entregaria a qualquer homem.

Afastou-se de seus braços, de seus beijos, de suas mãos, de tudo o que pudesse tentá-la. Uma vez mais, tinha-lhe dado toda sua confiança e ele a pisoteou.

—Isso é mentira! Foi o único que pôde dizer. Por que se permitiu sonhar que pudesse ser merecedora de seu amor?

Entretanto, ao olhá-lo e vê-lo com os punhos apertados, como se estivesse lutando consigo mesmo, deu-se conta de que mal era consciente de sua presença. Tinha os olhos fechados e era presa de uma profunda e antiga agonia.

Quem era a mulher que lhe causou tanta dor?

—Sei o que esse tipo de ardor pode fazer a uma mulher. Faz com que abandone sua vida inteira pelo prazer do momento — disse entre dentes.

—E o que faz a você essa paixão? Perguntou ela, suavemente.

—Nada — respondeu com força, ao abrir os olhos. — Não me faz nada.

—Seu corpo não sabe mentir.

—Tanta experiência tem com o corpo masculino para sabê-lo? Agora sim falava com ela e só a ela.

—Só com o teu.

Viu em seus olhos a luta que se travava dentro dele entre seu desejo de acreditar e seu empenho em negá-lo.

—Voltará a senti-lo com o homem seguinte.

—E você com a mulher seguinte.

—Já lhe disse que não sinto nada.

—Quem é que mente agora? Era evidente que sentia algo que não queria sentir. Sentia algo por ela. —Posso vê-lo em seus olhos.

—ê o que quer ver — respondeu, depois de um momento de silêncio, deu meia volta.

Ela pegou algumas moedas do chão e as empurrou.

—Não esqueça suas moedas.

Um segundo depois desapareceu, deixando-a naquela prisão.

Foi um estúpido por voltar a vê-la. Não podia deixar de pensar em seu cabelo e em seus enormes olhos castanhos, nem sequer enquanto falava com Eduardo.

O rei estava preparando-se para a viagem. Quando voltasse a cruzar o canal o faria como chefe de um exército que se dirigiria a Paris, com o brasão do novo rei da França:

—Alteza, quando retornar a Inglaterra, sugiro-lhe que considere a idéia de libertar os prisioneiros flamengos que ficam nas prisões. Isso fortaleceria a aliança.

Eduardo o olhou de soslaio e esboçou um sorriso.

—Como se chama?

—Quem?

—O pai de sua tecelã.

—Não é minha tecelã e não sei do que está falando.

—Vamos não me ocorre nenhum outro prisioneiro flamengo que possa lhe interessar.

—Sir Denys de Gravere — disse finalmente, esperando que Eduardo não visse o rubor de suas faces. —Mas não lhe sugeri por isso.

—É claro que não. E a trouxe aqui para proteger meus interesses, sei — aquilo fez que ficasse sério de repente. —Cuide de minha dama. Renard. Não acredito que meu filho venha ao mundo antes de minha volta, mas de todos os modos, cuide dela — depois de doze anos, o matrimônio seguia enchendo de alegria o coração de Eduardo.

Renard duvidava muito que ele fosse a achar uma sorte similar na igreja, como bispo.

—Tudo irá bem. Alteza.

—Poderia apresentá-la à sua tecelã, Philippa se entreteria conversando com ela.

—Alteza, eu não acredito que a rainha deva tratar com uma espiã.

—Sabe com certeza que é uma espiã?

Sabia? Não podia ser de outro modo. Se dissesse a verdade, se realmente era inocente, Renard perderia a única razão de peso para resistir a ela.

—Estou convencido.

—De todo modo, que mal poderia fazer aqui? Philippa sabe guardar segredos de estado.

—Como ordena — Renard não pôde evitar perguntar-se, com inveja, o que se sentiria ao confiar tão plenamente em uma mulher.

—Vigie o bispo de Clare em minha ausência — Van Artevelde, o bispo e Renard governariam juntos em ausência do rei. —Já lhe disse que escreva ao Papa, em menos de um ano será bispo.

—Será uma honra — Renard olhou nos olhos azuis do rei, tão parecidos com os seus. — Antes que vá, me deixe brindar pelo legítimo rei da França.

Eduardo sorriu com satisfação.

—E por seu representante em Flandres.

Aquelas palavras lhe provocaram um calafrio.

Ganhara aquela posição e o poder que supunha um lugar na corte do Eduardo. E logo, além disso, levaria o anel de bispo. Nada devia interpor-se em seu caminho.

Especialmente uma pequena tecelã de grandes olhos castanhos.

Capítulo 19

A estadia em que a esperava a rainha estava cheia de luxos que faltavam no resto do edifício. Katrine passou as mãos pela saia, com nervosismo, enquanto observava as tapeçarias que decoravam as paredes.

A seu lado, Renard parecia ter tão pouca vontade como ela de estar ali.

Junto à rainha havia duas damas que não deixavam de rir, enquanto um cavalheiro com um tapa-olho de seda vermelha no olho fazia malabarismo com três bolas.

No centro de todos eles, estava a rainha da Inglaterra, uma mulher de olhos escuros, mãe de quatro filhos e grávida de outro. Entre os tecidos que a agasalhavam no divã havia um tecido de cor índigo com a marca da margarida. Katrine se surpreendeu ver que a rainha era mais ou menos de sua idade.

—Aproxime-se Renard — disse Philippa. —É um prazer vê-lo por aqui.

Uma das damas, loira e exuberante, olhou para Renard como se também para ela fosse um prazer contar com sua presença. Katrine observou que usava um vestido muito mal tecido e de uma cor vermelha muito agressiva.

—Sempre é uma honra para mim, servir ao rei e a você Alteza — disse Renard com uma ligeira reverência, que dava conta da confiança que tinha com os monarcas. —Permita-me que lhe apresente lady Catherine de Graverre, ou lady Katrine, como ela prefere — acrescentou em francês.

Katrine se ruborizou ao ouvi-lo falar o idioma que só tinham compartilhado em privado. Inclinou-se em uma reverência, enquanto tratava de controlar o rubor que alcançava lugares mais ocultos que as faces.

Sentiria algo por ela?

A rainha a saudou com um agradável sorriso e apresentou às duas damas; lady Elizabeth e lady Joanna, que era a do vestido vermelho.

—E este alegre patife é sir Jack de Beauchance — acrescentou assinalando o cavalheiro.

Ao ir saudá-lo, Katrine se surpreendeu de ver que era o cavalheiro que lhe jogou um beijo na noite que a tinham atacado. Ele a saudou levando um dedo aos lábios.

—Fez voto de silêncio — explicou lady Elizabeth.

Jack lhe deu uma piscada e se aproximou para lhe beijar a mão. Renard se aproximou um pouco mais a ela.

—Cuidado, sir Jack — lhe advertiu lady Elizabeth, lançando-lhe uma das bolas com as quais esteve jogando. —Não vê que é uma mulher casada?

Katrine retirou a mão e tocou o véu.

—Receio, lady Elizabeth, que a touca a confundiu. Foi uma época difícil e o certo é que só ponho o véu para me sentir mais protegida na rua — embora de pouco tivesse servido. —Não sou casada.

—É uma lástima — apontou Joanna, — pois só uma mulher casada pode ser objeto da devoção cavalheiresca. Ou possivelmente finge estar casada para poder receber livremente as atenções de um cavalheiro, lady Katrine.

—Não, é claro que não! — sentiu que lhe ardia o corpo, pensando no que Renard e ela fizeram. Olhou para seu rosto impassível. Como podiam aquelas mulheres falar de algo assim com tal ligeireza?

—Possivelmente lady Katrine não esteja familiarizada com as leis do amor cortês — sugeriu lady Joanna com um sorriso. —Soube lady Katrine, que é comerciante.

Katrine escondeu os dedos cheios de calosidades, muito diferentes aos daquelas duas damas da corte.

—A família de lady Joanna cria ovelhas em suas terras e vende a lã — interveio Renard. — Diria então, lady Joanna, que sua família é comerciante?

Isso teria sido uma desonra para uma família nobre. Katrine teve que cravar o olhar no chão para não se pôr a rir. Lady Elizabeth não se controlou tão bem e sua gargalhada se ouviu com clareza.

—Parece que todas nós temos algo em comum — disse suavemente a rainha. —Lady Joanna cria ovelhas, lady Katrine faz tecidos lindos e lady Elizabeth e nós adoramos colocá-los é uma sorte para nós que tenha podido deixar de lado o trabalho para passar um pouco de tempo conosco.

Nesse momento, Philippa se converteu também na rainha de Katrine.

—É uma honra para mim, Alteza — afirmou com um grande sorriso.

—Tomara houvesse na Inglaterra tão bons tecedores como aqui — respondeu a rainha. — Eduardo me deixou algum dinheiro e, como podem ver, encontrei a maneira de gastá-lo.

—De fato, comprou nosso tecido — disse, assinalando a peça de cor azul índigo. —Leva a marca da margarida. Sempre é uma sorte poder contar com lã inglesa — prosseguiu Katrine humildemente. —A qualidade do tecido começa com a qualidade da lã.

—Acredito recordar, lady Katrine, que disseram que a lã cisterciense é a melhor. —Não havia nada na voz de Renard que fizesse pensar na noite em que havia lhe entregue aquela lã.

Katrine se perguntou uma vez por que o teria feito, pois só poderia ter prejudicado a sua causa.

—Nos deixem falar com as mulheres — ordenou a rainha a Renard e a Jack. —Quero que lady Katrine nos conte muitas coisas do negócio da lã.

Renard tentou ficar, mas não houve maneira. Isso sim, antes de partir, aproximou-se para dizer algo discretamente à Katrine:

—Cuidado para não falar sobre nada que não seja de lã.

Mal saíram os homens, a rainha se acomodou no divã e se dirigiu a ela:

—Já conheciam nosso querido amigo Renard?

—Não o conheço bem — coisa que não sabia se era verdade ou mentira.

—Ninguém o conhece exceto Jack e o rei — assegurou lady Elizabeth.

—Foi um grande companheiro para meu Eduardo há muitos anos. Devemos-lhe muito por sua lealdade — havia certa advertência na voz da rainha.

—É certo, Alteza, mas é tão misterioso — interveio lady Joanna, com os olhos brilhantes.

—E esse gesto que tem parece que está lhe piscando — comentou lady Elizabeth. —Minha mãe viu alguma vez ao primeiro rei Eduardo quando era jovem e diz que tinha esse mesmo gesto.

Fez-se um longo silencio que a rainha rompeu, finalmente, fazendo a Katrine alguma pergunta sobre a lã.

Não voltaram a mencionar Renard.

Katrine não demorou a dar-se conta de que sua missão ali era afastar a atenção da rainha das preocupações da iminente guerra. Murmurava-se que o rei Felipe já tinha empreendido a marcha, enquanto que o rei Eduardo seguia na Inglaterra reunindo seus homens.

Renard não teria por que haver-se preocupado pelos segredos militares, pois lady Joanna e lady Elizabeth só queriam falar de uma coisa, de amor, do amor cortês. Em seu mundo, a mulher não era um ser pecaminoso como Eva, mas uma dama inalcançável que o cavalheiro punha em um pedestal para honrá-la e cortejá-la.

É claro, um cavalheiro cortês jamais esperaria de uma dama mais que um casto beijo.

Passou pela cabeça de Katrine que, se talvez, tratasse de se comportar como uma dessas damas e esquecer de que era tecelã, aprenderia algo mais sobre o amor cortês.

O divertido Jack tinha lhe piscado. Poderia seu beijo fazer com que se esquecesse de Renard? Seria verdade o que lhe disse de que voltaria a sentir o mesmo com o homem seguinte?

Certamente seria um alívio dedicar aquele intenso desejo a outro homem.

Seria maravilhoso se pudesse viver aqueles sentimentos, que seu tio considerava vergonhosos, como um jogo e não como um suplício. Um jogo que poderia compartilhar com quem desejasse.

Tinha chegado o momento de averiguar.

A oportunidade lhe chegou só uns dias depois. Um suave dia de inverno que cheirava já a primavera, Katrine estava passeando pelo jardim depois do jantar, quando Jack se aproximou dela, tão sorridente e silencioso como sempre.

Katrine tratou de sorrir como viu lady Joanna fazer. Ele jogou um joelho ao chão e tomou a mão.

—Me deixe passar, por favor.

Mas lhe beijou a mão. Katrine se sentiu incomodada. Lady Joanna tinha razão, não sabia nada daqueles jogos de amor. A intensidade de Renard a atraía irresistivelmente, mas qualquer dama poderia ser objeto da alegre admiração de Jack. Ao tocá-lo não sentia mais emoção do que teria sentido com o velho Jan, seu professor tecedor.

—Sei que não pode falar, mas, por favor, me deixe passar — insistiu.

Ele fez um cômico gesto como se tivesse lhe quebrado o coração e Katrine não pode evitar rir. Era um alívio tratar com alguém tão encantador, tão diferente a feroz intensidade de Renard, mas isso não despertava nela nenhuma paixão.

—Solte minha mão e aplaudirei senhor. É mudo, mas diz mais que muitos que falam. O recompensarei, mas lhe rogo que procure outra dama que esteja interessada.

Inclinou-se para lhe dar um beijo na fronte, mas então ele ficou em pé, estreitou-a em seus braços e a beijou na boca.

Sentiu seu corpo em tensão e a música de piano que lady Elizabeth interpretava em alguma parte da casa. Sentia tudo o que havia fora, mas nada dentro de si.

Não lhe acelerou o coração, nem sentiu que lhe ardia o corpo.

"Renard se equivocou. Não sentirei o mesmo com o homem seguinte. Nem com nenhum outro".

O descobrimento lhe fez sentir medo.

Nesse momento os braços do Jack se separaram dela... porque Renard o tinha agarrado pela túnica e o tinha encurralado contra o muro do jardim.

—Adverti-o.

—Não responderá enquanto usar o tapa-olho — disse Katrine com calma. —Possivelmente deveria pôr o seu e controlar essa língua acusadora.

Entretanto, Jack deu de ombros e disse:

—Só estava praticando.

—Falou! — protestou Katrine com indignação. —O que estava praticando?

—Como cortejar mulheres sem falar.

—Mulheres em geral? Ou a mim em particular?

Jack olhou ao Renard antes de responder.

—Não se aprecio um pouco minha vida.

Renard o empurrou para a casa.

—Pratique com lady Joanna. Se voltar a vê-lo aproximar-se de Katrine...

—Sei, sei — Jack a olhou e voltou a lhe dar uma piscada. —Tenha piedade dele, lady Katrine.

"Ter piedade?" Como se a Renard importasse que Jack a tivesse beijado.

—Agora tenta usar Jack? Perguntou-lhe Renard, assim que ficaram a sós.

—Não diga tolices. Só queria ver se podia ganhar o beijo de uma dama sem sequer falar.

—E você deixou que o fizesse — era uma acusação, não uma pergunta.

—Por que não teria que fazê-lo? As outras damas o fazem e você mesmo me disse que sentiria o mesmo com qualquer homem — disse, olhando-o com gesto desafiante. —Além disso, faz-me rir.

—Então possivelmente deveria me fazer de bobo.

Voltou a olhá-lo, com medo a interpretar suas palavras de um modo equivocado, mas parecia estar com ciúmes.

—Talvez devesse tentar cortejar, com ou sem palavras. —Deveria ter mordido a língua. Aquilo era um convite.

—Cortejar? Repetiu ele, aproximando-se dela até pô-la de costas à parede. —Se a cortejasse, não a faria rir — pegou o queixo com a mão e a obrigou olhá-lo nos olhos.

Com a outra mão, foi descendo por seu pescoço até o espaço que ficava entre seus seios. Contra sua própria vontade. Katrine levantou os quadris para ele.

Então sentiu sua língua na orelha e todo o fogo que tinha sentido falta com o Jack estalou dentro dela.

Pôs-lhe o joelho entre as pernas até que Katrine ficou sobre ele, aferrou-se a ele, inundando as mãos em seu cabelo enquanto sentia que perdia o controle.

Isso era o que sentia por ele, por ele e por nenhum outro.

Então se afastou e a deixou exposta, sem fôlego, cheia de desejo.

—Vê-o, milady? Disse-lhe muito devagar, com evidente esforço. —É tão fácil de tentar como o resto de seu sexo.

Estúpida. Acreditou que poderia jogar com ele sentindo o que sentia. Tinha razão, mas não como ele achava. Para ele, ela só era mais uma fruta que saborear. Ela, entretanto, estava perdendo o coração por um homem que a odiava.

Mas Renard não devia sabê-lo, não podia deixar que conhecesse sua debilidade.

—Não creia ser tão especial — se apressou a dizer, antes das lágrimas a impedirem de falar. —Tinha razão, não sinto mais por você do que sentiria por qualquer outro homem.

Foi um consolo ver a reação de seu corpo. Podia empenhar-se em dizer que não sentia nada, mas não era isso o que dizia seu corpo. Katrine agora estava certa disso.

Seus olhos são um globo de cristal, Katrine — disse-lhe, pegando-lhe o queixo de novo. — Me deseja.

As mentiras não tinham funcionado.

—O certo é que você me deseja tanto como eu a você e é um desejo que vai além do físico. Essa é a verdade que não é capaz de aceitar, Renard.

"E eu tampouco, porque meu desejo chega até a alma".

Uma vez dito isso, deu meia volta e correu até a casa sem olhar atrás.

Capítulo 20

Renard se manteve em completo silêncio, enquanto a escoltava para a loja no dia seguinte.

"Um desejo que vai além do físico" foram as palavras de Katrine, mas ele as negava. Ainda podia sentir a raiva que tomou conta dele ao vê-la com Jack.

Desejava-a, isso era certo, mas só fisicamente e o físico era algo que se podia controlar. Só foi com ela para assegurar-se de que não passava nenhum segredo aos franceses.

Entretanto, ao entrar na loja vieram a sua cabeça centenas de lembranças. O pão com queijo junto ao fogo, a dança com ela entre seus braços, o tremor de seu corpo ao sentir suas carícias.

"Essa é a verdade que não é capaz de aceitar".

Não podia deixar que seu corpo o distraísse, não permitiria que o fizesse e aproveitasse tal distração para dar informação ao inimigo. Tinha que vigiar todos e cada um de seus movimentos.

Por isso não se afastou dela todo o dia, não porque a desejasse com todas suas forças.

O negócio que ele tinha conhecido com uma só trabalhadora, era agora um formigueiro de tecedores, aprendizes, tecelões e oficiais. Cada vez que algum se aproximava dela, Renard o fazia também e perguntava quem era e o que queria. Uma e outra vez, quando fazia o pedido aos tintureiros ou comprovava que os tecelões tivessem entregado, Katrine lhe perguntava:

—Parece-lhe que isto é uma mensagem para Felipe de Valois?

O certo era que seu trabalho era tão complexo como dirigir um exército e Katrine o fazia com energia e mestria. Era paciente e firme ao mesmo tempo, tenaz e flexível. Assim como teria feito ele no meio de uma batalha, Katrine lhe tratou da mesma maneira que teria feito a um pau de madeira.

Não se importava que não lhe prestasse atenção, só precisava saber o que fazia para estar seguro de que não tentava ficar em contato com o inimigo.

Ao final do dia, quando a loja e a oficina ficaram vazias de novo, Renard olhou por cima do ombro de Katrine, que estava fazendo notas no livro de contas. Ao dar-se conta, ela deixou a pena sobre a mesa e lhe pôs o livro diante do nariz, muito perto para ver algo.

—Olhe! São as contas do que vendi e comprei hoje. Nada mais. Não há mensagens secretas, assim deixe de se intrometer e me deixe dirigir meu negócio em paz.

Ele franziu o cenho.

—Não se pode pôr em perigo a paz do rei.

—Adula-me que acredite que a marca da margarida é crucial para a coroa do rei Eduardo — a mulher que tinha tremido sob suas mãos voltava a ser uma guerreira. —Se o que faço é tão importante, afaste-se de meu caminho.

—Tenho que me assegurar de que se trata de trabalho e não de traição.

—Não tenho tempo para a traição! Já havia trabalho de sobra quando estávamos Giles, meu pai e eu juntos. Agora devo fazê-lo sozinha e, além disso, explicar cada passo que dou. Mal tenho tempo de dormir, assim menos ainda para esclarecer suas dúvidas e suspeitas vinte vezes ao dia. Se você se empenha em estar aqui, ao menos o faça sem incomodar.

Renard se afastou daquela explosão de gênio e foi se chocar com o tear, ao qual mal havia prestado a menor atenção durante o dia.

Então voltou a ver a malha esmigalhada que tanto lhe chamou a atenção na noite em que se apresentou ali o tio de Katrine. Acariciou a malha e sentiu aquela ferida como se tivesse sido infligida em seu próprio ventre.

—Teria lhe arrancado o coração antes de destruir seu trabalho. Acaso desprezava tanto o meu que teve que destroçá-lo?

Katrine piscou, mas não bastante rápido para que Renard não visse sua dor.

—É claro que não. Não fui eu quem o destroçou.

—Quem então?

—Embora lhe diga não me acreditará.

—Como sabe? Identificava a verdade na voz de qualquer oponente, entretanto com ela nunca estava seguro. Seria porque dizia verdades que não queria acreditar? Ou porque dizia mentiras que desejava acreditar?

—Porque questiona tudo o que lhe digo — respondeu, com calma e resignação.

Possivelmente foram seus olhos, sua voz ou o desejo que sentia por ela. Renard não teria sabido dizer o que foi exatamente, mas o certo foi que nesse momento confiou nela.

—Diga-me e acreditarei em você.

Katrine o olhou um bom tempo antes de falar.

—Meu tio.

O homem a quem Merkin tinha chamado de louco.

—Quando? Por quê?

—Aquela noite. Para me obrigar que fizesse o que ele queria — em sua voz havia medo, asco e desprezo.

"Katrine despreza seu tio. Como pude não me dar conta? De que outras coisas eu não me dei conta?"

—O que ele queria que fizesse?

—Que lhe oferecesse meu corpo para que ficasse aqui até que ele chegasse.

A raiva se apoderou dele. A paixão com a que o tinha apanhado foi ainda mais falsa do que ele temia. Nem sequer havia sido ideia dela, mas sim de seu tio.

—E o fez.

—Mas não por ele. Fiz porque o desejava. O desejava o bastante para pôr em perigo minha vida e minha alma.

Renard ficou em silêncio, assombrado de que admitisse um desejo que ele sempre desprezou. O que se sentiria ao aceitá-lo em lugar de negá-lo?

—Acredito em você — disse, embora não desejasse fazê-lo porque significava enfrentar o que mais temia.

"Além do físico".

Ela voltou a olhá-lo, com lágrimas nos olhos.

—Ordenou-me que enviasse Merkin para avisá-lo quando chegasse, mas não o fiz.

Renard recordou tê-la ouvido mandar Merkin à cama.

—Como soube então que eu estava aqui?

—Não confiava em mim, assim pôs dois homens para vigiar a casa. Um foi avisá-lo, o outro é o que você matou — sorriu com tristeza. —Que, além disso, foi o que me atacou na rua, assim ao final me vingou.

—Seu tio ordenou que lhe dessem uma surra? Meneou a cabeça, tentando assimilar tal atrocidade. —Eu pensei que estava aliada a ele.

—E que quisesse vê-lo morto? Quanto deve me odiar.

—Não a odeio — sussurrou, com a certeza de que era assim. — Nunca a odiei, mas não podia confiar em você. Acabava de descobrir que tinha mentido com respeito a seu pai.

—Porque confiava em você tão pouco como você em mim.

Não tinha nada a dizer quanto a isso, não tinha se equivocado ao não confiar nele.

—Mas não foi uma mentira muito grande fazê-lo acreditar que Giles era meu pai — assegurou ao mesmo tempo em que se aproximava do tear, junto a ele. —Giles foi como um segundo pai para mim. Não sei se lhe disse que isto foi à última coisa que teceu.

—Pensei que o tinha feito você.

—Só uma parte. Não se podia vender porque não cumpre as normas da associação, por isso me atrevi a continuar trabalhando nisso quando ele morreu.

—Foi ele quem te ensinou a tecer? Perguntou-lhe Renard com voz suave, consciente agora do pouco que em realidade sabia dela.

—Ele me ensinou isso e quase tudo sobre este ofício, apesar de ser uma garota e, portanto, nunca poderia fazer parte da associação.

—E os seus filhos?

—Não tinha. Por isso me deixou sua parte do negócio.

Renard sentiu lástima por Giles de Vos. Um homem sem filhos, assim como ele era um filho sem pai.

—Acredito que sua peça merece uma boa despedida — desembainhou sua adaga e pediu permissão a Katrine com o olhar. —Cortemo-la e deixemos que descanse em paz.

Ela assentiu. Sem dizer uma palavra, juntos uniram as partes, dobraram-na e ela os guardou no banco do tear. Em todo tempo, Renard podia sentir os batimentos de seu coração, que pulsavam em uníssono com o dela. Foi então que se deu conta de que sentia falta de suas lições e de sentar-se ao tear.

—Katrine, eu gostaria que seguisse me ensinando a tecer.

Ela ficou pensando e Renard desejou que não lhe perguntasse por que queria aprender, porque não teria sabido o que responder.

—Está bem — disse, por fim. —Mas não vou esbanjar a lã cisterciense com você.

Ele fingiu estar decepcionado.

—Não pus em perigo minha vida para ver essa lã tecida por um aprendiz. Não tem algum resto de uma meada francesa?

—Sim — sorriu. —Essa pode destroçar até se cansar.

Renard se pôs a rir ao ouvir suas palavras e, sem pensar sequer, pegou-a pela cintura e a levantou do chão, virando e rindo até que ambos ficaram sem respiração.

Seu coração viveu um momento de felicidade ao pulsar junto ao dela. Como pôde acreditar que era uma espiã?

Uma noite, poucos dias depois, Katrine se retirou da sala da rainha com sua amável permissão. Adquiriu o costume de reunir-se com ela e com as demais damas ao final do dia e o certo era que desfrutava da companhia feminina.

Renard estava muito ocupado com os assuntos de guerra, assim aquela noite tampouco o viu. Pareciam ter alcançado uma frágil paz que fazia com que Katrine albergasse esperanças de que algum dia pudesse haver algo mais.

Estava bocejando quando, de repente, chocou-se com o bispo de Clare em um corredor vazio. Ao agarrá-la depois do choque, suas mãos ficaram muito tempo nos ombros de Katrine.

—Boa noite, lady Katrine. Soube que esteve falando, outra vez, do pecado mortal com as damas da rainha.

A vela que Katrine levava na mão não iluminava muito, mas o suficiente para ver que o olhar do bispo não era o de um homem de Deus. Deu um passo atrás para afastar-se dele.

—Só estavam contentes pela canção que lady Elizabeth estava interpretando ao alaúde — apesar dos sermões de seu tio e da desaprovação da igreja, o certo era que Katrine já não podia considerar pecaminosas aquelas conversas.

Dispôs-se a seguir seu caminho, mas ele voltou a agarrá-la.

—Acredito que deveria confessar seus pecados e eu estaria encantado de escutá-la.

Fazia muito tempo que não se confessava porque não sentia que tivesse que se arrepender pelo que fez com Renard e isso era precisamente o que lhe pediria qualquer padre.

—Obrigada, mas estou acostumada a me confessar na igreja.

—Talvez esteja pensando no pecado neste instante — disse aproximando-se mais e mais. — Veste-se como uma mulher casada, assim suponho que faz o que fazem as mulheres casadas — sussurrou-lhe ao ouvido. —Vi como sorri para Renard. Deixa que a beije? Deixa que a toque? Conte-me isso e me mostre o que faz com ele.

E então lhe pôs uma mão no peito e apertou sua boca contra a dela.

Katrine tentou afastar-se, mas não conseguia movê-lo, assim aproximou a vela acesa de seu rosto. O bispo lançou um grito e a soltou.

A primeira coisa que pensou foi como pôde provocar tal comportamento em um homem de Deus, dando por fato que era culpa dela. Mas ao voltar a olhá-lo se deu conta de que o bispo via a tentação de Eva em qualquer mulher e achava que seus supostos pecados o desculpavam de qualquer um que desejasse muito cometer.

—Agora vou para meus aposentos, Excelência — disse com uma determinação que ocultava o terror que sentia — e fingirei que não o vi esta noite. Ninguém devia saber e muito menos Renard. —Se alguma vez voltar a se aproximar de mim desse modo, irei me confessar, confessarei tudo, incluindo seu nome, ao padre da igreja de Gante.

O bispo a olhou com os olhos acesos pela ira.

—Lamentará me ter ameaçado.

—Só lamento que me tenha obrigado a fazê-lo — passou a seu lado rapidamente, rezando para que não voltasse a tocá-la enquanto lhe dava as costas.

Aquelas insinuações lhe fizeram dar-se conta de que o amor cortês, de que falavam as mulheres, era um amor do espírito, não da carne. Já não vivia em um mundo particular, como quando Renard adormeceu sob seu teto sem que ninguém se inteirasse. Ali, se alguém a via olhá-lo, sorrir-lhe ou falar com ele, não teria a menor dúvida de que tinha pecado.

Sendo uma mulher da nobreza que trabalhava, Katrine vivia ao limite da respeitabilidade. A qualquer um seria muito fácil acusá-la do que quisesse.

Devia estar em guarda.

Alguns dias depois, Renard deixou de lado suas responsabilidades e começou com as lições a plena luz do dia, à vista de todos os que trabalhavam na oficina e na loja. Sem dúvida isso o ajudaria a manter a atenção fixa no tear em lugar de em sua professora.

Logo se deu conta de que Katrine era uma professora exigente. Em lugar de começar a tecer diretamente, antes lhe fez preparar o tear, limpá-lo de fios e passar-lhe um pano com azeite por todos os lugares. A seus protestos, Katrine respondeu com uma explicação contra a qual Renard não pôde dizer nada: aquilo era como aprender a ser um cavalheiro, a pessoa devia começar como escudeiro e saber como cuidar de seu cavalo antes de poder ir com ele à batalha.

—Giles sempre dizia que um cavalheiro do tear tem que conhecer suas ferramentas tão bem como um cavalheiro conhece suas armas — assegurou ela.

Aborrecido, Renard começou a retirar os fios, disposto a conhecer aquele tear tão intimamente como conhecia ela.

Tão intimamente como desejava conhecer a ela.

Passou toda a manhã passando azeite pelo tear e acabou fazendo-o com esforço, pois de verdade queria fazê-lo bem. Inspeccionou cada lugar, cada pedal, cada milímetro de sua estrutura. Enquanto avançava, Katrine se limitava a observar e a assentir de vez em quando em lugar de lhe falar ou sorrir como ele teria esperado.

Ao final do dia, quando ficaram sós, a professora foi revisar seu trabalho e deu o visto bom.

Nesse momento Renard deu por feito que por fim iria tecer, mas Katrine lhe levou uma cesta cheia de lã emaranhada e lhe disse que devia penteá-la bem.

—O tecedor que não conhece bem seu ofício acabará enganado.

Renard pegou a cesta e soprou com resignação.

—Isso também o dizia Giles?

Ela assentiu, sorrindo.

—E não seria mais rápido cardá-la em lugar de penteá-la?

—É claro, mas romperia as fibras.

Voltou a soprar, ao mesmo tempo em que metia as mãos na cesta. Era incrivelmente suave.

—Que lã é esta?

Katrine se afastou para procurar algo e agiu como se não o tivesse ouvido. Renard sentiu um comichão na mão.

—Me deixe adivinhar. Vejamos... — fez uma pausa durante a qual viu Katrine incapaz de conter um sorriso. —É suave, mas forte. Algo suave, forte e emaranhado... estou certo de que com

minhas mãos conseguirei que se desfaça e fique lindo — aquilo a fez ruborizar. —Cisterciense — disse com um sussurro.

—É um aprendiz muito adiantado.

Renard limpou a garganta e se alegrou de estar a sós com ela.

—Então me ensine a converter este matagal nos fios obedientes que necessito.

Katrine voltou para seu lado e ficou tão perto que sua saia lhe roçou o tornozelo. Renard apertou os dentes.

—Pegue o pente assim.

Pôs sua pequena mão sobre a dele, seu peito lhe roçou o braço. Renard passou o pente pela lã com dedos trêmulos. Era muito torpe, ou era a presença de Katrine que o fazia tremer?

—Mais suave ou lhe darei a lã francesa.

Voltou a tentar com mais concentração. Ao olhar o pente se perguntou o que se sentiria ao escovar o cabelo de Katrine.

—Muito melhor — disse ela.

—É que estou imaginando que é seu cabelo.

Foi um prazer ver o rubor que coloriu suas faces ao ouvir isso. Depois franziu o cenho e olhou a seu redor para assegurar-se de que ninguém os ouvia.

—Cale-se ou não haverá mais lições.

Renard sorriu. Suas palavras eram duras, mas sua voz era tão suave como a lã cisterciense.

Capítulo 21

Nas semanas seguintes, Renard parecia confiar cada vez mais nela e vê-la menos. Já não a acompanhava ao trabalho, mas ia receber suas lições sempre que podia e Katrine podia sair da torre a sua vontade.

Mas ela continuava tendo muitas perguntas.

Uma manhã antes de chegar à loja, entrou na igreja em busca de um pouco de paz. Não queria confessar sua indecência ante um padre, assim se ajoelhou e tentou rezar.

Havia-lhe dito que o desejava porque já não podia mentir mais e, com cada dia que passava, desejava-o mais e mais. Mas não se tratava só de seu corpo, desejava estar perto dele e sentir suas carícias, sua ternura.

Uma ternura que ninguém mostraria por uma comerciante de cabelo vermelho. Apesar de tudo, Katrine estava certa de que isso era o que ele sentia.

Desejava também acreditar em seus próprios sentimentos, mas o encontro com o bispo a deixou desconcertada, tinha-lhe recordado que a luxúria era um pecado, a tentação de Satanás.

Olhou às imagens da igreja, procurando alguma que pudesse compreendê-la, mas os Santos eram imagens humanas sem sentimentos humanos, julgavam e não consolavam.

Procurou as imagens femininas. Todas elas eram virgens, nenhuma tinha caído, nem sequer conheceram a tentação.

Exceto Eva.

Eva caiu em tentação, poderia ter dito não à serpente e ter fugido da maçã e do pecado.

Katrine sabia o que se sentia. Recordou o momento no qual, estando na escada, estendeu a mão a Renard até sabendo o que ocorreria se o fizesse.

Isso a convertia em uma pecadora?

No silêncio do templo se perguntou o que teria se passado se Eva houvesse dito não.

Adão e Eva teriam continuado sós para sempre, cada um a um lado da árvore do conhecimento, separados por toda a eternidade. Mas o conhecimento havia dito "sim" ao mistério e provocou a união de duas metades do universo. Por que teria alguém de envergonhar-se de tal conhecimento?

Olhou a um e outro lado por medo de que alguém pudesse ouvir seus pensamentos. Entretanto ao ficar em pé, a ideia voltou à sua mente com convicção. A união física abria um caminho espiritual. Renard havia tocado seu corpo, mas tinha chegado até sua alma. Um desejo que vai além do físico, mais à frente da alma, isso era o que os unia já.

Saiu da igreja impregnada da sabedoria de Eva. As pessoas deviam unir-se e também deviam fazê-lo Renard e ela. Se tivesse paciência, Renard acabaria indo a ela com o tempo.

Mas às vezes o tempo parecia uma eternidade.

Incapaz de distinguir já os fios pela falta de luz, Renard olhou para Katrine, imersa no livro de contas, onde estava anotando os movimentos do dia.

Durante aquelas semanas. Renard colocou no tear a paciência que sempre teve nas negociações. Alguns dias ele se descuidava de suas obrigações, sem questionar-se se o fazia para estar com ela ou para voltar ao tear. Não viu o menor indício que pudesse lhe fazer suspeitar que Katrine fosse uma espiã.

Pouco a pouco deixou de buscá-lo.

Aquela noite era primeira em muito tempo, que ficava a sós com ela. Sabia que era melhor não aproximar-se, não ter que enfrentar à tentação e às perguntas que ainda ficavam por responder entre eles. Mas, quando se encontrava com seus olhos, era muito fácil esquecer-se da mitra de bispo que o esperava na Inglaterra e viver por seu sorriso.

Nesse momento não sorria, levava em cima muitas horas de trabalho.

Renard se levantou, foi até ela e lhe pôs as mãos nos ombros. Ela se sobressaltou e abriu a boca para protestar, mas não lhe deixou fazer.

—Tem que descansar.

—Só um pouco mais.

—Não. Não aponte nada mais. Nenhum dos dois comeu desde meio-dia. A associação proíbe trabalhar nessas condições.

—Sim, mas você não é um tecedor do grêmio — se apoiou nele, contradizendo suas próprias palavras.

—Feche o livro. Vamos para a casa de Van Artevelde. Com um pouco de sorte, haverá algo que possamos comer.

Sentiu como seu corpo se afrouxava. A última vez que a havia tocado assim, tinha-lhe tirado o véu.

Um golpe na porta o afastou daquela lembrança.

—Lady Katrine. Lady Katrine. A rainha.

Afastou as mãos de seus ombros como se queimassem. Ao lado de um bispo não havia lugar para uma tecelã de cabelo vermelho. Não podia permitir que destroçasse tudo o que tanto se esforçara em obter.

Assim que abriu a porta o mensageiro anunciou o motivo de sua visita sem a menor pausa.

—A rainha requer sua presença. O bebê está a caminho.

Katrine pegou sua capa, apagou a vela e começou a lhe fazer perguntas, tudo ao mesmo tempo.

—Foram procurar à matrona? Diga-me se a rainha tem muitas dores. De quanto em quanto tempo?

O moço a olhou, aturdido.

— Não sei milady, só me enviaram para buscá-la.

Enquanto caminhavam pelas escuras ruas da cidade, Renard recordou que Eduardo lhe pediu que cuidasse de sua dama, agora compreendia bem o que isso significava.

—O que sabe de partos, Katrine?

Pegou-lhe a mão.

—Não tanto como uma matrona.

O próprio Van Artevelde lhes abriu a porta. A casa estava muito iluminada para que a matrona pudesse encontrá-la na escuridão. Katrine não perdeu nem um segundo. Ao inteirar-se de que a matrona ainda não tinha chegado, ordenou ao homem que agora governava a cidade que ficasse a esperá-la.

Renard a seguiu, surpreso do modo pelo qual ela se encarregou de tudo. O momento que compartilharam desvaneceu.

Ao chegar aos aposentos da rainha, Katrine se deteve junto à porta e lhe disse:

—Eu gostaria que ficasse. Suas palavras eram apenas um sussurro. —Eu... quero dizer que a rainha poderia necessitá-lo.

Meteu-se no quarto antes de Renard poder dizer que sim.

E não foi a promessa que fez a Eduardo o que fez que ficasse ali.

Capítulo 22

Renard caminhou de um lado a outro junto à porta dos aposentos da rainha, ouvia pouco e via menos. Ouviu a voz ofegante da Philippa ao ver Katrine:

—Ah, veio, querida. Sinto lhe incomodar a estas horas da noite — um grito de dor interrompeu suas palavras.

De repente Renard desejou que sua mãe não tivesse ficado sozinha no momento do parto. Aquela ideia fez com que se detivesse e se apoiasse na parede, tentando pensar.

Em lugar de estar rodeada de damas, certamente sua mãe teve que dar a luz em segredo. Ao inteirar-se de que teria um bebê tantos meses depois da morte do duque, qualquer um teria se dado conta de que o filho não era dele, mas sim era fruto da luxúria.

Mas, e se tivesse sido o resultado de outra coisa?

E se tivesse sido fruto do amor?

Agora lhe era possível imaginar tal coisa, algo que jamais antes teria sonhado.

—Renard? Katrine estava na porta, com os olhos afundados pelo cansaço.

Ele a estreitou em seus braços para poder protegê-la da dor da vida, ela se refugiou nele.

—A matrona chegou? Perguntou, com o rosto apoiado em seu ombro.

—Não a vi.

—Então vá procurar o padre.

Renard se retesou ao ouvir aquilo e se afastou para olhá-la.

—A rainha está à beira da morte?

—Não, mas necessita de apoio espiritual e algo que recorde seu lar. Quanto desejaria que estivesse aqui o rei.

Sua mãe devia ter estado tão sozinha.

—Lady Katrine, pergunta por você. Ao ver Katrine em seus braços, lady Joanna ficou boquiaberta e sua voz adquiriu um tom malicioso. —Se tiverem tempo.

Katrine se afastou dele bruscamente, como se os tivessem descoberto na cama. As duas mulheres se meteram no quarto e Renard foi em busca do bispo.

Encontrar Clare foi uma tarefa mais difícil do que esperava. A pesar da agitação que provocou o parto da rainha, a maior parte dos ocupantes da casa estava dormindo. As camas e colchões enchiam os quartos, mas em nenhum deles achou o bispo, que apesar de seu status, não tinha aposento próprio.

Na cozinha Renard recordou que nem Katrine nem ele tinham comido nada, assim pegou um pedaço de pão e se dispunha a procurar um pedaço de queijo quando ouviu um ruído procedente do diminuto aposento que havia junto à lareira. Foi ali que viu o bispo, nu como Deus o trouxe para o mundo, montando uma moça que tratava de escapar.

Uma moça que tinha os olhos aterrados de Merkin.

A fúria se apoderou dele. Agarrou aquele hipócrita relaxado com o desejo de lhe afundar a adaga no coração. O bispo afastou Merkin como se fosse menos importante que uma casca de laranja. A moça fechou os olhos e deu as costas, envergonhada.

Só um insulto quase abafado recordava a jovem valente que Renard conhecia.

—Quer prová-la, Renard? Ou já a desfrutou como à tecelã?

Anos e anos de autocontrole explodiram dentro dele ao ouvir aquilo. O punho de Renard foi direto ao estômago do bispo, que ficou dobrado ao receber o golpe. Merkin saiu correndo pelo corredor.

—Bastardo — replicou o bispo enquanto Renard respirava com mais calma. —Posso convertê-lo em bispo, mas também posso impedir a nomeação se assim o desejar.

Não havia pensado sequer nisso ao golpeá-lo, mas agora só o detinha pensar na situação em que se achava a rainha.

—A rainha Philippa está em trabalho de parto — lhe disse. —Solicitou apoio espiritual e, que Deus nos ajude, mas aqui é você o único autorizado para dá-lo.

—O parto é o castigo que Deus impõe às mulheres pelo pecado de Eva.

Em lugar de fazer caso daquelas palavras, Renard se afastou dele como se fosse uma serpente.

—Uma última coisa, Excelência — disse, quase cuspidando aquele título. —Se tentar impedir minha nomeação, me verei obrigado a explicar o ocorrido aqui ao Papa e ao rei.

Durante o caminho até os aposentos da rainha, teve que fazer um verdadeiro esforço para não deixar se levar pelo desprezo que sentia por aquele homem. O certo era que, cada vez, custava-lhe mais controlar suas emoções. Não era de estranhar que, às pessoas comuns, custasse tanto cumprir os mandamentos quando havia tantos chefes espirituais que faziam caso omissos deles.

Ele nunca faria algo assim, prometeu Renard uma vez mais. Já tinha mentido muito. Deteve-se frente à porta dos aposentos de Philippa. A voz do Katrine, procedente do interior, serviu para acalmá-lo:

—Não deixavam de chegar presentes para honrar a beleza e a sabedoria da rainha. Mas examinando os presentes a rainha não viu nenhum de Renard a Raposa e se perguntou por que.

Era a voz de Katrine, mas as palavras eram de Renard.

Nunca teve certeza de que tivesse escutado seu relato em todas àquelas horas de silêncio e imobilidade durante as quais Renard tentou fazê-la voltar para o mundo dos vivos. Entretanto, agora Katrine estava recriando a paz que, sem dúvida, tinha encontrado naquele conto.

O bispo, que caminhava como se tivesse muito tempo montando a cavalo, passou junto ao Renard sem dizer nada e entrou no aposento.

—Alteza, estava imerso em minhas orações. Vim assim que me inteirei.

Katrine saiu à porta. Havia tirado o véu e uma trança acobreada caía sobre seu peito.

Renard não quis lhe dizer nada sobre Merkin, para não acrescentar mais peso à carga que já suportava. O que fez foi lhe dar o pão, que ela aceitou de bom grado.

—Recorda a história — disse ele.

Renard soube pelo modo em que ruborizaram suas faces que recordava muito mais que isso, tudo o que tinha acontecido depois.

—Mas nunca me contou o final. Onde acharam a bola de cristal que permitiria à rainha ver a verdade?

"A raposa mentiu. Tudo o que te contei era mentira". E tinha sido uma mentira deixar que albergasse esperanças, que ambos o fizessem.

—Katrine...

A voz da rainha os interrompeu, reclamando sua presença com evidente dor.

Renard passou os seguintes minutos ali só, escutando tudo que podia do que acontecia dentro. Ouviu as rezas em latim de Clare, mas o que escutou com mais atenção foram às palavras de consolo de Katrine. Devia estar junto à rainha, lhe agarrando a mão ou lhe secando o suor da fronte.

Sentiu-se profundamente orgulhoso dela, uma mulher que nunca deu a luz e que, de algum modo, tinha encontrado as palavras adequadas para consolar à rainha.

Ele também teria necessitado de algum consolo. Os pecados do bispo, os olhos aterrados de Merkin, as dúvidas sobre seu próprio nascimento e seus sentimentos por Katrine provocavam uma grande tormenta dentro dele.

Um grito rompeu em duas, aquela fresca noite de março.

Uns minutos depois apareceu Katrine com o cabelo alvoroçado. Um luminoso sorriso decorava seu rosto e em seus braços, descansava um bebê perfeitamente são.

—Pensei que queria ver o novo príncipe — sussurrou.

Renard se emocionou ao vê-lo, mas já não pôde afastar o olhar de seus olhos cansados, embora felizes, de Katrine. Estreitou-a em seus braços e ao menino com ela.

Isso era o que ele queria em sua vida. A ela. E um filho dos dois. Desejava-o de um modo como nunca havia desejado o título de bispo. Com uma intensidade com a qual nunca se permitiu desejar nada.

Katrine o olhou e acariciou a face do bebê.

—Estou tão cansada que não sei se vou poder subir a escada sozinha. Se Merkin não estivesse a tanto tempo dormindo, iria pedir-lhe que me ajudasse a me despir.

O nome da moça lhe fez voltar a sentir toda a dor que viu em seus olhos. Tinha que dizer-lhe.

—Katrine, se a rainha pode prescindir de você, Merkin a necessita.

—Não está dormindo?

—Quando encontrei Clare, estava com Merkin.

—Com ela? Quer dizer...?

Renard assentiu.

Katrine lançou um grito abafado, entrou a toda pressa para deixar o bebê e saiu correndo em busca de sua fiel criada.

Ele a deixou ir. Naquele momento havia pouco que pudesse fazer um homem.

Katrine procurou freneticamente Merkin por todo o edifício, inclusive pelo jardim. Finalmente optou por voltar para a torre, embora soubesse do medo que a moça tinha da escada, mas já tinha olhado em todas as partes sem nenhum êxito.

Pela janela viu que o céu começava a clarear com a chegada do novo dia e a cidade estava despertando, iniciava a atividade, deixando atrás os frios meses de inverno para confrontar a nova estação.

Uma nova vida.

Doía-lhe todo o corpo e precisava descansar. Deu-se conta de que o que realmente desejava era descansar nos braços de Renard. Durante toda a noite esteve lá, esperando pacientemente. Isso era o que Katrine queria saber, que ele estaria sempre ali. Queria estar com ele como esteve naquela noite, mas com um filho que fosse de ambos.

Afastou-se da janela e ao mover a cabeça para afastar aqueles pensamentos notou que lhe faltava o véu. Nem sequer sabia quando o perdeu.

Tinha que achar Merkin. E se o bispo tinha deixado uma semente em seu ventre?

—Milady?

A voz de Merkin chegou fracamente de um canto do aposento. Ao ver a angústia refletida em seu olhar, Katrine correu a abraçá-la e a moça pôs-se a chorar, seu corpo inteiro parecia romper com cada soluço.

Como era possível que o mesmo ato pudesse causar tanta alegria à rainha e tanta dor a pobre Merkin?

"Porque não é o mesmo ato", ouviu a resposta de Eva. *"Um é um ato de amor e o outro não".*

Escutando o pranto de Merkin e tratando de consolá-la, Katrine se sentiu mais velha e mais sábia do que teria desejado.

Passou os seguintes minutos tratando de convencer à moça de que ela não fez nada de mau. Ninguém se inteiraria de nada.

—E ninguém notará? Perguntou Merkin, um pouco mais tranquila.

—É estranho, mas há coisas que nos mudam por dentro e, entretanto não se notam por fora.

—Mas terei que me confessar.

—Não — respondeu Katrine imediatamente, pensando em seus próprios pecados. —O pecado é do bispo, não seu. Precisava fazê-la ver o futuro com esperança. —Amanhã começará a aprender a dirigir a roca, assim terá um ofício e poderá fazer sua própria vida junto a um jovem aprendiz — já fazia tempo que Katrine observara como se olhavam Merkin e o jovem Jan. Possivelmente fosse o momento.

Aquilo fez sorrir à moça e também ruborizar. Katrine seguiu abraçando-a até que ficaram adormecidas apesar da luz e o ruído da manhã que entravam pela janela.

Algum tempo depois, entre o sonho e a vigília, Katrine viu Renard, ainda vestido com a roupa do dia anterior.

—O que faz aqui? Perguntou-lhe.

—Já não aguentava mais ficar longe daqui.

Capítulo 23

Esquecendo-se de dormir, Katrine se levantou na cama sem saber bem o que teria levado Renard até ali.

—Que horas são? Onde está Merkin?

—Mais de meio-dia. Merkin foi comer algo.

—E a rainha?

—Descansando — lhe pôs um dedo sobre os lábios antes que pudesse seguir perguntando.

—E a loja pode ficar fechada todo o dia — suas mãos a empurraram suavemente para que voltasse a se deitar. —Subi a escada, *ma petit*. Não há ninguém mais aqui, em nosso mundo.

Katrine lhe acariciou as sobancelhas e as pálpebras, tentando adivinhar seus pensamentos. Por fim vinha até ela?

—O que vê em sua bola de cristal, Renard?

—A você.

Aquelas duas palavras a deixaram sem fala.

—Uma vez disse que éramos Adão e Eva em sua última noite no mundo — lhe recordou. — Não poderia ser esta nossa primeira noite?

A emoção e a ânsia de dizer sim a deixaram sem fôlego suficiente para dizê-lo.

Renard se deitou junto a ela e deixou que apoiasse à cabeça em seu peito, pondo a mão sob a cintura, como se fosse um lugar sagrado. Adorou-a com suas mãos, acariciando-a através da lã do vestido e acendendo o fogo dentro dela.

Katrine tocou sua túnica com mãos impacientes, tentando descobrir de novo aquele corpo no qual não havia deixado de pensar.

—Me deixe tocar sua pele, por favor.

Não se fez rogado, em seguida tirou a túnica e a camisa e Katrine pôde perder-se em seu peito, no toque do pelo que o cobria.

—Cisterciense? Perguntou-lhe, esboçando um sorriso.

—Melhor ainda — sussurrou ela, acompanhando suas palavras com um beijo. —A merina mais perfeita.

Renard a abraçou como se pudesse fundir em um só ser, pele contra pele.

—Eu também quero tocar sua pele — disse ele.

Virou-a e lhe tirou muito devagar o vestido enquanto lhe beijava o pescoço e a nuca. Seus seios ficaram nus e Katrine os cobriu com repentino acanhamento.

Ele a abraçou com força, estreitando-a contra seu peito e lhe pôs uma mão em cada seio. O toque de seus dedos nos mamilos foi avivando seu fogo até deixá-la ofegante. Então já não pôde mais e se voltou para poder olhá-lo nos olhos, tão ardentes e ternos como suas mãos.

Ele a ajudou a se desfazer de toda a roupa e voltou a deitar-se junto a ela, que abriu os olhos e subiu os quadris, recordando o êxtase que lhe deu da outra vez e desejando voltar a senti-lo. Acariciou-o com a mão.

Desejava-o com todas suas forças, mas era um sentimento completamente novo e maravilhoso. Percorreu seu membro suavemente, cada movimento de sua mão lhe arrancava um gemido e o fazia estremecer.

Ele respondeu a sua carícia de igual modo, acariciando-a até a loucura. Katrine era uma espécie de vazio úmido e ardente que ele devia encher.

Deitou-se sobre ela, pegou-lhe o queixo e a obrigou a olhá-lo.

— Desta vez não haverá retorno — disse com voz rouca.

Ela se entregou por completo. Abriu as pernas e o conduziu até o centro de seu ser. Sentiu-se completa ao tê-lo dentro de si. Juntos começaram a mover-se como se fossem um só.

Cada movimento, como o da lançadeira, unia-os como se ela fosse um urdimbre⁵ e ele a trama. De repente, todo seu mundo era ele e aquela maravilhosa sensação.

Quando chegou o momento, só teve forças para afogar o grito de prazer contra seu pescoço.

Não achava palavras para agradecer à Eva por seu pecado.

Aninhada em seu peito, sentiu-se completamente unida a ele como uma malha bem feita, no qual não se distinguem os fios, uns fios que não poderiam separar-se salvo cortando-os.

— Quero escovar-lhe o cabelo — sussurrou ele bastante tempo depois. — Como me ensinou a escovar a lã.

— Teria que achar a escova — disse, afundando o rosto no calor de seu peito. — E estou muito confortável para me mover.

— Então fica em meus braços e eu a levarei. Em seguida ficou em pé e a levou nos braços até onde indicou.

Com um sorriso de satisfação, que Katrine não tinha visto nunca em seus lábios, Renard a levou ao baú. De repente sentiu que seus braços se retesavam e que todo seu corpo ficava rígido. Tinha o olhar cravado na escova e em seu espelho de prata, que descansava a seu lado.

— O que lhe ocorre, Renard?

— Esse espelho. De onde o tirou?

— Giles me deu de presente. Por quê?

Deixou-a suavemente no chão. Fora do círculo de seus braços, Katrine em seguida sentiu falta do calor de sua pele.

— De onde o tirou ele? Seguiu perguntando, sem afastar a vista do espelho nem um instante.

⁵ Conjunto de tópicos colocados em paralelo no tear para formar um tecido

—Que eu recorde, sempre o teve. Pegou-o com carinho. —Costumava pôr isso em frente para que eu visse "*quão especial é Katrine*" — ela fez o mesmo com ele, mas dessa vez o vidro não refletiu sorriso algum.

De repente viu-o pegar uma adaga entre suas roupas. Katrine o olhou e sentiu que o coração subia à garganta, parecia que a loucura tomou conta dele e fosse matá-la por seu pecado.

Mas o que fez foi tirar o espelho de suas mãos, deixá-lo de barriga para baixo sobre o baú e colocar a seu lado a adaga.

Era uma adaga com o punho de prata e uma margarida de quatro pétalas gravada nela. Katrine traçou aquele desenho que tinha aprendido de cor de tanto vê-lo no espelho.

—O que quer dizer isto? — perguntou inquieta.

—O que tem diante de você é um conjunto que o rei Eduardo, o avô do atual rei, deu de presente a sua filha, Margaret Plantageneta quando se casou com o duque de Brabante.

Aquelas palavras, que não conseguia compreender bem, provocaram-lhe um calafrio.

—Por que você tem a adaga?

—Porque Margaret era minha mãe.

Isso queria dizer que era primo do rei Eduardo.

—Então é filho do finado duque de Brabante e irmão do atual duque John. Apesar de estar dizendo-o, sabia que não era verdade.

A amargura inundou o rosto do Renard.

—Minha mãe estava há doze meses viúva quando eu nasci.

E se não era filho do duque, quem era seu pai então?

Aproximou-se um pouco mais dele e tomou a mão, que caiu sobre a sua como uma pedra. Pronunciou aquelas palavras muito devagar, como se assim não tivesse que enfrentar à verdade.

—Por que Giles tinha uma parte do presente de bodas da duquesa? E por que tem você a outra parte?

—Porque Giles era o amante de Margaret! E também era meu pai.

Capítulo 24

Katrine olhou uma vez mais o espelho e a adaga.

—Sua mãe deu o espelho de Giles.

O espelho decorado com a margarida de quatro pétalas, a imagem que Giles adaptou para que se convertesse na marca do tecido que produzia na oficina.

—Margaret — sussurrou. —Pôs seu nome na loja e no tecido, Margarida.

Em honra à mãe de Renard, que se apaixonou por um tecedor e lhe deu um filho. Se alguém se inteirasse de seu pecado, teria sido rechaçada por todos.

Os braços do Renard já não lhe ofereciam nenhum calor. Katrine se sentiu nua de repente. Necessitava de sua roupa para proteger-se do frio.

Do frio que desprendia o olhar do Renard.

Ele nem sequer se virou para olhá-la quando foi colocar o vestido, seguia observando o conjunto de objetos de prata como se esperasse que falassem.

Ao voltar, Katrine o olhou de uma nova perspectiva: de repente lhe pareceu que era a imagem exata de Giles, exceto pela altura e os olhos azuis que tinha em comum com seu primo Eduardo.

Mas tinha o mesmo cabelo castanho, as mesmas mãos fortes que Giles.

—Sua mãe deve ter amado muito Giles — sentiu afinidade com aquela mulher que também tinha amado a alguém que não devia.

—Deveria ter controlado sua luxúria — disse ele com uma voz tão fria como a prata, despojada da alegria que havia provocado nele sua união.

—E se em meu ventre crescesse seu filho, também me culparia?

Seus olhos brilhavam agora não com amor, mas com o fogo do inferno.

—Culparia a mim mesmo.

Katrine desejava abraçá-lo, envolvê-lo em seu amor, mas era evidente que a ferida estava muito fresca. Simplesmente lhe pegou as mãos e as esfregou com as suas. Ele recebeu a carícia em silêncio.

—Não pode se culpar, nem tampouco deveria culpá-la.

Não se afastou dela, deixou que Katrine continuasse traçando com a ponta do dedo as linhas de sua mão enquanto sentia como se afastava, como se rompia o fio que os unia. Sentiu pânico de que isso pudesse acontecer.

Renard devia acreditar no que tinha ocorrido entre eles para perdoar-se a si mesmo. E a ela.

—Eu acredito que o amor era sua verdade — disse, em um sussurro que era quase um beijo. —Também é a nossa.

Abraçou-se a ele, procurando seu calor, com a esperança de chegar a ele com as carícias já que não podia fazê-lo com as palavras. Nem seus olhos nem seus lábios responderam a princípio, mas logo, com um gemido de animal ferido, apertou-a contra seu peito e a beijou.

Ela também o beijou como se o amanhã não existisse.

Com as badaladas da tarde, Renard olhou os rostos de todos os que ali estavam reunidos, em um novo conselho para tratar o tema da guerra. Sentiu-se perdido, imerso em sombras que a luz não conseguia chegar.

Como sempre temeu, era exatamente igual a sua mãe, tinha a mesma debilidade.

Talvez tivesse sido à noite sem dormir ou a vontade de apagar de sua mente a terrível imagem do bispo com Merkin. Ou talvez fosse ter visto Katrine com um bebê nos braços o que lhe fez acreditar, por um momento, que poderia ter uma vida como a de qualquer outro homem. Fosse como fosse, o caso era que a paixão que sempre soube controlar, fazia com que atirasse toda sua vida pela amurada. A loucura que havia o trazido para o mundo seguia correndo por suas veias.

Entretanto, ao mesmo tempo, tinha a sensação de que algo se encaixou por fim. Durante todo aquele tempo em Gante, viveu na casa de seu pai sem saber, e tinha aprendido seu ofício. Sentiu que lhe ardiam os olhos.

Eram lágrimas? Mas não tinha a que atribuí-las. Descobriu quem era seu pai depois de viver durante anos sem um nome. Sem dúvida isso deveria fazê-lo sentir-se feliz.

Mas, qual era a verdade que escondia a união do espelho e da adaga? Seria uma prova de amor ou um pagamento em troca de silêncio?

O que não deixava de lhe surpreender era que teria tornado a se unir a Katrine, uma vez mais, se não tivessem ido avisar lhe da celebração do conselho. Ainda levava seu aroma nas mãos e, quando falava, sentia seus lábios lhe roçando a boca. Cada momento que passava com ela fazia que tivesse mais dúvidas a respeito se poderia tomar os votos de bispo. Como poderia fazê-lo se nem sequer podia respeitar os votos que fizera a si mesmo?

Se não podia ser bispo, o que poderia ser o filho bastardo de um tecedor? Nada. Não teria nada que oferecer à Katrine. Nem terra, nem título, nenhuma vida.

Tentou concentrar-se olhando aos que o rodeavam, procurando oponentes e aliados. A guerra entre o Eduardo e Felipe se aproximava, o propósito daquela reunião era avaliar a situação. A avaliação se aproximava, cada vez mais, ao pânico porque o rei Felipe tinha dez mil homens e eles poderiam reunir apenas a metade dessa quantidade.

Van Artevelde falou diretamente com ele, como se não houvesse ninguém mais ali. Em sua frente havia suor que não brotava pelo calor. Aquele homem aceitou a palavra de Renard e tinha posto o futuro de Flandres nas mãos de Eduardo, curiosamente ausente. Agora era Renard quem devia responder por ele.

—As tropas de Felipe queimaram um feudo do irmão da rainha — disse.

—Arrasaram tudo, o castelo, o povo, os campos, inclusive a abadia — relatou com preocupação. —Só as irmãs conseguiram escapar das chamas. Precisamos das tropas do rei Eduardo.

Aquilo pareceu a Renard um pedido pessoal a que tratou de responder deixando de lado a preocupação que ele mesmo sentia a respeito.

—Tem que reunir um exército e depois cruzar o canal — disse com voz firme, embora suas mãos desejassem sentir o ritmo estável do tear. —É necessário tempo.

—Um tempo que não temos— insistiu Van Artevelde. —Os homens de Felipe estão a pouca distância daqui. Se cair algum dos castelos que os separam daqui, poderiam alcançar as muralhas de Gante.

Renard olhou o irmão da rainha, veterano de muitas batalhas.

—Os outros castelos estão preparados para defender-se?

—Todos exceto Douvre. O vassalo ainda não assegurou sua aliança com o Eduardo e tenho dúvidas de sua lealdade.

Fez-se um tenso silêncio na sala.

—Leve nossas tropas e se mantenham afastados de Gante até que Eduardo retorne.

Esperava que ocorresse logo. Ao mesmo tempo em que fazia essa prece, voltou a pensar em Katrine. Agora conhecia seu pior segredo e mesmo assim o aceitava.

Mas não, não era o pior.

O pior segredo era que não lhe tinha contado que, logo, se converteria em bispo.

A menos que tivesse alguma outra coisa que lhe oferecer, devia deixar de sonhar ter filhos com ela.

Não devia voltar a tocá-la nunca mais.

Renard não voltou a tocá-la e Katrine não conseguia compreender por que.

Mal ia para a loja e, quando o fazia, retirava-se ao tear e o dirigia como se Giles guiasse suas mãos. Quase não falava com ela e rara vez a olhava, mas se o fazia, Katrine já não sabia o que via nele. A princípio pensou que estava lutando contra seus próprios demônios, era lógico depois de ter descoberto, de maneira tão repentina, quem era seu pai. Como pôde suportar sozinho aquele segredo durante tantos anos?

Por isso, cada vez que tinha oportunidade, tentava lhe dizer quão maravilhoso era Giles e quão valente foi sua mãe, mas, quando ouvia aquilo, Renard dava meia volta e guardava silêncio, inclusive quando Katrine lhe pegava na mão ou apoiava o rosto em seu ombro enquanto Merkin e o jovem Jan se falavam em sussurros em algum canto.

Com o tempo, Katrine deixou de lhe falar de Giles e de Margaret.

Depois decidiu que o que o preocupava era a guerra. O conselho passava horas e horas reunido. Os exércitos avançavam e o rei Eduardo havia deixado a defesa de Flandres nas mãos de Renard, o que era para ele uma honra e uma tremenda responsabilidade.

Katrine ficava acordada todas as noites, esperando que acabassem as reuniões se por acaso Renard fosse vê-la, mas isso nunca aconteceu.

Finalmente, não restou mais remédio que aceitar o que deveria ter sabido desde o começo.

A culpa do distanciamento de Renard não era por sua origem nem a guerra.

A culpa era sua.

A princípio só desejou uma noite no paraíso, mas depois esperou poder desfrutar de toda uma vida com ele. Com um homem que conhecesse a cor de seu cabelo, suas mãos fortes de trabalhadora e seus desejos como mulher e mesmo assim continuasse amando-a.

Que idiota foi.

Assim que a viu descontrolada pela paixão, tinha sentido rejeição por ela. Seu tio sempre lhe havia dito que nenhum homem a queria.

Mas não, não poderia aceitá-lo. O amor que tinha visto em seus olhos era real até que viu o espelho e tudo mudou.

Não achava respostas a aquele terrível mistério.

Assim, dedicou seu tempo a ensinar Merkin a fiar e quando as irmãs Coster lhe pediram permissão para levá-la a casa e lhe ensinar a usar a roca, Katrine aceitou com satisfação. Ao menos Merkin tinha futuro.

E esperança.

Entretanto, apesar de tudo, Katrine também albergava uma pequena esperança.

Um dia da primavera, já tarde, Renard entrou na loja e foi sentar-se ao tear. Katrine tentou entabular conversa com ele, mas o mais que fazia era assentir ao que lhe contava.

O cansaço e a tensão deixaram um rastro em seu rosto. Katrine não pôde resistir à tentação de aproximar-se e lhe acariciar a face. Ele afastou o rosto, mas Katrine não se rendeu, começou a lhe esfregar os ombros, tentando descarregá-los um pouco da tensão.

—Algo o tem preocupado.

—Ce n'est rien⁶ — murmurou ele sem sequer olhá-la.

—Diz que não é nada, mas minha bola de cristal me diz que sim que há algo.

—Vê muito de mim nessa bola de cristal.

"Porque você me permite isso", pensou e instantaneamente se deu conta de que era assim. Aquele homem, que não deixava que ninguém visse o que havia sob sua máscara e sua armadura, tinha deixado que ela o visse tal qual era. "E porque o amo o bastante para reconhecer o que você deixa que veja".

Tirou-lhe uma mão do ombro e a levou aos lábios.

—Espero não ter que enfrentar você nunca na mesa de negociações.

Katrine jogou ambos os braços ao pescoço e lhe sussurrou ao ouvido.

—Já o fez. Consegui que me vendesse três sacos de lã a vinte libras de ouro o saco — não riu como ela esperava, mas tampouco se afastou assim Katrine aproveitou o primeiro momento a sós que compartilhavam nas últimas semanas. —Está preocupado e cansado.

Finalmente, Renard deixou cair a cabeça sobre o ombro de Katrine.

—Sim, estou preocupado e sim, estou cansado — disse com um suspiro e logo seguiu falando como se já não ficassem forças para conter as palavras. —Há milhares de tropas francesas avançando para nós, que só contamos com a metade de homens. O castelo seguinte com que vão se encontrar é Douvre, cujo vassalo não é muito confiável. Os aliados começam a se inquietar porque Eduardo ainda não retornou e eu não posso lhes prometer nada porque não sei quando voltará — se voltou para olhá-la nos olhos. —Quantas mais preocupações está disposta a compartilhar comigo?

Sua confiança era um precioso presente para ela.

—Todas as que você tenha.

"Então é a guerra e não a mim". Sem dúvida agora lhe falaria sobre o futuro. Mas não foi assim. Renard fechou os olhos e se levantou bruscamente. O momento tinha passado.

—Deveríamos ir.

Katrine o seguiu para a porta, enquanto pedia a Eva que lhe desse paciência.

Com certeza, quando a guerra terminasse falaria do futuro.

⁶ Não é nada

Capítulo 25

Cotovelo com cotovelo com tintureiros, tecedores e tecelões de Gante, Katrine ocupou um lugar ao fundo da igreja para presenciar o batismo do pequeno príncipe John em uma gloriosa manhã de verão.

O povo recebeu de bom grado a distração. As tropas do rei francês se achavam já a poucos dias das muralhas de Gante.

Renard estava junto à rainha, frente ao bispo de Clare. Enquanto lhe acariciava mentalmente as costas, Katrine desejou ter nascido junto a ele em outro tempo e em outro lugar onde não houvesse preocupações, onde não houvesse guerras.

Merkin a saudou de longe com um sorriso que Katrine recebeu com alegria, era muito gratificante ver que já podia sorrir estando no mesmo lugar que o bispo. Parte disso era responsabilidade do jovem Jan, com quem cada vez passava mais tempo e certamente muito em breve, passaria ainda mais. Ao menos eles poderiam ser felizes.

Todos os olhares estavam postos no altar enquanto o bispo fazia o sinal da cruz na testa do pequeno príncipe, limpando-o do pecado de Adão.

Justo então sentiu que uma mão lhe pegava o braço com força. Ao virar-se se encontrou com os olhos injetados em sangue de seu tio.

—Tio — sussurrou ao tempo que um suor frio lhe molhava as mãos. —Como lhe ocorreu passear entre as pessoas de Gante?

Seu tio fugiu junto ao conde e seus seguidores para unir-se às filas do rei Felipe e lutar contra os cidadãos de Gante. Se alguém o reconhecesse, o fariam prisioneiro de maneira imediata. Mas era difícil fazê-lo vendo-o disfarçado com aquela capa com capuz e em meio de uma multidão concentrada na cerimônia.

—Vim falar com você, Mary — sussurrou sem soltá-la.

"Acredita que sou minha mãe. Ficou louco".

Entretanto Katrine não gritou quando começou a puxá-la para fora. Não podia condenar o irmão de seu pai à morte.

Com certeza se falasse tranquilamente com ele, partiria. Ou poderia escapar dele quando saíssem à rua.

Mas em lugar de levá-la à rua a arrastou até a cripta da igreja. Ali ninguém a ouviria gritar. Seu tio a pôs contra a parede de pedra e Katrine sentiu o aroma de vinho que desprendia sua respiração.

—Por favor, tio. Sou Katrine. Estamos na casa de Deus.

—O mesmo Deus que a castigará por romper a promessa da família e servir ao rei Eduardo.

Katrine apertou com força a lã de seu vestido. Ao menos sabia quem era.

Acreditou-se livre de seu tio quando tinha fugido da cidade, mas agora via como estava longe de ser assim.

—Mas pode se redimir — disse, aproximando-se mais dela. —Diga-me quais são os planos do Eduardo. Quantos homens ele tem? Quando pensam atacar? Onde? Diga-me tudo o que sabe.

"Jamais".

Em outro tempo não lhe importou nada os reis, mas agora lhe importava a família de um rei em concreto. Importava-se com a rainha Philippa, que a chamava compatriota, e o príncipe John, a quem tinha visto nascer.

E Renard.

Seu tio achava que era uma mulher estúpida, assim deixaria que seguisse acreditando que o era.

—Só sou uma mulher — encolheu os ombros e rezou para que ele não se desse conta de que estava tremendo. —Eu não sei nada da guerra.

—Mas vive na mesma casa que os que governam a cidade. Coloque-se na cama de algum deles e averigue tudo o que possa. Não terá nenhum problema, já o fez antes.

—Não — tentou escapulir de seus braços, mas a retinha com muita força.

—Faça-o ou lhes direi que o fez.

—Ninguém vai acreditar em você. É um traidor no exílio.

—Acreditarão em mim quando lhes disser que armou uma armadilha para àquele inglês.

Ficou tão gelada como a pedra contra a que estava. Agora Renard acreditava em sua inocência, mas se alguém a acusasse continuaria acreditando nela?

Não importava. Jamais poderia traí-lo.

—Não penso fazê-lo.

Por um momento acreditou que ia matá-la, mas em lugar disso, ficou olhando-a fixamente.

—Muito bem. Deus a castigará.

Então deu meia volta e partiu.

Katrine caiu de joelhos ao chão. Primeiro sentiu alívio, mas em seguida começou a perguntar-se o que seu tio faria agora. O que aconteceria se ele a acusasse de espionar?

Renard já o tinha acreditado uma vez, voltaria a fazê-lo?

Não. Com certeza que não. Aconteceram muitas coisas depois, tinha compartilhado com ela suas preocupações, foi sincero e aprendeu a confiar nela.

Levantou-se do chão e saiu da cripta. Contaria a Renard, ele saberia o que fazer.

Katrine se uniu à celebração na casa de Van Artevelde e, em seu devido momento, aproximou-se para felicitar a rainha com a intenção de falar com o Renard assim que pudesse.

A rainha Philippa estava resplandecente e, ao vê-la, tomou a mão entre as suas e recebeu sua felicitação com amabilidade.

—Querida minha, não sei como teria sobrevivido àquela noite sem você.

Katrine sorriu também.

—Me alegro de ter podido lhe servir de ajuda.

Atrás da rainha, lady Joanna tinha nos braços o pequeno.

—Meu filho será sempre John de Gante e me assegurarei também de que conheça o nome da fiel amiga que esteve ao meu lado durante seu nascimento — seu olhar se dirigiu então a Renard. —Renard, nós também devemos a você este grande dia — disse e, logo, aproximou-se um pouco mais dele para lhe comunicar algo com certo segredo. —Ontem tive notícias do Eduardo. O rei anunciará sua nomeação como bispo do Norwich antes do Natal.

Katrine ficou convertida em pedra ao ouvir aquilo.

Renard havia voltado a enganá-la uma vez mais.

Jamais acharia consolo nele. Não podia lhe confiar seu segredo depois de ter ocultado algo tão importante, algo que fazia que todas suas esperanças parecessem estúpidas.

Não podia olhá-lo nos olhos. Foi uma idiota ao acreditar que podia ver a verdade neles. Enganara a si mesma ao acreditar que poderia desejá-la por esposa.

Na realidade desejou o mesmo que o bispo, e ela o tinha dado com gosto. Olhou para suas mãos fortes, as mãos que acariciaram o centro de seu ser, as mesmas que pegariam logo a hóstia consagrada, o corpo de cristo. Renard não seria melhor bispo que Clare.

A rainha olhou então para Katrine.

—Devo lhe dizer Renard, que cada dia tem menos aspecto de bispo.

A raiva estalou dentro dela. Raiva dele por tê-la feito sua e não ter contado. Raiva de si mesma por haver permitido e ter esperado algo mais. Já não aguentava mais. Não poderia continuar ali. Afastou-se tão rápido como pôde.

Com sua habilidade de sempre, Renard pediu desculpas à rainha e foi atrás dela.

—Parece-me que deveríamos ter esta conversa em um lugar mais privado — disse quando por fim a alcançou.

—Não necessito privacidade para felicitá-lo por tão importante nomeação — respondeu com toda a ironia de que era capaz. —Suponho que se esqueceu de me dizer isso, embora seja estranho esquecer algo assim. Continuou falando enquanto subia a escada da torre, com ele seguindo-a tão de perto que Katrine podia sentir seu aroma.

Ao chegar acima e ver a cama sentiu que lhe fraquejavam as forças. Pôs-lhe a mão no ombro.

—Não me toque — lhe disse com fúria.

Mas Renard seguia tocando-a com o olhar embora suas mãos não a roçassem.

—Toco-a só a olhando.

Katrine esmagou o desejo que sentia por ele. Em seus braços tinha chegado a esquecer sua vergonha, convertera-se em um novo e glorioso ser. E agora o odiava por isso, por arrebatá-lhe tudo.

"Ai. Eva é isto o que se sente ao ser expulsa do paraíso por fazer algo que nem sequer sabia que era ruim?"

—Estranhas palavras para alguém que está a ponto de converter-se em bispo. Devo discordar da rainha, acredito que tem todo o aspecto de um bispo. O mesmo aspecto que o bispo de Clare.

Ao redor dos lábios se formaram umas rugas que expressavam sua dor, mas Katrine seguiu se aprofundando na ferida, pretendia que, cada palavra, rompesse um a um, os fios que os tinham unido até que a malha ficasse destrocada como o tecido de Giles.

—Parece que dentro das obrigações dos bispos ingleses está o conhecimento carnal das mulheres flamengas.

—Não é isso o que há entre nós — ele assegurou, com voz profunda.

—Isso diz agora, mas na realidade tinha razão desde o começo. Fui eu a única que falei da verdade do amor — tinha um nó na garganta que mal lhe permitia pronunciar aquelas amargas palavras. —O que fizemos não foi mais que o que fazem os animais no cio.

Renard deu um passo para ela.

—Isso não é verdade.

—Verdade? — repetiu com uma gargalhada. —É muito tarde para a verdade, querido amigo. Pedi-lhe isso muitas vezes — deteve-o com um olhar. —Entre nós não há verdade que valha já. Tinha que seguir falando se não quisesse ficar sem forças para fazê-lo. Queria lhe fazer mal, queria que sofresse tanto como ela, queria que lamentasse ter compartilhado seus segredos tanto como lamentava ela lhe haver confessado os seus.

—Deve ser uma honra para um bastardo converter-se em bispo. Sua mãe se alegraria de que seus devaneios com um tecedor não lhe tenham impedido isso.

O controle do Renard se quebrou como o cristal. Seu rosto deixou entrever a raiva, a vergonha e a culpa.

Com um grito de animal ferido, lançou-se sobre ela.

Caíram juntos sobre a cama. Katrine perdeu o véu e o cabelo se esparramou livremente sobre os lençóis como se fosse sangue, sentiu seus braços rodeando-a e seu calor. Mas também sentiu a adaga da margarida na garganta e, por um momento, não soube se ia matá-la ou lhe fazer amor.

Se fizesse amor, não poderia suportá-lo.

—Agora que já me ensinaste a pecar, me instrua também no castigo que impõe a igreja.

Capítulo 26

Não foi suas palavras que fizeram Renard voltar a si. Foi o toque de seu cabelo nos dedos.

Tinha-a entre seus braços e a via respirar com calma. Como se não temesse a morte. Nem tivesse medo dele.

Ele, entretanto tinha frio.

Katrine tinha posto sal em todas suas emoções até levá-lo à beira da loucura, até fazê-lo perder a razão.

Poderia tê-la matado.

Tinha menos aspecto de bispo porque o fez homem. Fraco. Mortal. Um pecador que tinha utilizado os pecados da carne para salvar sua alma. E isso lhe ocasionou a terrível dor que sempre temeu.

Afastou-se dela só um pouco para não sentir seu aroma. Tinha-lhe confiado seu maior segredo e ela se serviu disso para atacá-lo.

Apartou também a adaga de sua garganta muito devagar, mas o fio roçou uma dobra do véu e rasgou a fina malha de lã branca.

—O véu... não pude... sinto — disse com culpa e pesar, como se acabasse de cometer uma transgressão maior que a de lhe pôr a adaga na garganta.

Ela se levantou na cama e lhe deu as costas. O cabelo caía sobre suas costas como fios de sangue que saíssem de uma ferida fresca.

Renard tentou sentar-se também, reunir a coragem necessária para olhá-la no rosto. Seus olhos, enormes e escuros, rodeados por aqueles cílios impossivelmente cheios, estavam cheios de lágrimas. E de ódio por si mesma.

Um sentimento que ele também sofria.

—Quem dos dois cometeu o maior pecado? Perguntou ela, lutando contra o pranto. —Você por romper o celibato dos votos que ainda não tomou? Ou acaso meu pecado é pior, por tentá-lo até o ponto que nem sequer um bispo poderia controlar?

Já era tarde para lhe explicar que teve a intenção de pedir a Eduardo que anulasse a nomeação e o liberasse de seus votos. Nem sequer ele, acostumado a negociar com reis, poderia convencê-la.

Agarrou a adaga e sentiu que lhe marcava na mão a marca da margarida gravada nela.

Desejava abraçá-la, mas tinha renunciado a esse direito.

Como pôde acreditar que poderia casar-se como qualquer homem? Não merecia ser bispo nem tampouco marido.

—Possivelmente foi meu cabelo que o tentou — seguiu falando Katrine enquanto caminhava de um lado a outro do aposento. —Tentei mantê-lo coberto, você sabe que tentei. Que castigo eu devo receber da igreja pelo pecado de me deixar seduzir por um de seus membros? Possivelmente o bispo de Clare queira escutar minha confissão e me impor penitência... ou possivelmente queira comprovar pessoalmente meu pecado para poder julgá-lo.

—Pare — ele também ficou em pé e embainhou a adaga. —Não é você que deve receber um castigo.

Sentiu um frio gelado no estômago, o mesmo que o tinha invadido ao olhar pela amurada do navio que o afastava de seu lar. Entrar naquelas águas escuras era cair no esquecimento sem esperança nem possíveis indultos.

Katrine o olhou e se pôs a rir amargamente.

—Então quem? Você? E qual será esse castigo?

Encheu seus olhos com aquela imagem dela, valente, apaixonada, temerária, e se impôs sua condenação.

—Viver no inferno que será o mundo sem você. Deu meia volta e saiu dali, às escuras águas do mundo sem Katrine.

No final da escada, Renard pôs a mão na parede para retomar o equilíbrio, mas em lugar de pedra tocou o tecido de uma tapeçaria. Arrancou-o da parede e rasgou o quanto pôde. Outra coisa que destroçava essa noite.

—Onde está Van Artevelde? Perguntou-lhe um mensageiro, visivelmente alterado.

—Calma moço. O que ocorre?

—O castelo de Douvre caiu — anunciou ao mesmo tempo em que dava um pergaminho selado.

Douvre. O castelo desse vassalo no qual, o irmão da rainha, não se atreveu a confiar.

O selo não tinha marca alguma. Renard o leu a toda pressa. O vassalo saiu no meio da noite, certamente bem carregado de ouro. Ao amanhecer, os franceses só tiveram que entrar livremente.

"Quem poderia sabê-lo? Quem a não ser os membros do conselho sabia da debilidade de nossas defesas?"

Leu a última linha com a frieza que dava a certeza.

"Procurem o traidor nas formas de uma mulher. A mulher cuja família apoia a corte de Felipe".

Tampouco havia assinatura.

"Katrine. Katrine sabia por que eu o disse".

Tinha confiado nela. Tinha-a deixado ir e vir livremente. Tinha-lhe contado seus segredos e ela o traiu. Agora sua debilidade ocasionou algo mais que um inferno para ele.

Tinha posto em perigo o seu rei.

Capítulo 27

—Como pode acusá-la de algo assim? Jack estava em pé junto ao fogo.

Renard levou a carta ao conselho e depois tinha preso Katrine na torre, de onde não poderia sair sem a escada. Os guardas que estavam postos na porta impediriam Renard de entrar e assim não se deixaria tentar de novo.

—O rei Eduardo cruzará o canal em menos de quinze dias — recordou a seu amigo. —Não se podem filtrar mais segredos ao inimigo.

Jack soprou com frustração.

—Dizer que ela surrupiou esses segredos é como dizer que me obrigou a beijá-la.

—Pode ser que o fizesse — Jack era o único que conhecia sua culpa. —Mentiu para mim.

—E você para ela.

—Tinha que fazê-lo — embora merecesse tudo o que lhe havia dito, porque nem todas as mentiras foram para proteger a seu rei. Não lhe havia dito que seria nomeado bispo para proteger a si mesmo. Qual dos dois era pior?

—Está cego, meu amigo.

Jack tinha razão. Katrine não lhe tinha surrupiado nada, foi sua própria debilidade que o tinha traído. Apesar de tudo o que aconteceu, seguia desejando confiar nela. Desejava que pudesse demonstrar sua inocência.

A chegada do bispo interrompeu a conversa e ele empurrou Jack para o aposento de maneira imediata. Renard o saudou com correção, mas não fez a menor ameaça de lhe beijar o anel.

—Suponho que estará de acordo comigo em que terá que fazer justiça no assunto dessa Katrine do Gravere. Posto que Flandres reconheceu o rei Eduardo, devemos fazê-lo nós. Reuni o conselho e decidimos convocar um tribunal para julgá-la. O bispo se aproximou de uma cesta com tâmaras e pegou uma. Enquanto Renard o escutava sem piscar. —Van Artevelde representará Flandres, eu à igreja e você o rei.

—Quais são as acusações? Sua voz soava longínqua inclusive para seus próprios ouvidos.

O bispo o olhou com fingida surpresa.

—A acusa de espionar para os franceses, é claro.

O nó que tinha no estômago aumentou.

—Só temos uma acusação anônima.

—Apoia a uma traidora?

—Só pretendo analisar as consequências de semelhante julgamento. É cidadã de Gante. Uma condenação apressada poderia pôr ao povo contra do rei.

—Duvido-o muito. Acharam ao vassalo de Douvre — o bispo o observou atentamente antes de continuar, como se não estivesse seguro de que deveria contar — foi executado ao amanhecer — acrescentou com um sorriso. —E esquartejado.

Renard fechou os olhos, mas então viu Katrine ao final de uma corda. Abriu-os imediatamente.

—Muito conveniente. Assim não poderá nos dizer quem o ajudou.

—Bom isso nós já sabemos, não lhe parece? O bispo era como um gato que brincava com a comida antes de levá-la à boca.

Também tinha olhos de gato, amarelos e finos, como os de um gato a ponto de lançar-se sobre sua presa.

—Desconfiei dela desde o começo — continuou dizendo, com esse olhar felino. —De fato, muitos pensariam que é suspeito. Estava encarregado dela. Como é possível que pudesse receber essa informação e logo passá-la ao inimigo diante de seu nariz?

A ameaça do bispo lhe gelou o sangue.

—Não sei.

O bispo moveu a mão sutilmente, justo para que Renard se fixasse no anel.

—Seria uma lástima ter que revogar a carta que enviei ao Santo Papa.

Renard apertou os punhos até sentir dor, uma dor que anulasse o frio que sentia no estômago e lhe impedisse de lançar-se ao pescoço daquele hipócrita. No dia anterior teria se alegrado de poder renunciar ao anel de bispo. Agora era o único que restava.

—E se as provas demonstrarem sua inocência?

—Parece-me que isso é impossível — disse justo antes de meter a tâmara na boca.

Renard não compreendia nada. Quem era Katrine? A mulher que teve em seus braços, aquela a que podia amar e em que podia confiar? Ou a que chamou seu tio para que o apanhasse? Teria mentido também sobre aquela noite?

Não podia abandoná-la nas mãos do bispo, mas tampouco podia pôr em perigo seu rei.

—Fixem uma data para o julgamento.

Katrine se despediu de Merkin e viu suas lágrimas com uma estranha sensação de indiferença.

Iriam julgá-la a e não poderia usar nenhum tipo de touca. Nas semanas que passaram desde sua acusação, só conseguiu inteirar-se de que receberam uma carta de seu tio.

Nada mais.

Sabia que os navios do rei Eduardo tinham derrotado a maior parte da frota francesa e que a rainha e suas damas tinham viajado à costa para recebê-lo. Ela também acreditaria que ela era culpada? Não sabia por que não tinha visto ninguém.

Tampouco Renard.

Ela mesma o expulsou de seu quarto e de sua vida com a crueldade de suas palavras. Tinha utilizado seu maior segredo para atacá-lo. Jamais a perdoaria.

Nem acreditaria que continuava amando-o.

Chegou à sala ladeada por guardas. Ao ouvir os murmúrios das pessoas, Katrine se sentiu como Santa Catalina, julgada por cinquenta mestres pagãos da antiga Alexandria. A Santa os tinha surpreendido com seu conhecimento e conseguiu convertê-los à fé de Cristo. Mas Santa Catalina era virgem: Katrine tinha renunciado ao direito de contar com a ajuda de Deus.

Subiu ao estrado e olhou para aqueles que iriam julgá-la: Van Artevelde, o bispo e Renard.

Van Artevelde a observava com gesto amável, conhecia sua família: sem dúvida a apoiaria. O bispo a olhava como se fosse uma presa deliciosa que estava desejando devorar. Katrine o rechaçou, sem dúvida aproveitaria a ocasião para vingar-se dela.

Seu destino estava nas mãos de Renard.

Seu rosto tinha chegado a ser como um livro aberto para ela. Entretanto, nesse momento, não conseguia decifrar o significado de seu olhar. Tinha reconhecido sua paixão, oculta durante tanto tempo. Tinha-a reconhecido, liberado e amado.

Para ele, esse era seu grande delito.

O bispo foi o primeiro a falar:

—Lady Catherine de Graverie é acusada de traição ao rei Eduardo, legítimo soberano da França e senhor do Flandres. A pena é a morte.

A cabeça começou a lhe dar voltas e adormeceram as mãos.

—O que acham que fiz?

—Tinha informação de que o vassalo de Douvre era desleal ao rei Eduardo e comunicou tal informação às tropas do Felipe, que o voltou contra seu legítimo senhor.

Seu olhar se deteve em Renard. Só ele sabia que lhe tinha contado tal segredo.

—Quem me acusa?

Katrine manteve o olhar cravado nos olhos do Renard e acreditou ver algo neles, amor, sede de vingança ou a sombra de uma dúvida.

—Recebemos uma carta — respondeu o bispo, depois de um longo momento no qual a devorou com o olhar. —Dizia que a responsável por tudo era uma mulher.

—Quem enviou essa carta?

—Não importa — de novo foi o bispo quem respondeu.

—E o que diz a respeito o vassalo de Douvre?

—O vassalo está morto — dessa vez foi Renard quem respondeu.

—E por que pensam que essa mulher sou eu?

No rosto do bispo voltou a aparecer aquele gélido sorriso.

—Seu tio luta nas filas de Felipe e sua posição aqui lhe dá acesso à informação. Fala com desconhecidos todos os dias, entram e saem como jamais faria nenhuma mulher da nobreza. Desfruta de oportunidades que não teria nenhuma mulher decente.

—Não temos mais prova que uma carta anônima — indicou Renard, com evidente tensão.

—Pode ser — aceitou o bispo, sorrindo. —Possivelmente deveríamos perguntar a você.

Renard não reagiu de modo algum a aquela sutil acusação. Era Renard ou seu tio que desejava sua morte?

—Vai me condenar sem me permitir falar?

—Por favor, lady Katrine — disse a voz amável de Van Artevelde. —Diga o que tiver que dizer.

Ouviu-se um novo murmúrio entre os pressentes, que pareciam estar de acordo escutando-a. A única opinião que importava era a de Renard, só esperava que escutasse suas palavras e a perdoasse pela dor que lhe causou, isso era quão único lamentava.

—Sou inocente — começou a dizer lentamente, com as mãos apoiadas no vestido. —O bispo me acusa porque caminho com a cabeça erguida, porque faço roupa com a marca da margarida como faria qualquer homem. Todo isso é certo, mas não é nenhuma traição.

De repente via tudo mais claro. Levou toda a vida deixando que a condenassem por ser o que era. Não seguiria fugindo. O tempo que passou com Renard a fez aprender ao menos isso. Se fossem condená-la, que fosse pela verdade.

—O negócio está em minhas mãos porque meu pai não tem nenhum irmão no qual pudesse confiar e porque ele está até o dia de hoje, preso em um cárcere inglês — as suas costas, o público murmurou, recordando quando os ingleses não eram aliados, mas adversários.

—Então têm um bom motivo para odiar ao rei.

—Eu pretendia ganhar o favor dos ingleses para que aceitassem meu pedido e libertassem a meu pai. Jamais poria sua vida em perigo com um comportamento tão estúpido. Mas meu tio se apresentou na cidade no dia do batismo do príncipe e...

O bispo não a deixou terminar.

—Isso não há quem acredite! Estaria louco se fizesse algo assim.

—Muito louco — continuou ela. —Me pediu que espionasse para ele e eu me neguei.

—Embora lhe acreditássemos — disse Van Artevelde, com olhar desconcertado — temos uma carta em que se afirma que a traidora é uma mulher cuja família luta com Felipe. Quem poderia enviar isso sem ser verdade?

—Ele. Quando me neguei a fazer o que me pedia me ameaçou dizendo que o tinha feito.

—Por que nunca contou a ninguém tudo isso? Perguntou-lhe Renard.

—Temia que ninguém acreditasse em mim.

O silêncio do jurado confirmava seus temores.

—Ele é de sua família — disse Van Artevelde. —Deve ser muito difícil lhe dizer que não.

—Tinha que fazê-lo — Katrine respirou fundo e continuou falando, dirigindo-se unicamente a Renard. —Neste tempo conheci bem aos ingleses. Tive em minhas mãos o príncipe quando acabava de vir ao mundo.

Renard piscou e isso lhe deu forças para continuar. Sua imagem apareceu imprecisa ante ela, através das lágrimas, mas disse suas últimas palavras com um nó na garganta.

—Entre os ingleses há pessoas a quem amo. Jamais os trairia.

Capítulo 28

Renard apertou com tal força a cadeira em que estava sentado que lhe doeu a mão. Katrine teve a coragem de mostrar seu verdadeiro eu e seus verdadeiros sentimentos ante todos. Essa foi sempre sua debilidade. E o que mais amava Renard dela.

Pegava-se à cadeira para não correr a seu lado. A imagem de seu cabelo, exposto à vista de todos, era como ver uma carta de amor pendurada em uma rua da cidade.

—Bonita história, lady Katrine — a detestável voz do bispo chiou nos ouvidos do Renard. — Mas difícil de acreditar à vista dos fatos.

Ante uma sala cheia de inimigos, ela secou as lágrimas com a manga do vestido.

—Que fatos, bispo? Sua voz, mais tranquila do que caberia esperar, tinha o tom que utilizava quando achava que Renard estava mentindo a si mesmo. —Eu só ouvi falar de uma carta sem assinatura nem remetente.

Renard tinha começado a suar. Ninguém devia vê-lo. Ninguém devia saber o que sentia.

Quem era a verdadeira Katrine? Tinha-a visto na oficina, na rua, em seu dormitório, se tivesse planejado traí-lo, ele o teria notado.

Acaso não lhe tinha dado de comer, tinha-o banhado e seduzido para mantê-lo junto a ela e traí-lo? Ainda recordava os golpes na porta e seu tio lhe pedindo que lhe abrisse a porta. Também então tinha culpado a ele.

—E Sobre o verão passado? — perguntou-lhe, impulsionado pela obrigação e a dúvida. — Acaso não comprometeu as negociações secretas, quando um importante negociador inglês esteve a ponto de ser detido?

Katrine o olhou sem piscar, apertando a saia do vestido com ambas as mãos.

Van Artevelde fechou os olhos um instante e guardou silêncio. O bispo, entretanto, estava a ponto de ficar a dar saltos de alegria.

—Vá, vá, lady Katrine, parece que esta não é sua primeira ofensa contra o rei — as palavras eram para o Katrine, mas o sorriso ia dirigido a Renard. —O que têm que dizer?

Primeiro baixou os ombros, mas em seguida levantou bem a cabeça e afastou o cabelo do rosto, sem vergonha, sem culpa alguma. Olhou a Renard como se sempre soubesse que seria sua salvação ou sua morte.

—É Renard quem me acusa. Deixemos que ele fale. Parece que não pode afastar sua adaga de minha garganta.

O amor, a culpa e tudo o que não queria sentir, mas sentia, pulsaram dentro dele.

O olhar do bispo foi de Renard a Katrine.

—Talvez, lady Katrine, não seja você a traidora — começou a dizer com uma voz com a qual, certamente, conseguia que os fiéis confessassem pecados que nem sequer tinham cometido. — Possivelmente o traidor seja a pessoa que lhe contou as debilidades do castelo. Diga-nos quem lhe disse isso. Teremos clemência com você.

Katrine seguiu seu olhar gelado até Renard. Seus olhos se encontraram com os dele.

Estava apanhado.

"Nunca subestime ao inimigo", recordou-se Renard, olhando ao bispo. Clare queria a ambos, mas se contentaria com qualquer um dos dois. Quão único tinha que fazer Katrine era dizer a verdade: ela ficaria livre e ele seria executado.

"Não me importa se é culpada ou não. Não posso deixá-la morrer".

—Têm razão, Excelência — disse, ficando em pé. —Eu lhe disse que o castelo de Douvre era vulnerável. A culpa é minha. Deixem-na livre e me detenham.

Houve um grande estrondo na sala, mas ele só podia ver os olhos de Katrine, uns olhos cheios de amor e de angústia. Sentiu que o anel de bispo e inclusive a própria vida lhe escapava das mãos e teve a certeza de que valia a pena.

—Bom, parece que a conspiração é mais grave do que acreditávamos — anunciou o bispo com verdadeiro deleite. —Está comprometido o homem no qual mais confia o rei.

—Isso não é verdade — assegurou Katrine de repente, a ponto de lançar-se contra o bispo, coisa que certamente teria feito se os guardas não a tivessem impedido.

—Acredito que o rei teria algo a dizer a respeito — interveio Van Artevelde. —Deveríamos esperar a sua volta.

—Não podemos esperar quando está em perigo a segurança de sua coroa — Clare deu o sinal aos guardas para que os capturassem a ambos. —Dê a eles a morte que merecem como traidores.

Katrine escapou dos guardas e se ajoelhou aos pés do bispo.

—Contarei sobre Merkin! Direi que...

Renard a pegou.

—Não, Katrine — ninguém acreditaria agora. —Deixa-a, Clare. É a mim a quem quer.

Uma voz nova irrompeu no caos.

—Não podem deixá-la livre! Essa mulher é culpada!

Um homem robusto e suarento abriu caminho entre a multidão com o olhar aceso.

Katrine ficou pálida.

—Quem é você? — perguntou-lhe o bispo.

—Charles, barão de Gravere. O tio da acusada.

Renard o odiou imediatamente e, a julgar pelo modo em que tinha irrompido em um tribunal inglês, devia ser capaz de tudo o que Katrine havia dito.

—Acusa sua própria sobrinha? Perguntou-lhe Renard.

—No verão passado encontrei um tapa-olho de seda vermelha e soube, imediatamente, que estava cobrindo a um espião inglês.

Renard não pôde evitar sorrir. Aquele homem estava completamente louco.

—Cobrindo? Dá a impressão de que, lady Katrine, estava apoiando o Eduardo desde começo — Renard fez um gesto aos guardas, que se apostaram um a cada lado do barão.

—Negava-se a fazer o que eu lhe pedia — murmurou. —Nunca quis fazer o que eu desejava.

—Então parece que aqui o traidor é você e não lady Katrine — Renard mal podia ocultar a felicidade que sentia. —O que ocorreu realmente no castelo?

—O vassalo — disse o barão, em um momento de clareza mental. —Foi ele quem enviou a carta.

Renard se voltou para olhar Katrine, mas falou com a sala.

—Lady Katrine é inocente, como ela afirmou em todo momento e o traidor se entregou.

Junto a ele, o barão começou a balbuciar de novo, completamente imerso de novo em sua loucura.

—Negava-se a deixar que a fizesse minha. Igual a sua mãe. Deveria tê-la matado então. Tive que matar sua mãe e deveria tê-la matado também.

Dos lábios de Katrine saiu um grito abafado e teria caído ao chão se Renard não a tivesse agarrado.

Os guardas levaram o barão enquanto gritava em favor do rei Felipe. Van Artevelde deu por terminada a audiência e as pessoas começaram a abandonar a sala.

Só o bispo ficou ali, sem mover-se. Renard o olhou com desprezo. Aquele hipócrita esteve disposto a condenar a uma mulher inocente só para conseguir seus próprios propósitos.

Nem os de Deus, nem os do rei. Só os seus.

Renard pensou de novo no anel de bispo, imaginou o peso que suporia levá-lo sempre e se deu conta de que não sentia o menor desejo de ter tal poder. Eduardo teria que buscar outro aliado.

Katrine lhe ensinou por fim a aceitar-se tal como era.

Poderia perdoá-lo por duvidar dela?

Capítulo 29

Katrine caminhava sem mal dar-se conta de que Renard o fazia a seu lado. Seu tio tinha assassinado a sua mãe. Quanto ia seu pai chorar ao inteirar-se.

—Teria me matado também — sussurrou. Possivelmente no fundo sempre o soube.

Quantas vezes havia lhe dito que era igual a sua mãe. Mas não era verdade, nem sequer era como a mulher que tinha feito aquele trato com Renard um ano antes, essa mulher que cobria o cabelo só porque seu tio o odiava.

Quando se detiveram viu que se achava em frente à casa de Van Artevelde. Olhou Renard no rosto e se perguntou por que deixou que cuidasse outra vez dela. Agora seria mais duro separar-se dele.

Depois de tantas mentiras e traições, poderia perdoá-la?

—O que lhe disse... não deveria havê-lo feito. O fiz porque estava machucada — e queria que ele sofresse tanto como ela.

Renard tomou a mão.

—Vamos à torre e falemos com calma. Eu também...

Seus olhos lhe diziam o que sua língua não podia expressar. Aqueles olhos azuis, empapados de emoções que já não escondiam.

"Direi adeus. Despedir-me-ei dele e logo deixarei que volte para a Inglaterra para recolher seu anel".

Subiram à torre em silêncio e, uma vez ali, olharam-se o um ao outro uns segundos.

—Decidi não aceitar o bispado — anunciou ele.

—Por meus pecados?

—Não. A resposta não deixava lugar a dúvidas. —Não cometeu nenhum pecado que eu não tenha compartilhado com você, mas há outros pelos quais deve me perdoar. Por ter duvidado de você — se aproximou para abraçá-la. —Não posso entregar minha vida à igreja porque já entreguei isso a você.

Viu em seus olhos toda a verdade que sempre tinha desejado.

—Pedi-me o final da história — continuou dizendo. —A bola de cristal de Renard era uma mentira. Não tinha nada para oferecer à rainha, assim como eu não tenho nada para oferecer a você. Nem terras, nem título, nada. O bispado seria a recompensa por meus serviços a Eduardo.

—Ainda não compreende? Não espero nada de você. Adão não tinha terras e Eva não tinha nenhum título. Quão único devemos nos dar é o um ao outro.

Um sorriso curvou seus lábios.

—Suponho que sabe que Adão e Eva foram expulsos do paraíso.

—Ao mundo no qual vivemos você e eu.

—De onde tirou tanta coragem?

—De seu amor.

A paixão lhe iluminou os olhos com os quais a olhou enquanto a abraçava, enquanto a despia e enquanto lhe fez o amor suavemente.

Ela o amou como se fosse a última noite do mundo que compartilhavam.

Porque o era.

"Só uma noite mais. Depois devo deixá-lo partir".

Depois, Katrine permaneceu em seus braços, entre o sonho e a vigília, satisfeita e cheia de amor. Empapou-se de seu aroma, do aroma do amor que compartilharam porque queria recordar cada momento, cada carícia e cada palavra para poder evocá-las depois.

Queria recordar suas mãos, acariciando-a, da curva do pescoço a esse doce lugar que se escondia entre suas pernas. Avivando sua paixão e saciando-a com igual intensidade. Queria recordá-lo dentro de si e desejava que sua semente arraigasse em seu interior, embora ao mesmo tempo pedisse a Eva que não o fizesse.

Renard trocou de posição, libertando-a de seu peso. Assim como ela iria libertá-lo.

Havia-lhe dito que não tinha nada, mas não era verdade: o rei Eduardo não abandonaria ao homem que lhe tinha dado Flandres e que, além disso, tinha o mesmo sangue nas veias. Se Renard renunciava à cadeira de bispo, Eduardo o emparelharia com alguma viúva rica ou lhe daria algum título nobiliário.

Qualquer dessas coisas iria melhor que uma mulher com restos de lã sob as unhas.

Possivelmente a tivesse perdoado e inclusive podia ser que a amasse, mas Katrine se conhecia bem agora. Amava seu trabalho mais do que quereria nunca a vida que levaria com ele. Renard necessitava outro tipo de mulher. Alguém que não gritasse de pura felicidade cada vez que se unissem.

Quando despertasse se daria conta de tudo isso, a veria e se arrependeria de suas promessas.

"Se partir agora, nunca terei que ver o arrependimento em seus olhos".

Levantou-se da cama sigilosamente e colocou o vestido de lã marrom, sem sequer se incomodar em recolher o cabelo. Em sua bolsa colocou tão somente o quadro de sua mãe, a escova e o espelho da margarida. Jamais voltaria a vê-lo sem pensar na adaga, em seu companheiro.

Do alto da escada se voltou para olhá-lo uma última vez.

Continuava dormindo placidamente.

Seguiu degrau a degrau e, uma vez no chão, desceu a escada.

Capítulo 30

Já antes de abrir os olhos, Renard soube que Katrine partira. Até o ar tinha ficado vazio sem ela. Ainda não havia clareado seus pensamentos quando ouviu uma voz de homem, que não reconheceu procedente do piso inferior.

—Katrine, está aí?

Levantou-se da cama de um salto e vestiu a roupa que tirara no ardor da paixão. Voltou-se ao ouvir a voz. Era de um homem idoso, emocionado, impaciente.

—Katrine, sou eu. Está aí?

A escada rangeu sob o peso de alguém que subia.

Renard mal tinha terminado de vestir a camisa quando se achou, frente a frente, com um homem de cabelo cinza, olhos castanhos e umas pestanas tão abundantes como as de Katrine.

Sir Denys de Gravere tinha voltado para casa.

E o olhava como se estivesse vendo um fantasma.

—Quem é? — perguntou-lhe. —É como se meu sócio houvesse voltado a nascer.

Com a adaga na mão, Renard se alegrou de que não lhe perguntasse que fazia nos aposentos de sua filha.

—De onde tirou isso?— Havia desconfiança em sua voz.

—Da mesma mulher que lhe deu o espelho.

O pai de Katrine assentiu.

—Então houve um menino. Giles nunca teve certeza disso — seu olhar não se afastava dele.

—Que nome lhe deu?

—Renard.

— Não podia lhe dar seu nome, mas o batizou em sua honra. "Renard" significa raposa em francês. "Vos" é raposa em flamengo.

A ideia lhe alegrou profundamente e se perguntou como não se deu conta antes. Sua mãe tinha deixado seu segredo à vista de todos e, entretanto ninguém o viu.

O olhar de sir Denys por fim percorreu o aposento.

—Não sei se é muito perguntar, mas, onde está Katrine?

—Acredito que voltou para a Rua High Gate — ao único lugar onde se sentira segura até que ele tinha posto em reverso todo seu mundo. Mas ainda seguiria fazendo-o.

De Gravere ficou em silêncio, mas Renard viu todas suas perguntas refletidas em seu olhar.

—Vamos juntos — lhe sugeriu Renard. —Deve saber muitas coisas sobre o ocorrido nos últimos meses.

Enquanto caminhavam para a loja, Renard lhe contou como chegou à oficina de Giles e lhe falou também do julgamento e da confissão de Charles. Não lhe disse nada de Katrine e ele. Escutou seus lamentos sobre a morte, o assassinato de sua esposa.

—Por favor — lhe disse Renard, depois de um momento de silêncio — me fale de meu pai.

—Era um homem cheio de energia e vigor. Um verdadeiro artista no tear — recordou com um sorriso. — Dizem que os tecedores são inteligentes porque têm muito tempo para pensar. Certamente isso era certo no caso de Giles.

—E o que sabe dela? Nem sequer agora podia chamá-la "mãe".

—Eu só a conheci através de seus olhos. Tinha ficado viúva depois de vinte anos de matrimônio com um homem ao qual não amava. Supunha-se que Giles estaria em Bruxelas durante uma semana. Eu não o vi durante seis. Nunca falou daquele tempo, mas não voltou a ser o mesmo depois.

—Mas não veio em minha busca quando ela morreu — não pôde ocultar a amargura que sentia.

—Giles não sabia, sua mãe escondeu-o bem. Um príncipe pode deixar bastardos por onde queira, mas uma princesa...

Pela primeira vez em sua vida, pensou que sua mãe teria necessitado de mais paixão e mais coragem para arriscar-se a encher sua vida em lugar de esvaziá-la.

Agora ele tinha essa coragem.

—Alguma vez falava dela?

—Só com seu trabalho. Criou o tecido da duquesa e o enviava cada ano em uma cor diferente, até que ela morreu. O último ano era azul índigo, a cor de seus olhos. E dos seus.

Tinham chegado aos teares. Renard viu Katrine através da janela, sentada ao tear. Seu cabelo caía em cascata por suas costas.

De Gravere se voltou a olhá-lo.

—Vai pedir que se vá com você?

Uma vida inteira ocultando-o tudo e, em só uns minutos, aquele homem sabia tudo dele sem necessidade de palavras.

—Vou pedir-lhe. Mas não sei se ela virá.

Sir Denys assentiu.

—Deixe-me vê-la antes.

O grito de alegria de Katrine chegou aos ouvidos de Renard enquanto se afastava.

Algumas horas depois, quando Katrine estava sozinha, Renard entrou na loja com uma laranja na mão.

—Tenho uma oferta para lhe fazer, *ma petit* — anunciou e continuou sem lhe dar oportunidade de responder. — Se deixa passar a ocasião... — limpou a garganta. — Não a oferecerei a ninguém.

A esperança iluminou seu rosto.

—O que me propõe?

—Teçamos juntas nossas vidas — conteve a respiração, tentando decifrar seu olhar e seu silêncio.

—Tem certeza? Não sou a mulher perfeita. Trabalho com lã, sou muito franca — mordeu o lábio inferior, mas não afastou o olhar. —E são raras as vezes que consigo controlar minhas emoções e a paixão que sinto.

—Não quero nenhuma outra mulher. Sua paixão me ensinou a aceitar a minha — disse, sorrindo. —Minha adaga só pode emparelhar-se com um espelho.

—Mas o rei o recompensará de algum modo. Se não for um bispado, será uma esposa digna de sua origem.

Renard lhe acariciou a face e a olhou nos olhos, sem lhe ocultar nada.

—Depois de todo o ocorrido, ainda não sabe que para mim não há ninguém melhor que você?

As lágrimas começaram a banhar seu sorriso.

—Mais que uma mulher da realeza?

—Não necessito de nada disso. Sou filho de Giles de Vos e quero ocupar seu lugar no tear com você a meu lado. Venha comigo a Inglaterra, façamos nosso próprio Jardim do Éden.

Estendeu-lhe a laranja e conteve a respiração, à espera de ver se a aceitava.

Um ligeiro sorriso curvou seus lábios.

—Normalmente se oferece uma maçã — pegou a laranja sem deixar de sorrir. —Se disser que sim, conseguirá a lã que necessito?

—Se disser que sim, terá tanta lã cisterciense quanto possa tecer.

Katrine se abraçou a ele e o olhou nos olhos, lhe transmitindo todo o amor de seu coração.

—Como sei que posso confiar em você?

Renard a estreitou em seus braços e sorriu como nunca antes o tinha feito.

—Só tem que olhar na bola de cristal no qual se converteram meus olhos. Neles verá a verdade.

Fim

Epílogo da Autora

Muitos dos acontecimentos e os personagens deste relato fazem parte da história real, incluindo o embargo de lã do rei Eduardo, a embaixada do bispo, embora não o nome que eu lhe dei, a batalha pelo apoio de Flandres, o assassinato de Sohier de Courtrai por conspirar com os ingleses, a ascensão de Jacob van Artevelde e o nascimento de John de Gante, embora ocorresse depois da data que eu dou aqui. Os contos de Renard a Raposa eram muito populares na França e nos Países Baixos.

Espero que, os estudiosos deste período histórico, saibam me perdoar pelas licenças artísticas que tomei. Condensei acontecimentos passados ao longo de vários anos em um só e utilizei o parto da rainha Philippa e o nascimento e batismo do príncipe para que encaixasse com minha história. É certo que o rei Eduardo viajou uma vez a França disfarçado de mercador embora não, que eu saiba, como se conta aqui.

A palavra "bola" começou a usar-se cem anos mais tarde, mas "esfera de cristal" não tinha a carga poética que eu procurava.

Renard e Katrine são, é claro, criações de minha imaginação. A história não recolhe nenhum filho ilegítimo de Margaret, duquesa de Brabante, filha de Eduardo I. Os filhos ilegítimos do duque, entretanto, aparecem em muitas crônicas históricas.

Na época em que acontece esta história, chegaram à Inglaterra alguns tecedores flamengos. Com o tempo, Inglaterra ocupou o lugar de Flandres como maior produtor de tecido de lã do mundo.

Eu gosto de pensar que Renard e Katrine contribuíram para que assim fosse.